

Juliana Achcar

“TÁ NA HORA DE CHAMAR A *SUPERNANNY*”?

**UM ESTUDO DE RECEPÇÃO SOBRE OS DILEMAS
CONTEMPORÂNEOS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-graduação em Educação da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Educação

Orientadora: Prof^a Dr^a Gilka Girardello

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Achcar, Juliana

?TÁ NA HORA DE CHAMAR A SUPERNANNY?? : UM ESTUDO DE
RECEPÇÃO SOBRE OS DILEMAS CONTEMPORÂNEOS NA EDUCAÇÃO DE
CRIANÇAS / Juliana Achcar ; orientadora, Gilka Girardello
- Florianópolis, SC, 2013.
176 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Educação de Crianças e Família. 3.
Televisão. 4. Recepção. 5. Programa SuperNanny. . I.
Girardello, Gilka . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**"TÁ NA HORA DE CHAMAR A SUPERNANNY?": UM ESTUDO DE RECEPÇÃO
SOBRE DILEMAS CONTEMPORÂNEOS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS"**

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso
de Mestrado em Educação do Centro de
Ciências da Educação em cumprimento parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 09/08/2013

Dra. Gilka Elvira Ponzí Girardello (CED/UFSC-Orientadora)

Dra. Mônica Fantin (CED/UFSC-Examinadora)

Dr. João Josué da Silva Filho (CED/UFSC-Examinador)

Dra. Denise Cord (CFH/UFSC-Examinadora)

Dra. Juliane Di Paula Queiroz Odinisio (UDESC-Suplente)

Gilka Girardello

Mônica Fantin

João Josué da Silva Filho

Denise Cord

Juliane Di Paula Queiroz Odinisio

JULIANA ACHCAR

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/AGOSTO/2013

Profa. Rosalba Maria Cardoso Garcia
Coordenadora do PPGE/CED/UFSC
Portaria nº 1317/GR/2012

Dedico este trabalho a todas as
pessoas que, algum dia, se permitiram
ter dúvidas ao educar uma criança

AGRADECIMENTOS

À Iara, Maria, Pietra, Priscila e Rosa que, com coragem, compartilharam comigo suas dores e alegrias do cotidiano na educação de crianças.

À Gilka, agradeço pela oportunidade de crescimento e de liberdade proporcionada durante os momentos de pesquisa e de escrita. Agradeço especialmente pelo seu carinho, confiança e dedicação em cada troca, encontro e leitura.

Ao Habibis, por seu companheirismo amoroso, pela tranquilidade oferecida nos momentos difíceis, pelas risadas do dia a dia. Este trabalho é também fruto das nossas intermináveis conversas sobre educação de crianças, que continuarão fazendo parte de nossas vidas.

Ao meu pai Eduardo que, com muitas pitadas de humor e de confiança, aguardou ansiosamente a conclusão deste trabalho. Agradeço também pelo apoio emocional e suporte material, oferecidos com tamanha generosidade quando necessário.

À minha mãe Cleide, mulher forte e guerreira, que tanto me ensinou sobre esse tema hoje tão rico pra mim.

Às minhas irmãs, Tati e Cris, pela cumplicidade em compartilhar suas experiências enquanto meninas, mulheres e mães.

Aos professores dessa banca: Monica Fantin e João Josué, pelas certas colocações durante a qualificação e na leitura desse trabalho e às professoras Denise Cord e Juliane Odinino, pela disponibilidade de participação nessa etapa tão fundamental do mestrado.

Ao Professor Lucídio que, desde a graduação, acompanha e incentiva minha trajetória acadêmica com amizade e sabedoria.

À Vivi, pela alegre parceria e por fazer questão em estar perto nos momentos em que estive longe.

Aos colegas do NICA (Núcleo Infância, Comunicação e Arte) que, em suas diversidades, apimentaram essa discussão. Agradecimento especial ao Rodrigo, Lyana e Gabi, pelas boas conversas durante essa trajetória e à Laura, por seu incentivo e confiança ao meu caminho enquanto educadora.

Aos meus amigos da turma ECO, especialmente Gabi Falcão Klein, sempre disposta à amizade.

À Pati, Soninha e Betânia, funcionárias do PPGE, por suas contribuições também burocráticas.

Aos meus amigos Luanda, Deusnir e Fernanda, que foram pacientes aguardando minha presença em nossos encontros.

À Lyvia, Manuela, Andréia, Leandro, Luiza, Jocemara, Daiana, Kamille, Mara, pela pura amizade nos diferentes momentos da vida.

Ao Carlos, meu amigo querido que, vestido de vizinho, alimentou as solitárias tardes com prosas e quitutes.

Aos meus amigos da capoeira, que me fazem lembrar que todo dia há um novo aprendizado.

Agradeço especialmente aos meus dois sobrinhos, Pedro e Rosa Lina, que dão sentido a este trabalho pelo colorido de suas diferenças.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele.

Hannah Arendt

RESUMO

O trabalho tem como horizonte temático a ideia de que educar crianças pequenas, dentro da família, mostra-se como uma questão complexa nos dias de hoje, o que pode ser verificado pelo crescimento de manuais e outros produtos culturais que abordam o tema: livros, revistas, artigos, *sites*, *blogs*, seriados, *reality shows*. O programa de televisão *SuperNanny* é um exemplo destes materiais que têm o objetivo de “ensinar” os pais a educar seus filhos. A presente pesquisa pretende contribuir para caracterizar o cenário social e educativo em que tal Programa alcança elevados índices de audiência, e principalmente compreender como as famílias – especificamente um grupo de mães da cidade de Florianópolis - no quadro de contextos socioculturais distintos, recebem o Programa e usam as estratégias nele ensinadas no cotidiano da educação de suas crianças. Para isso, foram realizadas e analisadas entrevistas semiestruturadas com mães que fazem ou fizeram parte da audiência do Programa *SuperNanny*. A pesquisa se fundamenta teórica-metodologicamente nos estudos latino-americanos de recepção, especialmente em Martín-Barbero, e em autores como Arendt, Foucault, Buckingham, e Fischer. Nessa pesquisa evidenciou-se que, frente às mudanças das instituições que se ocupavam das crianças, dentre elas a família, há uma produção discursiva sobre a crise da autoridade familiar e a crescente busca pelo mercado de especialistas. O Programa *SuperNanny*, ao transformar os dilemas familiares em espetáculo também através das técnicas apresentadas no Programa, serviu como uma das referências para as mães aprenderem a educar seus filhos, sugerindo que parte da audiência do Programa deve-se também à falta de interlocução no cotidiano sobre a temática da educação dos filhos e às incertezas que permeiam o cotidiano das famílias na vida contemporânea.

Palavras-Chave: Educação de Crianças, Família, Televisão, Recepção, Programa *SuperNanny*.

ABSTRACT

Educating young children, within the family, appears to be a complex issue today, which can be verified by the proliferation of manuals and other cultural products that address the theme: books, magazines, articles, websites, blogs, series, reality shows. The TV show *SuperNanny* is an example of these materials that are intended to “teach” parents how to educate their children. This research aims at contributing to characterize the social and educational scenario in which such TV show reaches high audience ratings, and especially to understand how families - specifically a group of mothers from the city of Florianópolis - within different sociocultural contexts, produce meanings from the TV show and use the strategies taught on it in the daily education of their children. Semi-structured interviews were conducted with mothers who are or have been part of the *SuperNanny* audience. The research is based on theoretical and methodological Latin American studies of reception, especially in MARTÍN-BARBERO, and on other authors like ARENDT, FOUCAULT, BUCKINGHAM and FISCHER . In this research it became clear that, in the face of changes of the institutions that the children were engaged, among them the family, there is a discursive production on the crisis of family authority and the growing quest for experts. The Tv program *SuperNanny*, by turning the familiar dilemmas into an entertainment show also through the techniques presented in the program, served as one reference to the mothers learn how to educate their children, suggesting that part of the audience of the Tv Show it should also be due the lack of daily interlocution about the education of children and uncertainties that surround the daily life of contemporary families.

Keywords: Education, Children, Family, TV, reception, *SuperNanny* TV show.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO	
DILEMAS E INCERTEZAS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS: TEMAS CONTEMPORÂNEOS	25
1.1 Uma breve contextualização histórica	25
1.2 Infância na contemporaneidade	30
1.3 A produção discursiva sobre a crise da autoridade	38
CAPÍTULO 2	
O PROGRAMA <i>SUPERNANNY</i> E REFERÊNCIAS PARA PENSÁ-LO NOS ESTUDOS SOBRE MÍDIAS, CULTURA E EDUCAÇÃO	46
2.1 No ar, o Programa <i>SuperNanny</i>	46
2.1.1 Descrição de um episódio	52
2.2 Estudos brasileiros sobre o Programa <i>SuperNanny</i>	62
2.3 O Programa <i>SuperNanny</i> como <i>reality show</i>	66
2.4 “Foi a <i>SuperNanny</i> que me ensinou”: o Programa e o dispositivo pedagógico da mídia	73
2.5 Uma aproximação aos Estudos de Recepção	77
2.5.1 Uma aproximação aos estudos latino-americanos de recepção	82
CAPÍTULO 3	
CONVERSAS EM VOLTA DA MESA: A PESQUISA DE CAMPO	87
3.1 Procedimentos metodológicos, seus limites e alternativas	87
3.2 As entrevistadas	92
3.3 O que elas dizem sobre o Programa <i>SuperNanny</i>	99
3.3.1 “Você pode ver as famílias por dentro!”	99
3.3.2 “A <i>SuperNanny</i> sabe, eu não!”	102
3.3.3 “Ela comanda, ela chega e domina”	107
3.3.4 “É um recurso bacana para a televisão ter”	108
3.3.5 “Foi a <i>SuperNanny</i> que me ensinou”	111
3.3.6 “Ela tinha ações bem duras”	114
3.3.7 “Ó, vou chamar a <i>SuperNanny</i> pra vir aqui”	118
3.3.8 “Como vou ser mãe?”	121

3.3.9	“Parece que eles se mandam sozinhos, que eles não têm mãe e não têm pai”	125
3.3.10	“Tem hora de trabalhar e a hora de brincar”	134
3.3.11	“Tu és tia e és madrinha, então tu sabes que tens que educar”	138

CAPÍTULO		
CONSIDERAÇÕES FINAIS		141

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		149
ANEXOS		157

INTRODUÇÃO

Para situar o modo como a pergunta central que motivou esta pesquisa começou a tomar forma, volto alguns anos no tempo. No ano de 2003 iniciei o curso de graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina. Durante a primeira metade da graduação, fui bolsista de Iniciação Científica de um núcleo de pesquisa em movimentos sociais e educação intercultural¹, e tive a oportunidade de trabalhar junto a diversos projetos de educação popular. A seguir, tornei-me bolsista de extensão em um projeto de educação no contexto da reforma agrária (PRONERA)². Viajávamos frequentemente pelo interior do Estado para acompanhar as turmas e o trabalho pedagógico realizado pelos educadores. A cada visita pedagógica, uma cidade diferente, uma nova turma de educandos para conhecer e uma nova casa de assentados para pousar.

Através da aproximação com a cultura do campo, as diferenças entre o meio urbano e meio rural ficavam nítidas. Mas algo em comum me chamava atenção: a maioria das casas de assentados tinha televisão e as famílias tinham o hábito de assisti-la. Tal evidência me aproximou pela primeira vez das seguintes questões: o que pode ser tão interessante na televisão que nos faz dedicar tempo a ela? De que formas que uma novela, por exemplo, poderia influenciar os hábitos de uma família, uma comunidade? Compreender como negociamos e atribuímos significados para tais imagens e conteúdos presentes nas mídias permaneceu como pergunta e curiosidade, me remetendo ao âmbito dos estudos de recepção de mídia.

Com a minha formação na graduação, com habilitação em Orientação Educacional (concluída no segundo semestre de 2007), minha trajetória profissional tomou novos rumos: desenvolver e conhecer o trabalho na educação infantil em escolas fundamentadas na

¹ MOVER/UFSC: Núcleo de pesquisa em movimentos sociais e educação intercultural que identificava, em pesquisas acadêmicas, as principais questões nas relações de identidade e diferença que se desenvolvem em movimentos sociais, particularmente no âmbito das relações entre culturas étnicas, geracionais e de gênero.

² O Projeto Educação e Cidadania: Interação entre Sujeitos Educadores/as faz parte do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).

Pedagogia Waldorf³. Para mim, diferente da educação de jovens e adultos e da educação do campo, o trabalho diário enquanto professora de crianças demandou estudos sobre a infância e novas habilidades. Compreender, acompanhar e direcionar a rotina escolar me aproximou mais do cotidiano de cada família. Como recurso pedagógico, a Pedagogia Waldorf sugere que o professor faça uma visita à casa de cada criança, possibilitando um estreitamento na relação entre professor, aluno e família. Mesmo se tratando de um contexto social diferente do que tive a oportunidade de vivenciar no meio rural, também me surpreendi estando dentro do ambiente familiar desse novo contexto, ao ouvir as inúmeras perguntas que os pais/mães faziam sobre os desafios na educação de seus filhos.

Mas como todo trabalho que envolve educação exige criatividade e também seriedade, convivi com uma série de questionamentos dos pais sobre como “colocar limites” e lidar com a tão famosa “indisciplina” na educação de crianças. O que me surpreendia era onde eles encontravam parte das respostas: nas mídias televisivas, em especial em programas de televisão que “ensinam” métodos para educar as crianças. Fiquei atenta e comecei a assistir a um dos programas para saber do que se tratava. Encontrei um programa do estilo *reality show* que apresentava a ideia de transformar crianças “indisciplinadas” e famílias “desestruturadas” em duas semanas. O Programa *SuperNanny* chamou minha atenção por algumas razões: expunha em rede nacional a vida íntima das famílias e principalmente das crianças, era exibido no horário nobre da TV de canal aberto, ampliava a cada dia a audiência e lançava DVDs das temporadas para venda no mercado. Mas mais que isso: o programa tornou-se companheiro das dúvidas sobre educação de crianças dos pais de meus alunos. Enquanto pedagoga e educadora, não via outro caminho que não fosse indagar a origem de tais dúvidas: seriam as mudanças na infância, os novos modelos familiares, uma mudança na relação entre adultos e crianças, a crise na autoridade? Como as famílias recebiam esse modelo de Programa? Elas colocavam seus conselhos em prática? Questionavam-nos? Eram muitas as perguntas, que exigiram o meu retorno à pesquisa.

³ Criada por Rudolf Steiner em 1919, na Alemanha, com base nos estudos do filósofo Johann Wolfgang von Goethe, a Pedagogia Waldorf é o viés educacional da Antroposofia e pode ser compreendida como uma pedagogia que busca unir as dimensões físicas, anímicas e espirituais do ser humano.

Ao iniciar o mestrado, dei-me conta do quanto educar crianças é uma questão complexa nos dias de hoje, o que pode ser conferido diariamente nos meios de comunicação e no aumento do número de manuais de orientação que abordam o tema: livros, revistas, artigos, *sites*, *blogs*, seriados, *reality shows*. Em sua maioria, eles abordam temas como autoridade, disciplina e limite e ensinam métodos e técnicas para a educação de crianças. Dentre os muitos livros de aconselhamento para adultos sobre a educação de crianças que são hoje best-sellers, estão *Limites sem trauma*, de Tânia Zagury (2000), *Quem ama, educa*, de Içami Tiba (2002), *Domando sua ferinha*, de Christopher Green (2003), *Guia das famílias felizes*, de John Irvine (2004), *Pais e Professores Educando com Valores*, de Cris Poli (2008), *Pais Responsáveis educam juntos*, também de Cris Poli (2011). Observo que estes dois últimos são de autoria da mesma pedagoga que desempenha o papel de *SuperNanny* na série brasileira.

No Brasil, um grande número de programas de televisão sobre a temática vêm sendo transmitidos em canais abertos e fechados de televisão. No canal de televisão por assinatura GNT, entre 2011 e 2012, eram exibidos os programas *SuperNanny*, *Mothern* e *Quebra-Cabeça*. O canal por assinatura *Discovery Home & Health* apresentava o *S.O.S. Babá*, *A domadora* e *Anjinhos*. Nas emissoras de canal aberto de televisão eram exibidos nesse período o programa *SuperNanny*, produzido e exibido pelo SBT e o *Troca de Família*, produzido pela Rede Record.

Surgia para mim aí o indicativo de que a experiência educativa e os complexos dilemas presentes na relação entre adultos e crianças haviam se tornado, de alguma forma, um tema atraente para o telespectador, tomando forma em programas televisivos, como é o caso do Programa *SuperNanny*.

O Programa *SuperNanny* foi criado na Inglaterra, em 2004. Desde a primeira edição, foi apresentado por Joanne A. Frost e exibido no Brasil através do GNT, canal de TV por assinatura. O Programa *SuperNanny* tornou-se uma franquia atualmente produzida em 10 países, sendo a versão televisiva de maior popularidade de um tipo de programa destinado a ensinar aos pais formas de educar os filhos. A edição

brasileira do Programa⁴ é exibida em vinte países, ganhou o prêmio de melhor *reality show* em 2006 e foi indicada no mesmo ano na categoria Melhor Programa de TV no Prêmio Extra de TV. O Programa brasileiro é tido como referência nos demais países e foi um dos programas de maior Ibope na emissora, sendo que 105 famílias participaram do Programa e aproximadamente 30 mil famílias estavam inscritas⁵ para participar em 2012.

Conforme descrito no *website* institucional da versão brasileira do Programa em 23 de outubro de 2011, sobre a apresentadora Cris Poli:

A educadora já ajudou mais de 90 famílias diretamente no programa e outras milhares através das técnicas que ensina na TV. A cada episódio, ela atende ao apelo desesperado de pais que perderam o controle na educação dos filhos. E o que Cris Poli geralmente encontra é um casal emocionalmente desestruturado, enfrentando crianças que choram demais, brigam demais e desrespeitam demais, porque no fundo gritam por limites. E é nessa hora que a *SuperNanny* entra em ação para colocar ordem na casa. Ela mostra como organizar uma rotina, como impor regras claras e associá-las ao cantinho da disciplina e como passar a ter atitudes simples, como brincar com seu próprio filho, transformam o ambiente de uma casa. Educar uma criança pode ser muito mais saudável e divertido do que se pensa. E se você ainda não descobriu isso, tá na hora de chamar a *SuperNanny* (SBT, 2011).

⁴ O Programa, com produção nacional, era exibido desde abril de 2006, pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), canal da TV aberta, sob a direção de Ricardo Perez. Atualmente é dirigido por Adriana Cequetti. O Programa saiu do ar em abril de 2011, pois foi vendido pela emissora Channel4 para a emissora Warner Channel, conforme a entrevista que realizamos com a apresentadora, e voltou a ser exibido em julho de 2012.

⁵ Pesquisa realizada no site “O Fuxico”: (www.ofuxico.terra.com.br) e no site do “Instituto Cris Poli para o Ensino”: (<http://www.crispoli.com.br/instituto>). Último acesso em: julho de 2012.

Conforme a citação acima, no início de cada episódio do Programa, a apresentadora encontra “um casal emocionalmente desestruturado”, que “perdeu o controle na educação de seus filhos”. A partir de “técnicas” “implementadas” pela apresentadora, como o “cantinho da disciplina”, as cenas das crianças que “desrespeitam demais” vão sendo transformadas em cenas de um ambiente tranquilo e organizado. No desfecho do episódio, a apresentadora se despede e a família agradece a ela e ao Programa por terem ensinado técnicas que “transformaram o ambiente da casa”.

O sucesso do Programa e de suas fórmulas para educar as crianças de maneira “rápida” e “eficiente” podem sugerir repercussões na maneira com que os pais têm educado as crianças, uma vez que eles podem estar consumindo um modelo de educação que, para alguns autores, (cf. VINHA, BASSETO, VINCENTIN e FERRARI, 2009) promove o imediatismo e não contribui para a formação crítica e reflexiva sobre a educação das crianças. Para me aproximar destas questões, realizei uma revisão da literatura sobre o tema e que se encontra mais detalhada a adiante, porém considero necessário antes sintetizar o que encontrei para melhor situar o (a) leitor (a).

Realizei um levantamento bibliográfico nos portais da ANPEd, ANPEd SUL, Compós, Intercom, Scielo, Portal da Capes e Scirus no período de Março de 2006 a Outubro de 2011, em que busquei, especificamente, pesquisas realizadas no Brasil sobre o Programa *SuperNanny* veiculado na emissora nacional de canal aberto SBT. Dentre os seis trabalhos encontrados, três são provenientes da Psicologia, sendo que duas pesquisas (FARIA, 2008; VINHA, BASSETO, VINCENTIN e FERRARI, 2009) buscavam analisar as relações entre as técnicas apresentadas no Programa e suas relações com a teoria construtivista piagetiana sobre a formação do indivíduo. Ambas consideram que o Programa não propicia espaço para o diálogo e a reflexão, e ainda reforça a heteronomia moral através de sanções. A terceira pesquisa da área (PANIAGO e COSTA, 2009) examinou as formas de subjetivação do discurso do Programa, apontando que o Programa promove a formação de um sujeito dócil e obediente, e reforçando a governamentalidade de uns sobre os outros. No campo da Comunicação, foi publicado um artigo (MEURER, 2008) que destaca que a linguagem racionalizante do Programa é um dos fatores que faz com que o Programa seja legitimado também por pessoas que não têm filhos e que buscam no mesmo um discurso administrador da vida

cotidiana. Do mesmo autor (MEURER, 2009), foi publicada uma tese sobre o tema que, fundamentada na Teoria Crítica, chegou à conclusão de que o Programa é fruto da racionalização do cuidado infantil e mediador da incerteza dos adultos na educação das crianças. Na Educação, foi desenvolvida uma dissertação (CARVALHO, 2009) que buscou relacionar a pedagogia utilizada no Programa com a pedagogia de Freinet, concluindo que existem poucas relações entre as duas.

Essas pesquisas contribuíram para a elaboração de algumas das perguntas que eu tinha me feito anteriormente, no sentido de compreender o cenário em que o Programa opera e também compreender as diversas concepções sobre as implicações das estratégias utilizadas e suas vertentes pedagógicas e psicológicas. Nesse cenário de pesquisas sobre o tema, todas as aqui citadas fizeram análises do discurso do Programa, e nenhuma pretendeu pesquisar o âmbito da recepção, ou seja, não trouxeram elementos para compreender aquilo que procurei investigar: como esse Programa que, se seguirmos o que indicam as pesquisas citadas, serve como mediador de incertezas, reforça a heteronomia moral do indivíduo, pretende manter a ordem em seu discurso de subjetivação e pouco se liga à pedagogia de Freinet, é significado no cotidiano de pais que estão envolvidos diretamente na educação de crianças?

Se, na perspectiva crítica de algumas das pesquisas citadas, esse Programa não apresenta qualquer fator que possa ser considerado positivo, o que buscam os pais/mães ao assisti-lo? Existe entre eles a cultura de transpor para a prática as técnicas e os discursos ensinados no Programa? São fórmulas aplicáveis o que eles buscam e encontram ali? Como pais/mães o usam, quais os sentidos atribuem ao Programa, como o ressignificam no cotidiano com as crianças?

Do cerne desta discussão nascem as perguntas de nossa pesquisa: **Que sentidos os pais/mães produzem a partir de sua recepção do Programa *SuperNanny* e como eles os utilizam na educação das crianças em suas famílias?**

Na primeira parte desta dissertação apresento uma contextualização da concepção de infância a partir da Idade Média, dando maior ênfase para a infância nos dias de hoje e para alguns dos dilemas que fazem parte da relação entre adultos e crianças. Para pensar sobre o Programa *SuperNanny* na atualidade, realizei estudos sobre

mídia, cultura e educação e me aproximei do conteúdo do Programa através de sua descrição e revisão e a literatura, presentes do segundo capítulo. Fundamentei-me também em algumas noções ligadas ao referencial teórico-metodológico latino-americano de estudos de recepção para me aproximar dos significados que pais/mães produzem a partir do que encontram no Programa e de como dão sentido a eles no cotidiano de suas práticas culturais. O capítulo seguinte refere-se à pesquisa de campo, aos procedimentos metodológicos e, principalmente, às conversas com as entrevistadas e às categorias de análise. Realizei entrevistas especificamente com mães, como será detalhado mais adiante, vinculadas a contextos sócio-culturais distintos na cidade de Florianópolis, com o objetivo de fazer uma relação entre seus significados e usos a partir da recepção do Programa *SuperNanny* no ambiente da educação de crianças em suas famílias. No capítulo de considerações finais, apresento algumas reflexões que surgiram ao longo dessa trajetória com o intuito de abrir possibilidades para novos diálogos sobre educação de crianças na atualidade.

CAPÍTULO 1

DILEMAS E INCERTEZAS NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS: TEMAS CONTEMPORÂNEOS

1.1 Uma breve contextualização histórica sobre a infância

Pensar na educação de crianças parece ser um dos desafios da atualidade, o que pode ser verificado na quantidade de livros, revistas, palestras, programas de televisão que falam sobre o assunto. E nesses discursos parece que a infância não anda nada bem. Ou será que o que não anda bem é a responsabilidade dos adultos pela educação dos que chegam ao mundo? Será que, se esses tipos de produtos estivessem tão disponíveis como estão hoje em dia, nossos avós recorreriam a eles para aprender a educar seus filhos? Será que se sentiam incapazes como nos sentimos tantas vezes no nosso cotidiano quando nos colocamos frente a uma criança? Esses foram alguns dos questionamentos que me surgiram durante a pesquisa. Assim, este capítulo será um compartilhar dos estudos que me ajudaram a compreender algumas questões-chave que estão implicadas na nossa maneira de enxergarmos a infância na contemporaneidade.

Como fundamentação histórica, recorri aos primeiros estudos sobre a representação de infância, a partir da Idade Média, principalmente a partir das leituras de Philippe Ariès, complementados por outras perspectivas, como a de Mary Del Priore. Para ter uma perspectiva da infância nos dias atuais e as suas implicações sociológicas, psicológicas e educativas, busquei os trabalhos dos autores David Buckingham, Manuel Sarmiento, Julio Groppa Aquino e Sonia Kramer, entre outros. Em Hannah Arendt encontrei um forte alicerce para a minha compreensão da educação de cada nova geração desde uma perspectiva filosófica.

Este capítulo serve assim como uma primeira paisagem que componho sobre o estado das relações contemporâneas quando se trata de infância, com atenção especial ao meu foco de pesquisa. A segunda será descrita no capítulo 3 de análise, através das falas das próprias pessoas que foram entrevistadas e que lidam diariamente com a educação de seus filhos ou netos. Vale ressaltar também que estou me concentrando em uma literatura contemporânea, fundamentada na história da criança no ocidente.

Sabemos que o conceito de infância que distingue a criança do adulto é recente e decorre de transformações sociais que vieram com a Modernidade, sendo um dos primeiros estudiosos sobre o tema o historiador social Philippe Ariès (1981), que pesquisou e analisou os modos com que as crianças foram aparecendo ou sendo representadas na história desde a sociedade medieval e renascentista. Conforme lembra David Buckingham (2007), ainda que Ariès tenha sido criticado por alguns autores pelo fato de ter dedicado seus estudos a uma infância específica - a infância das crianças francesas de classes econômicas privilegiadas, - ele deixou um legado importante sobre a evolução das representações que os adultos faziam das crianças.

Como é bem sabido, com base em seus estudos a partir da Idade Média, Ariès (1981) identificou que, nesse período, a infância enquanto categoria social não existia, não havia o “sentimento de infância”, definido pelo autor como a “consciência da particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem” (Ibid., p. 99). Porém isso não quer dizer que ela nunca tenha existido. Na Antiguidade, como explica o autor, os romanos tinham uma separação bem definida entre a vida da infância e a vida adulta e as crianças eram privadas dos assuntos e particularidades do mundo público até saberem ler e terem condutas próprias para, depois, compartilhar desse mundo. Com as invasões bárbaras e o declínio do Império Romano, relata Ariès, a Igreja Católica, com o objetivo de controlar a população, restringiu o acesso à alfabetização e ao saber intelectual, permitindo apenas a transmissão oral. Não havendo mais a necessidade de restrição ao mundo adulto, a distinção entre a infância e a idade adulta foi se enfraquecendo (ARIÈS, 1981).

Durante a Idade Média, como descreve o autor, assim que as crianças deixavam de depender das mães ou das amas de leite, logo eram inseridas na sociedade e compartilhavam do mundo adulto. Para o autor, a socialização das crianças não era feita pelos seus pais, pois elas eram entregues a outras famílias para serem educadas junto dos adultos nos afazeres domésticos e no aprendizado de algum ofício (ARIÈS, 1981, p. 157). Outro traço que, para Ariès, indica que não existia a distinção entre ser criança e ser adulto na Idade Média é o fato de que as crianças, tão logo saíam do cueiro, eram vestidas da mesma maneira que os adultos.

Conforme o autor, a diferenciação entre criança e adulto começa a surgir no final do século XVII, quando as crianças deixam de aprender com os adultos, como faziam anteriormente, e passam a frequentar a escola. Essa separação da criança do mundo adulto deveu-se a alguns movimentos da época, dentre eles aquele que o autor explica como sendo “uma das faces do grande movimento de moralização dos homens promovido pelos reformadores católicos ou protestantes ligados à Igreja, às leis ou ao Estado” (p. 11). Ariès considera que esse processo de afastamento das crianças da sociedade adulta teve também repercussões na família.

A família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos, algo que ela não era antes. Essa afeição se expressiu sobretudo através da importância que se passou a atribuir à educação. Não se tratava apenas de estabelecer os filhos em função dos bens e da honra. Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida” (ARIÈS, 1981, p. 11).

Foi então, após a expansão da indústria capitalista, na segunda metade do século XIX, que o Estado definiu que as crianças deveriam ser excluídas de algumas esferas do mundo adulto e, portanto, favoreceu a institucionalização da infância, num processo em que as crianças “foram removidas aos poucos das fábricas e das ruas, e colocadas dentro das escolas” (BUCKINGHAM, 2007, p. 22). Nesse período a institucionalização dos cuidados com a infância deveria estar de acordo com “um ideal doméstico bastante ligado à classe média, voltado assim para garantir a ‘riqueza da nação’ (Ibid., p. 22).

Dentre os fatores principais que consolidaram a institucionalização da infância e que intensificaram-se no século XX, estavam: a criação e a expansão da escola pública enquanto escola de massa, a reorganização familiar, que passou a direcionar a atenção aos cuidados infantis, a disseminação e a autonomia dos discursos disciplinares sobre a infância e também o fato de a administração

simbólica ter adquirido “novos instrumentos reguladores com a Convenção dos Direitos da Criança e com normas de agências internacionais (como a UNICEF, a OIT, a OMS) configuradoras de uma infância global” (SARMENTO, 2004, p. 5).

Como veremos no capítulo seguinte, dentre a produção de tais discursos, estavam principalmente os discursos científicos das áreas da medicina, pediatria, pedagogia e psicologia, que enfatizaram o desenvolvimento infantil. Esses saberes traçaram padrões de normalidade e determinaram “procedimentos de inculcação comportamental, disciplinar e normativa” (Ibid., p. 4), os quais influenciaram os cuidados familiares e escolares na relação com as crianças. Como uma das formas desses novos cuidados, as famílias de classes econômicas privilegiadas deixaram de delegar os cuidados dos filhos às criadas ou às amas de leite e passaram a se ocupar com o lado social e afetivo das crianças da casa. Como observa Sarmiento (2004) essa mudança configurou o novo modelo de família moderna.

Desde então a produção dos discursos sobre infância varia entre discursos elaborados por adultos para si próprios, discursos elaborados por adultos para as crianças - como é o caso de obras literárias, textos e produtos midiáticos - e também os discursos construídos por crianças sobre si mesmas (BUCKINGHAM, 2007). Dentre os discursos produzidos por adultos, estão duas representações sociais modernas de infância que foram sendo construídas nos últimos 250 anos e que permeiam o imaginário coletivo: de um lado está a ideia de criança bela, inocente e natural e, de outro, a criança-irracional, representada pela imagem da criança ativa, rebelde e caprichosa (BUCKINGHAM, 2007; SARMENTO, 2004).

Porém, como observa Buckingham (2007), limitar o conceito de infância a uma etapa biológica e universal seria reduzi-la a um único contexto, sabendo que “o que significa infância e como ela é vivida obviamente dependem de outros fatores sociais, tais como gênero, raça ou etnia, classe social, localização geográfica e assim por diante.” (BUCKINGHAM, 2007, p. 94).

Alguns exemplos dos diferentes discursos sobre infância foram levantados por Kramer (2007), que retoma a concepção de que as visões sobre a infância são construídas social e historicamente através de discursos de diferentes áreas: para a sociologia, por exemplo nos estudos de Bernard Charlot nos anos de 1970, a relação entre adultos e crianças

foi vista como uma relação de poder que tem causas históricas, ideológicas e culturais, afirmando que a dependência das crianças em relação aos adultos não é natural, porém social; os estudos desenvolvidos pela área da antropologia – a autora cita o trabalho de Clarice Cohn (2005) sobre as crianças indígenas no Brasil - reconhecem que existe uma diversidade de infâncias, suas respectivas práticas culturais e diferentes maneiras de se relacionarem entre si e com os adultos; na psicologia, a autora aponta para o avanço dos estudos sobre a relação da criança e o meio, visto em autores como Henri Wallon, Lev Vygostky e no debate entre este e Jean Piaget.

A importância de se levar em conta a diversidade de contextos de estudos da infância é apontada também no campo da história. Ao considerar que a historiografia internacional da infância serve como uma das referências sobre o assunto, mas que difere muito da história da criança no Brasil, Mary Del Priore (2000) aponta os principais fatores que tornam essa diferença mais clara e precisa. Um deles é a valorização que a criança européia teve tanto na escolarização como na vida privada, movimento este que foi considerado por Ariès (1981) como “supervalorização da criança”. No Brasil, tanto a valorização da educação quanto da vida privada aconteceram distintamente.

A autora lembra que o Brasil entrou tardiamente na idade moderna, mantendo os fortes alicerces do sistema colonial. Dentre eles, estava a marca de uma escolarização para poucos, como foram as escolas fundadas pelos jesuítas no início da colonização e das escolas públicas, no século XVIII. O trabalho infantil em lavouras domésticas e na monocultura foi por muito tempo considerado como escolarização para a maioria das crianças brasileiras: “o trabalho, como forma de complementação salarial para as famílias pobres ou miseráveis, sempre foi prioridade em detrimento da formação escolar” (DEL PRIORE, 2000, p. 11).

No que diz respeito ao espaço da criança na vida privada, a autora aponta algumas questões que se diferenciam da noção de privacidade concebida na Europa “urbana, burguesa e iluminista” (Op. cit., p. 11), como: a pobreza e escassez de recursos arquitetônicos, a proliferação de cortiços no século XIX e de favelas no século XX, a migração e os lares monoparentais. Sendo o Brasil um país onde o analfabetismo e a mão de obra infantil ainda fazem parte do cotidiano de muitas crianças, concordamos com Del Priore sobre o cuidado de não

transpor mecanicamente a realidade européia para a brasileira.

1.2 Infância na contemporaneidade

Para pensar na infância em um panorama social maior, Sarmiento (2004) apóia-se na perspectiva do surgimento de uma segunda modernidade que, para o autor, refere-se a um conjunto de mudanças e rupturas sociais que instabilizam “algumas ideias fundadoras do espírito da modernidade: a crença na razão, o sentido do progresso, a hegemonia dos valores ocidentais, a ideia do trabalho como base social” (Ibid., p. 15). Para o autor, os lugares sociais nos quais as crianças estão inseridas já não são mais os mesmos de antigamente, pois atravessam um processo de crise que tem repercussões tanto no estatuto social da infância bem como nas condições atuais das crianças. Para o autor, o surgimento de novas instâncias é considerado um processo de reinstitucionalização da infância que inclui a participação das crianças na esfera econômica, ora como produtora ora como consumidora: “é um lado paradoxal do processo de reinstitucionalização, dado que, como vimos, a modernidade caracterizou-se progressivamente pela exclusão das crianças no espaço estrutural de produção” (Op. cit, p. 15).

Sarmiento ainda aponta que, dentre algumas mudanças das instituições que se ocupavam das crianças, esteve a transformação da família, num processo em que a ideia de família nuclear enquanto espaço de proteção foi deixando de se legitimar, já que as últimas décadas mostram as transformações pelas quais a família passou, como: o aumento da monoparentalidade, o adiantamento da maternidade - o autor refere-se especialmente aos países do hemisfério sul, Inglaterra e Portugal- o aumento do número de lares sem crianças, principalmente no Norte e Centro da Europa, o aumento de crianças com funções reguladoras no espaço doméstico e o aumento das famílias reestruturadas, fenômeno identificado também por Luiza Pereira Monteiro (2008, p. 182), enquanto “rearranjos híbridos de família”. “Deste modo, a transformação familiar convida a que a família seja pensada como instituição social, sendo como tal construída e estruturada, e não como uma entidade natural, imune ao *phatos* da vida social” (SARMENTO, 2004, p. 17).

Com a diminuição do número de filhos nas famílias e o aumento de tempo que as crianças passam em instituições, tornou-se comum que

as crianças passem menos tempo com seus pais e que provavelmente não tenham irmãos que lhes façam companhia (BUCKINGHAM, 2007). Em contrapartida à diminuição de tempo que os pais passam com os filhos, a renda familiar vem sido destinada cada vez mais às crianças, o que as torna possíveis e potentes consumidoras para o mercado de brinquedos, vestuários e tecnologias. Nessa perspectiva, os psicólogos Julio Groppa Aquino e Rosely Sayão (2007), o que definia o sentimento de família tradicional era, primordialmente, a função reprodutiva e patrimonial, ambas necessárias para a continuidade da “linhagem”. O papel dos pais em relação aos os filhos não era o de educação, necessariamente, mas o de criação, de oferecimento das condições básicas para que os filhos “vingassem” (p. 33). Como lembra o psicanalista Jurandir Freire Costa (1999), no Brasil do século XIX os filhos eram tidos como uma espécie de extensão da propriedade, em uma sociedade que ainda se fundamentava na relação entre senhores e escravos e proprietários e propriedade, onde o adulto escravo obedecia às ordens do filho do senhor de engenho. Desta forma, como aponta Gilberto Freyre, nos livros *Casa Grande e Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936), as famílias dos senhores de engenho eram extensas e não se restringiam à afetividade, mas principalmente às relações de poder que teriam consequências na vida social.

Para Aquino (2011), hoje, nos estratos urbanos de classe média, os filhos passaram a ser parte do patrimônio individual, exclusivo e de auto-realização pessoal e do casal, processo decorrente também das transformações no modelo de família tradicional, da diminuição da quantidade de filhos e da restrição do convívio com as famílias estendidas, que privou as crianças da possibilidade de conviver com crianças de outras idades e com outras referências de adultos.

A educação dos filhos também tornou-se nuclear, passando a estar a cargo dos pais ou de apenas um deles e do professor, no que Aquino e Sayão (2007) denominam de “afetividade condensada”. Para Aquino (2011), diferente das famílias tradicionais em que o fato de ter filhos representava vantagem econômica, hoje esse quadro se inverteu: “um filho, ao contrário, representa um grande encargo financeiro para os pais. A decisão de ter filhos é muito mais definida e específica do que costumava ser, e é guiada por necessidades psicológicas e emocionais” (GIDDENS, *apud* AQUINO, 2011, p. 136). Conforme o autor, a paternidade tornou-se mais um objeto de consumo, sendo que os filhos tornaram-se um bem exclusivo e, portanto, estão o tempo todo sob

vigilância “a fim de extirpar os riscos de um mau funcionamento desse bem privado” (AQUINO, 2011, p. 137).

Conforme lembram Aquino e Sayão (2007), se nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil o número de filhos variava entre quatro ou cinco por família, na década de 80 esse número passou para dois filhos, e atualmente a média é de um filho por família.

Esse decréscimo no número de filhos demonstra algo bastante interessante: existe uma dimensão econômica objetiva naquilo que é conotado como sentimento de família. Isso significa que a determinação passou a ser menos de ancestralidade, tradição, etc., e mais de ordem econômica propriamente. Os filhos passaram a custar demais (AQUINO E SAYÃO, 2007, p. 32).

Os estilos de educar, ou pelo menos, os discursos sobre como cuidar de crianças, também mudaram: de um entendimento fundamentado na disciplina e no controle através de uma perspectiva behaviorista para um entendimento aparentemente mais democrático e afetivo, acompanhado de maior pressão sobre os pais para alcançar o desenvolvimento ideal de seus filhos, conforme observou Buckingham (2007). Para o autor, a educação passou a ser compreendida como equivalente ao trabalho da infância contemporânea “e não se pode permitir que este se interrompa quando as crianças saem da sala de aula.” (BUCKINGHAM, 2007, p. 102).

Os ambientes de convivência da maioria das crianças também mudaram. As áreas públicas em que as crianças brincavam diminuíram nas cidades (PERROTTI, 1991), sendo substituídas pelos quartos de dormir, muitas vezes equipados com televisão e computador. O que se entende nesse cenário de privatização do lazer é o receio que os pais têm com relação à violência urbana. Em termos gerais, o entretenimento público (o cinema, por exemplo) tem perdido espaço para o entretenimento doméstico (a televisão vista em família), e este para o entretenimento individualizado (a TV, os computadores e os videogames nos quartos de crianças). Ao mesmo tempo que mais recursos econômicos são destinados ao lazer das crianças, mais tempo

elas passam em instituições que as preparam para a vida adulta (BUCKINGHAM, 2007).

Por conta disso, a infância – ou pelo menos o período de dependência da criança do adulto - está aumentando e não diminuindo. (...) Especialmente em casa, as crianças também se tornaram foco de grandes investimentos, tanto de recursos econômicos como da preocupação dos pais – ainda que nem sempre do tempo deles. (BUCKINGHAM, 2007, p. 111).

Assim como Buckingham, também Sarmiento observa que as crianças passam mais tempo nas “múltiplas agências de ocupação e regulação do tempo” (SARMENTO, 2004, p. 17). Na prática isto revela, para ambos os autores, que as crianças estão hoje constantemente sob o controle das instituições supervisionadas pelos adultos⁶. Sarmiento aponta que uma das questões centrais com relação ao que ele chama de segunda modernidade é a intensificação do mercado de produtos culturais para as crianças (programas de televisão, cinemas, vídeos-game, literatura infanto-juvenil, entre outros) que, somados aos produtos voltados para o consumo infantil (moda, brinquedos, serviços recreativos, entre outros), tornou-se um dos maiores segmentos de investimento econômico em escala mundial, o que “contribuiu poderosamente para a globalização da infância” (Ibid., p. 18). Mas o autor ressalta que, mesmo que aparentemente as crianças compartilhem do mesmo gosto no consumo de tais artefatos culturais, não se pode deixar de reconhecer que cada criança os reinterpreta ativamente conforme a sua cultura e suas características individuais, como vemos também nas pesquisas sobre a reprodução interpretativa na brincadeira infantil (CORSARO, 2005) e sobre o consumo e a recepção de mídias

⁶ Hoje, em grande parte dos países, as crianças passam mais tempo na escola. No Brasil, por exemplo, no ano de 2012, a modalidade de educação integral na educação da rede pública aumentou 26,6%, aproximadamente 2,1 milhões de matrículas, conforme consta do censo do Ministério da Educação. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18328: cresce-total-de-matriculas-nas-unidades-de-periodo-integral-&catid=222&Itemid=86. Último acesso em Abril de 2013.

por crianças (HODGE e TRIPP, 1986; GIRARDELLO, 1998; FANTIN, 2006, e BIEGING, 2011, entre outras⁷).

Frente às mudanças aqui expostas, as novas características da infância contemporânea são um dos temas-chave que paira no ar quando pensamos na educação de crianças de hoje. Um dos pesquisadores que se dedica a esse tema é Aquino (2011), para quem há hoje “um mal-estar agudo que nos acompanha quando o assunto é educação”. Para o autor, um desses desconfortos situa-se nas mudanças na maneira com que compreendemos a educação de crianças. Se antes a educação fundamentava-se na ideia de que os mais velhos preparavam os mais novos para que os superassem na vida futura, a partir dos anos de 1980 passa a acontecer o contrário: as crianças estão cada vez mais dependentes e desencorajadas para a vida adulta. “Eles são prisioneiros do tempo atual, de um tempo que não carrega um horizonte de transformação, mas de estupefação e, no limite, entorpecimento” (AQUINO, 2011, p. 122). O autor cita como exemplo o longo tempo que os filhos levam hoje para deixar a casa dos pais, na maioria das vezes com o consentimento dos mesmos.

Aquino (2011) justifica esse cenário através da ideia de que as crianças devem ser educadas em nome do cuidado e da proteção, conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), uma ideia que, para o autor, é distorcida, já que o Estatuto foi elaborado principalmente para as crianças em situação de risco e não para as crianças da classe média. Conforme o autor, a cultura da proteção, que deveria ser enfatizada para uns, tornou-se excessiva para outras:

Principalmente nos estratos urbanos de classe média, as crianças e os jovens parecem ter se tornado pequenos tiranos que habitam nossas casas e salas de aula de modo como bem lhes convém, e diante dos quais não sabemos direito como nos comportar, já que nossas ações parecem estar ininterruptamente *sub judice* (AQUINO, 2011, p. 121).

⁷ As quatro últimas pesquisas foram realizadas em nosso próprio grupo de pesquisa, o *Núcleo Infância, Comunicação e Arte* (UFSC), destacadas aqui como exemplos de muitas outras realizadas nos últimos anos no país.

Conforme lembra o autor, a nossa intenção enquanto pais e educadores é a de sermos bons o suficiente na educação das crianças, mas parece que no cotidiano impera uma incerteza sobre educar: “É certo que, no atacado, todos nos preocupamos em sermos bons pais e professores, mas já não sabemos o que isso significa ou implica no varejo” (Op. cit., p. 121). Como já apontei anteriormente, para muitos de nós, entre os quais me incluo, é difícil imaginar a geração de nossos avós tendo dúvidas na educação dos seus filhos. É como se entre eles existisse um conjunto de regras que compartilhavam entre si e que, como veremos adiante a partir de Hannah Arendt, fundamentavam uma tradição. Hoje é comum que mesmo as avós tenham suas dúvidas em como educar os netos, sendo que uma das pessoas que entrevistei nesta pesquisa assistia ao Programa *SuperNanny* junto com sua mãe, que procurava também seguir algumas orientações indicadas pela apresentadora no cotidiano com seu neto.

Na perspectiva do sociólogo Zygmunt Bauman (2001), isso ocorre em um contexto de fragilidade das certezas, no qual os “padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, [...] estão cada vez mais em falta.” (BAUMAN, 2001, p. 14). A marca da insegurança apontada por Bauman é, também para Aquino, uma das perdas da educação, que ficou suscetível às indicações dos especialistas em detrimento da confiança na própria relação com o tempo.

Já não confiamos mais no tempo como aquele que é responsável por aplacar nossa ignorância diante do presente e de suas mazelas. O tempo deixou de ser o senhor dos senhores. Ele já não cura. Quem cura são os especialistas, a quem recorremos quando a angústia bate à nossa porta. Isso porque já não suportamos o desprazer e já não suportamos que as crianças e os jovens sintam alguma espécie de desconforto (AQUINO, 2001, p. 123)

Conforme o pesquisador, a proteção excessiva às crianças pode ter consequências na maneira com que se posicionam no mundo,

gerando possivelmente medo e vulnerabilidade, preocupação que era também a de Hannah Arendt (1997) quando discutia a responsabilidade dos adultos na educação das crianças e sua íntima relação com a continuidade do mundo, como comentaremos com mais detalhe adiante. No contexto atual, em que as transformações sociais e econômicas vêm transformando as relações entre crianças e adultos, resulta que muitas vezes “o lugar do adulto fica desocupado, como se para a criança ocupar um lugar, o adulto precisasse desocupar o seu, o que revela uma distorção profunda do sentido da autoridade” (KRAMER, 2007, p. 18).

Desocupando-se do seu lugar, os adultos ora tratam a criança como companheira em situações nas quais ela não tem a menor condição de sê-lo, ora não assumem o papel de adultos em situações nas quais as crianças precisam aprender condutas, práticas e valores que só irão adquirir se forem iniciadas pelo adulto (KRAMER, 2007, p. 19)

Conforme Kramer, as crianças ficam perdidas frente a essa mudança de posição do adulto e sua responsabilidade pela educação, no que é considerado pela autora como as marcas do modo de vida contemporâneo, o individualismo e a “mercantilização das relações” (p. 19).

Com uma obra geral considerada ainda contemporânea, a filósofa Hannah Arendt, no texto *Crise na educação* (1997) cuja última edição revisada pela autora é de 1968, ainda dá muito o que pensar nesse sentido. Arendt referiu-se à crise mundial que teve repercussões em diferentes áreas, dentre elas a área da educação, e criticou as teorias pedagógicas que tiveram origem no fim do século XIX, considerando que expuseram precocemente as crianças ao mundo público (ARENDR, 1979).

Em sua perspectiva, quando nasce uma criança no mundo, ela traz consigo dois aspectos que a diferenciam do animal: a criança é nova em relação a um mundo pré-existente e precisa, além de manter a vida como os animais, se relacionar nesse mundo no qual foi concebida. Se nós, adultos, tratássemos as crianças tais como os animais, nossa responsabilidade seria apenas a de darmos subsídios para que pudessem sobreviver através das funções de vida, em que “a educação seria apenas

uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para com a preservação da vida e do treinamento na prática do viver que todos os animais assumem em relação aos seus filhos” (ARENDDT, 1979, p. 235). Os pais, além de a conceberem, a trouxeram para um mundo já existente e, portanto, assumem a responsabilidade pela criança em dois sentidos: pela sua vida e seu desenvolvimento, assim como também pela continuidade do mundo. Essa duas responsabilidades podem parecer contraditórias, já que uma pode implicar o andamento da outra: para a criança ter um bom desenvolvimento, deveria ser protegida das ameaças do mundo e, portanto, estar afastada do mesmo. Assim como a criança, o mundo também necessita de cuidados especiais e deveria ser preservado do “assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração” (Ibid, p. 35).

Dentre os cuidados e proteção que a criança necessita, a autora cita a família, enquanto espaço de preservação para a qualidade vital das crianças, ambiente no qual os adultos retornam da vida pública e reconfortam-se na vida privada. Para a autora, assim como a vida vegetativa emerge das trevas, a criança também precisa da “segurança da escuridão para poder crescer” (Ibid., p. 236).

Para a autora, a educação da modernidade privou a criança das principais condições de vida e a expôs à esfera pública, caracterizada principalmente pelo mundo dos adultos.

...quanto mais ela (a sociedade moderna) introduz entre o privado e o público uma esfera social na qual o privado é transformado em público e vice-versa, mais difíceis torna as coisas para suas crianças, que pedem, por natureza, a segurança do ocultamento para que não haja distúrbios em seu amadurecimento (ARENDDT, 1979, p. 238).

A autora questiona: ao colocarmos as crianças em um mundo próprio, não estaríamos destruindo as condições necessárias ao seu desenvolvimento? Por outro lado, se as colocamos em uma espécie de mundo público, elas estariam expostas à luz da existência pública. Frente a esse cenário, a ideia de que a criança estaria emancipada da autoridade dos adultos é para Arendt um equívoco: “ao emancipar-se da

autoridade dos adultos, a criança não foi libertada, e sim sujeita a uma autoridade muito mais terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria” (Op. cit., p. 230). Transferida a autoridade dos adultos para o próprio grupo de crianças, os adultos acabam por se desresponsabilizar por educá-las e isso, para a autora, ainda faz com que eles se sintam impotentes e desautorizados a educá-las. Dessa forma, Arendt afirma que seria irresponsabilidade uma pessoa que não tenha compromisso com o mundo querer estar de alguma maneira com crianças. “Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação” (Ibid., p. 239).

Para a autora, a educação é por natureza conservadora, posto que sempre precisa preservar algo: ora o mundo, dos novos que chegam, ora os novos, do mundo que já existe.

A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDDT, 1979, p. 247).

Ainda assim, parece a ela que mesmo esse mínimo de conservadorismo vinha sendo difícil na América, e a autora explica o porquê: a crise da autoridade na educação está intrinsecamente ligada à perda da tradição e a nossa ligação ao passado. Aí está uma das questões-chave levantadas pela autora: ao mesmo tempo em que a educação não pode abrir mão nem da autoridade e nem da tradição, vivemos em um mundo que não se fundamenta mais em nenhuma das duas.

1.3 A produção discursiva sobre a crise da autoridade

O que vem sendo analisado por pesquisadores de diferentes áreas das ciências humanas é que a autoridade, que antes estava centralizada em poucas instituições, como a escola e a família, atualmente está

disseminada no papel dos especialistas, denominados na atualidade como autoridades conselheiras.

Conforme Michel Foucault (2006), a entrada dos especialistas no mercado teve início no século XIX, quando a família passou por mudanças durante o período de industrialização, sendo preciso que a sociedade fosse composta por pessoas que servissem a nova ordem social, sujeitos que fossem produtivos, disciplinados e politicamente econômicos. Ficava a cargo da família então que cumprisse o seu papel na formação dos filhos, em articulação com os interesses políticos e econômicos vigentes na sociedade. Para o reforço da tarefa familiar, as instituições “auxiliariam” no disciplinamento dos que não serviriam para a sociedade, como é o caso dos asilos, presídios, instituições psiquiátricas, etc. (FOUCAULT, 2006). Ocorre a partir daí a proliferação das profissões de psicólogos, psicanalistas, criminologistas, entre outras, num cenário onde os especialistas ganham poder e preenchem o espaço de autoridade sobre a família. Para o autor, a *função-psi* nasce inicialmente para o disciplinamento dos indivíduos dentro da família e se estende, aos poucos, aos outros sistemas disciplinares, como a escola, exército e a fábrica.

Cada vez que um indivíduo era incapaz de seguir a disciplina escolar ou a disciplina da oficina, ou a do exército, no limite a disciplina da prisão, a função-psi intervinha. E intervinha com um discurso no qual ela atribuía à lacuna, ao enfraquecimento da família, o caráter indisciplinável do indivíduo (FOUCAULT, 2006, p. 106).

Assim, o que a família não conseguia fazer em relação ao disciplinamento de seus filhos, ficou a cargo das funções-psi que, ao produzirem explicações e justificativas sobre como educar os filhos, contribuíram para o enfraquecimento da autoridade familiar. Para o autor, no século XX “a função-psi tornou-se ao mesmo tempo o discurso e o controle de todos os sistemas disciplinares” (Ibid., p. 106).

Com origem na psiquiatria, essa função se expandiu para as demais instituições, levantando a bandeira de companheira da família “incapaz” de disciplinar os indivíduos, sendo papel do especialista

discipliná-los dentro de um modelo de sociedade. Como observa Luiza Pereira Monteiro, “a função-psi vai atuar exatamente na vaga deixada pelo vazio de autoridade da família” (MONTEIRO, 2008, p. 105).

As funções-psi e seus discursos atravessaram o século XX e chegaram ao século XXI se disseminando e se constituindo enquanto verdade nas diferentes instituições, dentre elas, os meios de comunicação. “Ela [a função psi] desconsidera as regras da ciência para popularizar-se, tornar-se acessível aos mais diferentes quocientes de inteligência e às variadas capacidades de consumo e, com isso, a função-psi torna-se saber popular” (MONTEIRO, 2008, p. 106). Para a autora, indiferente da forma de psicoterapia em que atua o profissional psi, a família continua sendo o foco de produção de discursos e atuação desses profissionais, que tornaram-se “em primeira e última instância, instrumento da disciplina contemporânea” (p. 106). Como observa Monteiro

O lucro da função psi não é produzir uma ruptura com a família, mas apenas deslocar sua autoridade, para que essa família recorra ao mercado de conselheiros e pague, para que eles reconduzam seus filhos aos padrões de normalização e funcionamento da própria família, segundo Foucault (MONTEIRO, 2008, p. 105).

Para compreender melhor a produção do discurso da crise da autoridade e como essa crise foi sendo construída na contemporaneidade, Monteiro (2008) desenvolveu uma tese sobre o tema, a partir da literatura de auto-ajuda. Fundamentada na concepção de discurso de Foucault, ela observa que o discurso sobre a crise da autoridade atua de duas maneiras: serve como produtor de instabilidades e desloca a autoridade familiar para autoridades difusas, como é o caso dos especialistas fundamentados em um discurso pseudocientífico, como o de psicoterapias e psiquiatrias. Esse esvaziamento da autoridade familiar, para a autora, é preenchido pelas “(...) novas tecnologias de normalização e educação: educação da emoção, por meio de prescrições técnicas de saber e poder que restituiriam aos pais e mães a autoridade perdida, a harmonia familiar e produziriam, como efeito, sujeitos responsáveis, bem sucedidos e felizes” (MONTEIRO, 2008, p. 8).

A produção de sujeitos no mundo contemporâneo passa pelo deslocamento de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle através “das técnicas de poder e controle que combinam o controle das emoções pelas racionalidades, com o reforço da constituição de indivíduos voltados para a vida íntima e privada” (Ibid., 2008, p. 8).

Para Aquino (2011), a produção desses discursos ocorre, dentre outras razões, porque quando se trata de educação de crianças as pessoas gostam de aderir aos lugares-comuns, entre eles os discursos dos especialistas de que existe uma crise generalizada na autoridade e na educação das crianças. Esse parece ser um discurso que permeia as famílias e a escola, instituições responsáveis pela educação das crianças. Frente à angústia de não mais saber o que fazer com os mais novos, tanto famílias como escolas recorrem aos especialistas, denominados pelo autor de “especuladores”. Conforme Aquino, a inserção desses profissionais no cotidiano das instituições desautorizou e fragilizou os adultos responsáveis pela educação das crianças, movimentando todo um nicho de mercado.

Fundamentadas também em Michel Foucault, as pesquisadoras Ohlweiler e Fischer (2011) investigaram as percepções das crianças das Séries Iniciais do Ensino Fundamental sobre o discurso recorrente da crise da autoridade e na educação⁸ e consideraram que, na própria fala das crianças, notou-se uma deslegitimação da autoridade. “Mas o fato é que a autoridade – que independe da violência – sofreu certa deslegitimação, ainda mais quando tal perda é justificada unicamente pela ausência do poder disciplinar e quando novas formas de legitimá-la deixam de ser exercidas” (FISCHER e OHLWEILER, 2011, p. 8). Para as autoras o discurso sobre a crise na educação também está disseminado entre as crianças, que identificaram em seus discursos que a autoridade está mais suave do que as referências de autoridade das gerações anteriores.

⁸ A pesquisa foi realizada com 76 crianças, entre oito e onze anos de idade, da terceira e quarta série do Ensino Fundamental de uma escola federal. Para saber mais detalhes sobre a pesquisa:

<http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT13/GT13-827%20int.pdf>. Último acesso em Outubro de 2012.

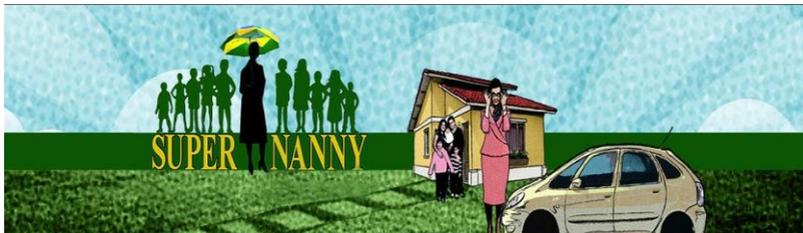
Sabemos – e as crianças deixaram claro isso em suas falas – que as técnicas disciplinares eram mais visíveis, estavam cotidianamente presentes na vida das famílias e escolas, com o recurso até a artefatos por vezes fisicamente bastante violentos (como o recurso à palmatória, dentre tantas outras humilhações e agressões) (FISCHER, OHLWEILER, 2011, p. 8)

Outro aspecto das novas técnicas de disciplinamento no âmbito do sistema capitalista foi ressaltado na pesquisa coordenada por Cárdua (1999 *apud* MONTEIRO, 2008, p. 184), que mostra que os índices de pais que utilizam a violência física diminuíram consideravelmente, ao mesmo tempo em que mais pais também discordam do uso de violência física na educação. Quando perguntados sobre o que fariam caso soubessem que seus filhos tivessem feito algo considerado inadequado, como pichar um muro, receber reclamações da escola, entre outras coisas, a maioria deles, 79,6%, respondeu que conversariam com os filhos e, em seguida, 6,2% buscariam ajuda de um profissional. Para Monteiro (2008), a compreensão tradicional de punição e disciplinamento passou a ser considerada violência e agressão, deixando de ser usada pela maioria das famílias brasileiras, demonstrando mudanças nas práticas disciplinares. No entanto, em algumas de nossas entrevistas, realizadas na cidade de Florianópolis com cinco mulheres e mães de contextos socioculturais distintos, ouvimos um discurso contrário a esse, como veremos adiante.

CAPÍTULO 2

O PROGRAMA *SUPERNANNY* E REFERÊNCIAS PARA PENSÁ-LO NOS ESTUDOS SOBRE MÍDIAS, CULTURA E EDUCAÇÃO

2.1 *No ar, o Programa SuperNanny: aspectos da produção*



O Programa *SuperNanny* foi criado na Inglaterra, em 2004. Desde a primeira edição, é apresentado por Joanne A. Frost e exibido, entre outros países, também no Brasil através GNT, canal de TV por assinatura. A versão brasileira do Programa dirigida por Adriana Cequetti é produzida em São Paulo e apresentada pela argentina Cris Poli⁹ e foi exibida durante cinco anos aos sábados à noite, desde abril de 2006, pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), canal da TV aberta. O Programa saiu temporariamente do ar em abril de 2011, pois foi vendido pela Channel4 para a Warner Channel, conforme a entrevista que fizemos com a apresentadora¹⁰, e voltou a ser exibido em julho de 2012, em sua nona temporada.

Na primeira versão do programa, nos moldes de um *reality show*, a apresentadora visita uma das famílias inscrita, que está enfrentando

⁹ Cris Poli formou-se em Educação pelo Instituto Nacional Superior del Profesorado en Lenguas Vivas Juan Ramón Fernández, de Buenos Aires. No Brasil, fez Licenciatura em Letras Inglês-Português na USP. Além do Programa *SuperNanny*, Cris Poli criou o *Instituto Cris Poli para o Ensino*, que tem como proposta disseminar as técnicas do Programa *SuperNanny* nas escolas. Informações sobre a apresentadora e os livros publicados por ela estão no site do Instituto Cris Poli para o Ensino (<http://www.crispoli.com.br/instituto>) e suas respectivas imagens estão em anexo.

¹⁰ Entrevista realizada por mim com Cris Poli no dia 11/09/211 na Igreja Sara Nossa Terra, em Florianópolis.

“desafios” na educação de seus filhos. No início de cada episódio são exibidas imagens das crianças gritando, correndo, brigando entre si e, em seguida, o relato dos pais sobre as dificuldades que estão tendo na educação de seus filhos, seguido de um pedido de ajuda para que a *SuperNanny* vá socorrê-los. Em seguida, a apresentadora entra na casa e passa a acompanhar e observar a rotina familiar, quando, dirigindo-se à câmera, faz algumas observações sobre o comportamento de cada uma das crianças e dos pais ou responsáveis. Na maior parte dos episódios do Programa *SuperNanny* o modelo de família é composto pelo pai, mãe e filhos, sendo também a maioria famílias brancas e da classe média. Em alguns dos episódios, é alterado o padrão familiar, normalmente sendo uma mãe e um dos avôs que substituiriam o modelo de família tradicional.

A partir disso, *SuperNanny* aponta para os pais o que não estaria de acordo com a sua proposta, apresenta o que deve ser mudado no convívio familiar e implementa técnicas que devem ser seguidas pelos pais e pelas crianças. Na cena seguinte a apresentadora, já fora da casa, observa, por meio de câmeras instaladas no espaço doméstico, como as técnicas que aplicou e as orientações que deu aos pais tiveram continuidade após sua visita. A apresentadora volta à casa para mostrar os vídeos, indicando o que funcionou ou não a partir de suas considerações sobre a educação daquelas crianças, e para dar novas orientações aos pais. O Programa é encerrado com os problemas da família resolvidos, a família agradecendo sua intervenção e a educadora se despedindo com a missão cumprida.

A nona temporada, exibida em 2012, seguiu a mesma estrutura da anterior, com algumas mudanças. Dentre elas está a inserção de cenas gravadas em ambientes externos. Em uma delas¹¹, por exemplo, a apresentadora diz que os pais não sabiam como “dar ordens” ao seu filho de três anos e que, portanto, precisariam aprender a fazê-lo. O Programa então foi gravado na área externa da Polícia Militar de São Paulo, conforme consta no site do Programa: “E para ensinar a forma como os pais devem mostrar autoridade e impor limites ao menino, Cris Poli leva o casal a um batalhão da Polícia Militar” (SBT, 2012).

Nessa temporada o Programa contou também com a participação de atores e personagens que intervêm durante os episódios, encenando

¹¹ Disponível em: <http://www.sbt.com.br/SuperNanny/noticias/10642/Cris-Poli-e-mini-SuperNanny-ajudam-pais-de-garotinho-autoritario.html>. Último acesso em: Setembro de 2012.

falas ensaiadas. Por exemplo: em um deles, após suas observações na casa, a apresentadora concluiu que a mãe falava “sem parar” e que, portanto, estava impedindo que os outros da casa falassem. Para demonstrar melhor o que estava acontecendo, a *SuperNanny* pediu que um ator entrasse na casa e imitasse o comportamento da mãe, impedindo que qualquer outra pessoa falasse. Em outro momento houve a participação de uma criança, chamada no Programa de “Mini *SuperNanny*” que, vestida igual à apresentadora, atuou como a apresentadora, para chamar a atenção dos pais. No site da emissora, a ideia de levar a “Mini *SuperNanny*” para o Programa é a de fazer com que os pais vejam que “o problema da família é identificado até por uma criança”¹² (SBT, 2012).

Outra mudança foi o fato de que a apresentadora não assiste mais aos vídeos da família dentro do carro para, depois, apontar aos pais o que, conforme as “regras” do Programa estavam fazendo “errado”. Na versão de 2012, a apresentadora mostra os vídeos aos pais dentro da casa da família. Conforme a apresentadora disse em uma entrevista coletiva, “essa atitude mostrou resultados melhores do que a simples pontuação dos problemas da família, isso porque os adultos veem esse vídeo como uma espécie de terapia de choque do que precisa ser mudado”¹³.

O *website* e o *blog* do Programa continuaram disponíveis no site da emissora durante o período em que o Programa esteve fora do ar, e ali continuaram sendo publicadas mensagens dos telespectadores comentando episódios anteriores, fazendo perguntas sobre a educação dos filhos e pedindo que o Programa voltasse ao ar. (www.sbt.com.br/SuperNanny/blog). Um exemplo:

¹² Disponível em:

<http://www.sbt.com.br/sbtvideos/media/aa5a7f1e29becdbd69aee03410e12916/Mini-SuperNanny-da-bronca-em-casal.html>. Último acesso em: Setembro de 2012.

¹³ Disponível em:

http://estrelando.com.br/realities/nota/SuperNanny_retorna_com_novidades-122233.html. Último acesso: Setembro de 2012.

Cris, vc já entrou no coração dos brasileiros. É o melhor reality show da tv brasileira. Estamos com saudades e ficar sem saber quando o programa vai voltar é torturante. A direção do SBT n sabe do peso q este programa tem com os telespectadores?, substituindo-o por filmes e o CHAVES! nada contra o Chaves, gosto muito, mas como milhares de brasileiros busco qualidade na programação de tv aberta e é muito difícil encontrar. O programa Super Nanny é muito bom. Tenho uma filha de 2 anos e já assistia muito antes de tê-la. Beijos.

Sexta-feira, 21/10/2011 por marlene olivia geraldo comini

Após um ano e meio fora do ar, no dia 21 de julho de 2012, o Programa *SuperNanny* deu início à nona temporada, que inclui vinte e seis novos episódios. O site do Programa *SuperNanny* ganhou novo layout e novos links. No site há um link para inscrição de famílias interessadas em participar remetendo a um questionário¹⁴ que, dentre algumas questões de caráter socioeconômico, pergunta: “*Na sua opinião, quais os problemas comportamentais, educacionais ou disciplinares que o seu filho, ou seus filhos apresentam e que deveriam ser reeducados?*” (SBT, 2012). Em seguida, a família selecionada na primeira etapa passa por uma entrevista por telefone que, se aprovada, é visitada pela produção e depois por uma psicóloga vinculada ao Programa. Após essas etapas, a apresentadora e a produção passam 12 dias de gravação na casa da família escolhida¹⁵. Outro link que chamou a minha atenção especialmente: o *Passo a Passo*. Ele remete a um vídeo que ensina como colocar a criança no cantinho da disciplina, que é uma das técnicas usadas com frequência no Programa *SuperNanny*: a criança que não obedecer aos pais deve ficar sentada em cima de uma placa do Programa *SuperNanny* durante um determinado tempo, conforme a sua idade. Esse vídeo orienta o seguinte, por exemplo: o vídeo no site¹⁶:

¹⁴ Disponível em: <http://www.sbt.com.br/SuperNanny/inscricoes/>. Último acesso em: Agosto de 2012.

¹⁵ Informações disponíveis no site R7. Disponível em: http://estrelando.com.br/realities/nota/SuperNanny_volta_ao_ar_no_sbt_com_p_articipacao_de_uma_mini-SuperNanny-122453.html. Último acesso em: Agosto de 2012.

¹⁶ Disponível em: <http://www.sbt.com.br/SuperNanny/cantinhodadisciplina/>. Último acesso em: Abril de 2013.

Escolha um lugar para o cantinho da disciplina que seja longe da TV e afastado do quarto, de preferência sem distrações para a criança. Defina as regras da sua casa e explique para seu filho. Cada regra que ele não cumprir, dê uma advertência. Abaixo e fale olhando nos olhos dele. Se ele repetir a desobediência pela segunda vez, leve-o para o cantinho da disciplina. Seu filho terá que ficar lá um minuto por ano de idade. Depois desse tempo, você deve voltar lá e explicar qual regra foi descumprida. Ao final, a criança precisa pedir desculpas, dar um beijo e um abraço. Se ela não se desculpar, o tempo na disciplina deve ser repetido. Fique atento se as desculpas são sinceras, ou ele terá que continuar no cantinho da disciplina. Caso a criança saia do local, leve-a de volta. A partir da terceira vez os pais não devem falar mais nada. Se houver provocações ou choros enquanto a criança estiver sentada no cantinho, apenas a ignore. O cantinho da disciplina pode ser aplicado a partir dos dois anos de idade (SBT, 2013).

Abaixo do link do vídeo estão algumas imagens que, conforme o site, devem ser impressas e coladas acima do cantinho da disciplina. Dentre as imagens para os meninos e as meninas que indicam o que não pode ser feito, estão: chorar, brigar, falar palavrão, cuspir, arremessar objetos, provocar, mostrar a língua e xingar. Dentre as imagens de coisas que elas podem fazer: arrumar brinquedos, comer, dormir, obedecer aos pais, tomar banho. Durante os episódios do Programa a apresentadora diz que, se as crianças fizerem as coisas certas, ganharão uma moeda. No site também há um link chamado *Especial da Semana*¹⁷ com os temas: divórcio, adolescência e andador infantil e outro link chamado *Passo a passo*¹⁸, que conduz a um vídeo com um trecho de um episódio anterior onde a apresentadora, na frente de um espelho, diz: “O

¹⁷ Disponível em: <http://www.sbt.com.br/SuperNanny/especialsemana/>. Último acesso em: Abril de 2012.

¹⁸ Disponível em: <http://www.sbt.com.br/SuperNanny/passoa passo/>. Último acesso em: Abril de 2012.

espelho vai servir para acalmar vocês e levar vocês a refletir sobre as atitudes que vocês estão tendo” (SBT, 2013).

Também no site do Programa, algumas mudanças da nova temporada foram anunciadas:

Ela descansou durante 1 ano e meio, mas as crianças não deram trégua. E atendendo aos pedidos dos pais desesperados, [SuperNanny](#) está de volta neste sábado, 21 de julho às 21h15. A missão da educadora Cris Poli na nova temporada, com 26 episódios, não será das mais fáceis. O programa volta ao ar com nova linguagem visual, além de apresentar ao público temas mais abrangentes e polêmicos, através de reportagens especiais como: Bullying, Obesidade Infantil, Gravidez na Adolescência, entre outros. Cris Poli retorna à telinha como *SuperNanny*, com figurino repaginado e novidades a cada episódio inédito¹⁹ (SBT, 2012).

As chamadas para o retorno do Programa foram publicadas dentro do próprio site e em alguns programas da emissora, como o Programa *Astros*²⁰, apresentado por André Vasco, e no Jornal do SBT – Edição Noite²¹, apresentado por Carlos Nascimento e Karyn Bravo.

¹⁹ Disponível em:

<http://www.sbt.com.br/SuperNanny/noticias/?c=10424&t=SuperNanny+volta+ao+SBT+com+novo+visual+e+episodios+ineditos;+saiba+tudo>. Último acesso em: 08/08/2012.

²⁰ Programa de auditório em que cantores e grupos de música se apresentam e passam pela aprovação de uma banca de jurados, da platéia e do público via internet. O Programa é apresentado às segundas-feiras, às 22:45hs. Disponível em:

<http://www.sbt.com.br/astros/videos/?id=0cd05a1a79f04ec3621f9ed244819086>. Último acesso em: 08/08/2012.

²¹ Telejornal exibido diariamente. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=vaZXnITaZRY&feature=fvvr>. Último acesso em: 09/08/2012.

No Programa *Astros* o retorno de *SuperNanny* foi anunciado assim:

-André Vasco: - Aqui no *Astros* tem várias crianças cheias de talento, mas meu querido, tem aquelas que viram tudo de cabeça para baixo. Se você quer transformar seu filho em um anjinho, só ela dá jeito. Dá uma olhada! [São mostradas cenas do Programa *SuperNanny*: crianças batendo umas nas outras, xingando os pais, cuspido comida no chão, jogando brinquedos na parede.

-Locutor em *Off*: - Enquanto ela esteve longe, eles aproveitaram. Mas atendendo a pedidos... -[Cena com um casal de pais sentados num sofá]

-Mãe: - *SuperNanny*, pelo amor de deus...

[Imagens da apresentadora tocando a campainha de uma casa e entrando.]

-Locutor em *off*: - Mais implacável do que nunca!

-[Imagens da apresentadora sentada na mesa com uma mãe.]

Apresentadora: - Quantos anos você tem?

-Mãe: - Trinta e três.

-Apresentadora: - Parece sete.

[Imagens de crianças batendo nos pais.]

-Locutor em *off*: - Onde houver indisciplina e falta de respeito ela estará lá para resolver.

[Imagens da apresentadora mostrando cartazes na parede enquanto as crianças observam, quietas no colo dos pais.]

[Imagens da apresentadora sentada na mesa com os pais e apertando a mão deles]:

Apresentadora: - Eu vou continuar chacoalhando vocês, tá?

-Locutor em *off*: - A partir de sábado, vinte e um de julho, nove e quinze da noite.

No site do Programa, um vídeo apresenta assim o retorno do Programa *SuperNanny*²².

Locutora: - A gente sabe que você faz de tudo para ficar com o seu filho, mas às vezes dá um trabalho...

[Imagens da sala de uma casa arrumada, a mãe assistindo ao filho brincar com um carrinho e depois com uma bola, que acerta os vasos de vidro sobre a mesa. A mãe coloca as mãos sobre a cabeça.]

-Locutora:- Chegou *Control Toys*, uma linha de brinquedos para crianças fora de controle.

[Imagens da marca *Control Toys*.]

-Locutora: - Camisa de força carinhosa. Mantém as mãos das crianças longe da linda e cara decoração da sua casa.

[Imagens da criança sorrindo e assistindo a televisão com as mãos presas dentro de uma camisa-de-força, e da mãe sentada ao lado observando e sorrindo para a menina.

Locutor: - Bola de ferro feliz. É o fim da correria dentro de casa.

[Imagens de criança em pé brincando com um aviãozinho e com uma bola de ferro nos pés. A mãe sentada no sofá observa e sorri para o menino.

-Locutor:- Existem maneiras melhores de educar seu filho.

[Imagens de um carimbo sobre fundo branco, com os dizeres: “Existem maneiras melhores de educar seu filho”, seguidas da logo do Programa *SuperNanny*.]

-Locutor: - Nova temporada de *SuperNanny*. Estreia nesse sábado, nove e quinze da noite, no SBT.

²² Disponível em:

<http://www.sbt.com.br/SuperNanny/noticias/?c=10424&t=SuperNanny+volta+ao+SBT+com+novo+visual+e+episodios+ineditos;+saiba+tudo>. Último acesso em: 09/08/2012.

E no *Jornal do SBT - Edição Noite* (exibido em 19/07/2012):

-Apresentadora: - O sossego da família está de volta. A nova temporada da *SuperNanny* estreia depois de amanhã no SBT às nove e quinze da noite.

[Imagens de uma criança deitada no sofá, com o pai sentado ao lado.]

Locutora em *off*: - Quietinho desse jeito o Bernardo só é assim na hora que acorda.

Pai: Mas ele não é quietinho, não. As vezes ele já acorda tocando o terror aqui em casa.

-Locutora em *off*: - Terror em casa e na escola, tanto que com quatro anos ele foi convidado a se retirar do colégio.

-Pai: - Ele chegou a jogar uma cadeira na janela.

-Criança: - Vira a câmera para mim, por favor! Deixa eu falar!

-Locutora em *off*: Bruno fala dez, quinze vezes e nunca adianta!

Pai olhando para a câmera: - *SuperNanny*, vem cá, vem me socorrer, me ajuda!

-Locutora em *off*: - Ajudar os pais é especialidade da Cris Poli, a *SuperNanny*, que a partir desse sábado está de volta na tela do SBT.

-[Imagens de episódios do Programa, com crianças brigando e a apresentadora conversando com os pais.]

Locutora em *off*: - Em poucos minutos ela traçou o perfil do Eduardo.

[Imagens de Cris Poli olhando a criança pela câmera.]

-Cris Poli: - Ele está acostumado a reinar na casa, fazer o que ele quer e, na medida que você não vai dando limites, ele vai tomando conta da situação.

-[Imagens de repórter entrando na casa de Lucimara, mãe que participou de um episódio três anos atrás.

Repórter: - Já faz três anos que a *SuperNanny* entrou por essa porta para mudar a vida da família da Lucimara. As regras que haviam sido colocadas na parede já foram tiradas, mas os

ensinamentos ficaram na memória das meninas e não foram esquecidos com o tempo.

[Imagens das crianças sentadas no sofá brincando com a mãe e a repórter mostrando o cartaz de regras. Em seguida, imagens das crianças sentadas desenhando.]

Mãe: - A tia Cris ensinou a gente a comer aonde?

Criança: - Na cozinha.

Mãe: - E...

Criança: - E não pode chorar sem motivo.

Mãe: - A *SuperNanny* me ajudou muito. Ela é uma pessoa que conseguiu mostrar pra mim que eu era capaz de superar tudo aquilo que eu tava passando.

[Imagem de outras casas com outras crianças jogando brinquedos longe e brigando.

Locutora em *off*: - Uma prova de que é possível mudar. Por isso, pais, fiquem tranquilos. A guardiã da paz e da harmonia nos lares brasileiros está de volta à ativa!

O vídeo promocional encerra com a vinheta do Programa.

2.1.1 Descrição de um episódio do Programa *SuperNanny* (exibido em 18/08/12)

Para situar melhor o(a) leitor(a) em relação ao Programa, apresento abaixo uma descrição que fiz de um episódio, escolhido por ser bem representativo da estrutura geral dos demais episódios. Destaco que o próprio processo de descrição foi para mim uma exercício de reflexão mais atenta sobre o discurso do Programa.

Chamada do Programa:

Locutor em *off*: A *SuperNanny* foi chamada nesta casa pois o pai era muito violento. (Imagens do pai beijando um dos filhos) e a mãe muito mole (Imagens da mãe batendo nos filhos). Mas não foi nada disse que ela viu por lá.

SuperNanny: Alguém não está sendo verdadeiro, porque as coisas estão muito diferentes!

Locutorem *off*: Será que apesar do fingimento, o Ed (pai) e a Meire (mãe) estão abertos à mudanças? (Sequência rápida de cenas diversas do episódio).

Vinheta de abertura do Programa.

A primeira cena mostra os pais sentados no sofá, enquanto o locutor em *off* fala sobre as crianças: “Eles estão sempre em atritos. E a confusão começou no primeiro momento em que eles se viram, ainda na maternidade”. Aparecem imagens das crianças brigando. Os pais, no sofá, falam sobre as características de cada um dos filhos e dizem que a razão da maior parte das brigas é o fato de o filho mais velho, João Vitor, com seis anos de idade, ainda não ter aceito a chegada do irmão mais novo, Artur, com quatro anos de idade. Este é descrito pela mãe como uma “criança do povo, que come andando e faz todo tipo de arte.”. A mãe continua falando do filho mais velho, João Vitor: “Ele já é uma criança mais tímida, muito quieto e mais observador”. O Pai: “Ele é muito curioso. Acaba se tornando meio arteiro por causa disso”. Cenas do Artur beijando os pais. Em seguida, os pais sentados no sofá, a mãe, Meire, compara o filho mais velho com o marido, dizendo que os dois têm o gênio forte. Enquanto isso, vão sendo mostradas cenas das crianças brigando. “ Não são criança fácil não. Não conheci mais bagunceiro que eles dois”, diz a mãe.

Em seguida, com o casal sentado no sofá, a mãe Meire diz que as crianças não vão sozinhas para a cama, que ou dormem no sofá ou em sua cama. O pai diz: “Ontem mesmo eu cheguei e tavam os dois na minha cama, eu não consigo aceitar a situação. Eles têm os quartos deles, as camas deles, têm que dormir lá”. Seguem-se cenas das crianças pulando na cama. Em seguida, Ed, o pai, diz que não concorda quando a esposa interfere ou entra no meio quando ele está chamando a atenção das crianças. “Em relação à educação do João Vitor e do Artur, ela entra no meio, ela interfere, isso me destrói. (...) Então eles acabam perdendo a consideração por mim”. A mãe diz que interfere pois não concorda com a maneira como o marido ele age com as crianças. “Ele já vai lá e dá um tapa. Eu até brigo, mas não dou um tapa”. Vemos cenas da mãe dando um tapa na mão do filho mais novo porque ele desenhava na parede.

Cenas do casal ainda no sofá; o pai diz: “Eu acho que ela solta muito eles, né?” A mãe diz: “Eu acho que eu protejo, mas são meus filhos, são crianças, eu acredito que eu tenho que proteger. Eu não tenho nada, mas eu tenho os meus filhos, e enquanto eles estiverem pequenos é meu”. Foco na mãe chorando e em seguida no casal. O pai diz: “E meu também”. Depois dos relatos, os pais ainda sentados no sofá, o foco fecha no rosto da mãe, que diz: “*SuperNanny*, pelo amor de deus, tá difícil. Eu não tou conseguindo”. Em seguida, a câmera foca o pai: “Por isso a gente precisa de você!”.

Cenas de uma cidade. Em seguida, *SuperNanny* entra na casa, cumprimenta os pais e avisa que vai ficar observando e que, portanto, devem continuar fazendo o que fazem normalmente. Aparecem cenas das crianças brincando no quarto e a apresentadora, em um canto do mesmo ambiente, fica observando. *SuperNanny* diz que acha que a família está tranquila demais e, volta-se para a câmera e diz: “Por enquanto está tudo calmo. Será que todos os dias é assim? Vamos observar. Eu acho que não.”. Na área externa da casa, diz: “Bom, eu vou investigar o que está acontecendo nessa casa. Eu vou investigar com as crianças, eu vou falar com a Meire, eu vou falar com o Ed, porque alguém não está sendo verdadeiro! As coisas estão muito diferentes!”.

Na cena seguinte, na cozinha, Meire está lavando louça e a *SuperNanny* pergunta: “Meire, me fala uma coisa: as coisas são assim calmas sempre?”. Meire diz que não. *SuperNanny*: “E teu marido é tranquilo assim como ele tá?”. A mãe diz que não. Em seguida, a apresentadora pergunta se ela acha que o pai está envergonhado ou se está querendo passar uma imagem diferente do que é. Meire diz que acha que ele está com vergonha e que já tinha conversado com ele: “Vamos ser naturais, senão a gente não vai ter ajuda. Mas ele não é calmo, não”. Na cena seguinte, a apresentadora pergunta ao pai se ele costuma estar em casa naquele horário, e ele responde que na última semana sua rotina mudou por causa do trabalho.

Cena das crianças no quarto, sentadas na mesa desenhando; a apresentadora pergunta para os dois o que acham do pai. “Ele é bravo”, respondem. Apresentadora: “E o que ele faz quando vocês desobedecem?”. Artur: “Dá tapinha, tá tapinha”. *SuperNanny*: “E a mãe, bate?”. Artur: “Não! Sim!”. Apresentadora: “Sim ou não?”. João Vitor: “Sim! Os dois batem!”. Apresentadora: “Batem muito, né?”. Crianças: “Não!”. Apresentadora: “Sim ou Não?”. Crianças: “Não!”.

Cena do pai se despedindo e indo trabalhar. Em seguida, cenas das crianças sentadas na mesa; uma delas sai dali e a mãe a coloca sentada em uma cadeira e diz: “Deixa eu pegar esse chinelo aqui, que se você sair, vai apanhar!”. A criança sai da cadeira e a mãe dá uma chinelada em seus pés. A criança, depois de algum tempo, sai da cadeira e a mãe dá uma tapa em sua perna e diz: “A mão não dói não, né? Mas o chinelo dói!”. Enquanto isso, a *SuperNanny* fica sentada na cama olhando. Nessa hora, a imagem que aparece na televisão se divide em dois. De um lado a apresentadora, e do outro imagens da mãe com as crianças no quarto. A apresentadora diz: “A mãe não conseguiu se segurar mais, aí começou a gritar, a ameaçar, aí eu pude observar realmente o que estava acontecendo nessa casa”.

Na cena seguinte, a criança sai correndo do quarto e a mãe corre atrás dela pela casa, pedindo que arrume os brinquedos que estão no chão. Depois de muitos vais e vens exibidos na tela, a criança guarda o brinquedo, como a mãe queria. A apresentadora dirige-se para a câmera e diz: “Ela conseguiu que ele fizesse o que ela queria. Isso é muito bom! Deu trabalho, mas ela conseguiu!”. Cena do Artur guardando o que ainda restava espalhado no quarto. Em seguida, a mãe está no sofá com as duas crianças, e a apresentadora no canto da sala, observando seriamente para os três, até que olha para o relógio: são 21hs. Pergunta à mãe se as crianças adormecem no sofá. A mãe diz que sim, e que só de vez enquanto eles adormecem no quarto. Cena da apresentadora saindo da casa e dizendo para a câmera: “Tudo o que eu tinha pra ver, eu já vi. Amanhã a gente conversa!”.

Na cena seguinte, a apresentadora senta-se à mesa com os pais e diz: “Eu quero mostrar para vocês algumas coisas que me chamaram a atenção”. Ela mostra, em um notebook, as imagens gravadas no dia anterior, da mãe jantando com as crianças e depois com as crianças no quarto. A apresentadora volta-se para a mãe e diz: “Então o que você faz? Você fica reclamando o tempo todo, porque você que fica mais com eles, né? E você não toma nenhuma atitude que eles possam estar entretidos, tá?”. Na imagem dividida, de um lado são exibidas as imagens da mãe “dando bronca” nas crianças e, do outro, Meire se assistindo no notebook. A apresentadora diz: “Sabe o que acontecesse com o berro, Meire? Eles se acostumam!”.

Em seguida, a tela dividida em dois: de um lado, cenas das crianças brincando tranquilamente e do outro, os pais assistindo

assistindo a gravação das crianças brincando. E a apresentadora pergunta: “Por que eles estão tranquilos?”. O pai responde: “Porque nesse dia chegou um brinquedo novo. A mãe complementa: “Massinha.”. Apresentadora: “Tudo bem, tudo bem! Não é qualquer brinquedo. É um brinquedo que oferece a eles oportunidades de criação. Alíás, deixa eu te falar, a quantidade de brinquedos que eles têm: não adianta comprar um monte de brinquedos. Eles muitas vezes não sabem nem o que fazer com os brinquedos”. Mãe, chorando, [câmera dá close em seu rosto, que ocupa a tela inteira] diz: “Essa hora me incomodou muito, que eu vi que podia largar a louça e brincar com eles. E eu não faço isso.” Câmera na apresentadora: “Eu quero que você veja também o que você faz para resolver as situações.” A câmera foca a mãe assistindo a ela mesma apagando a luz do banheiro, com seu filho dentro, e dizendo que ele só poderia sair do banheiro se fizesse xixi. Seguem-se imagens de Meire com o chinelo na mão, pedindo que o seu filho coloque o pijama, e depois dando um tapa na mão do filho mais novo porque ele riscou a parede. Câmera na apresentadora: “Você acha que isso é solução? Essas ameaças são muito ruins, porque é muita violência também. Porque a criança não sabe qual vai ser sua atitude, porque você vive ameaçando ele.” Câmera na mãe: “Eu sinto um fracasso de mãe, porque não consegui nada! Muitas vezes a gente acha que tá acertando e tá errando o tempo todo!”.

De volta à cena dos três (pais e apresentadora) sentados à mesa diante do notebook. Apresentadora: “Bom, e agora eu quero que vocês vejam as atitudes do pai”. Cenas do pai brincando com as crianças. A apresentadora diz: “Bom, isso foi o que eu vi. Porém, eu sei que esse não é o seu comportamento. Você agiu assim porque eu tava na frente. Então eu fui atrás e fui ver com as crianças, porque eu queria que eles me falassem o que eles vivem, né?”. Cena da apresentadora conversando com as crianças: “Então, como é o papai? As crianças: “Ele é bravo! Ele dá tapinha!” De volta à mesa com os pais, a apresentadora diz: “Então a conclusão é que você bate. Não adianta fingir que não bate! (...) Qual é o exemplo que eles têm? Violência e agressão. E isso vai ter que mudar!”. Câmera na mãe: “Bom, eu tenho essa capacidade de mudar e começar do zero. Eu tenho essa capacidade, sim.”. *SuperNanny* pede que eles escrevam em um papel o que se “comprometem” a mudar e diz que vai retornar à casa no dia seguinte para saber o que escreveram. Câmera no pai: “Ah, eu vou dar o melhor de mim para que isso melhore muito! Precisa muito melhorar!”.

Imagens da cidade vista do alto, fazendo transição entre uma sequência e a outra.

No “dia seguinte”, sentada à mesa com os pais, a apresentadora pede que eles leiam o que escreveram no papel. A mãe começa lendo: “Eu, a partir de hoje, prometo pra mim mesma que vou parar de gritar com os meus filhos, não vou mais ameaçá-los e [vou] brincar mais com eles e vou pôr eles em primeiro lugar deixando os afazeres domésticos e dando mais carinho para eles”. Câmera na apresentadora: “Muito bem, ótimo, e você, Ed?”. Câmera no pai: “Eu, diante de tudo o que tenho visto, diante de todos os meus erros que venho cometendo para com os meus filhos e minha esposa, tenho sentido que tenho faltado para com eles. Pois me comprometo a me dedicar mais e melhorar todos os meus atos e vou dar o melhor de mim”. Apresentadora: “E o que que você vai parar de fazer ou o que você vai fazer que não fazia?” Pai: “Especificamente eu vou me comprometer com eles, dar mais atenção, não bater mais, brincar com eles, ter tempo de mim com eles, não bater mais, tentar sair mais com eles, pegar mais um tempo de mim pra eles”. Enquanto o pai fala, a apresentadora segue repetindo e contando nos dedos o que ele diz. Apresentadora diz: “Isso vai ficar registrado em forma de regras para que vocês olhem todos os dias e possam lembrar”, e escreve o que eles falaram em um quadro branco. Na cena seguinte, no quarto das crianças, *SuperNanny* senta-se na frente dos pais e das crianças e começa a mostrar alguns cartazes. Locutor diz em *off*: “*SuperNanny* coloca ordem nessa casa, leva regras para os meninos. E mostra que quem se comporta bem, leva a melhor”. *SuperNanny*: “E ganha uma moedinha aqui dentro do porquinho dele.”. Na sala, a apresentadora mostra às pessoas da família um dado que em cada lado tem a imagem de uma delas. Uma joga o dado e na pessoa em cuja imagem o dado parar, dá um abraço, fazendo elogios. A cena segue com todos jogando e se abraçando na sala, inclusive a apresentadora, que diz às crianças: “Esse dadinho vai ficar para vocês, para brincarem com a mamãe e o papai. Bom, tou indo embora, o cantinho da disciplina tá valendo, as regras estão valendo, tá tudo valendo a partir de agora! Tchau, até amanhã!”. Cena da apresentadora saindo da casa. Cenas do Artur e da mãe no quarto. Em seguida, a mãe pega a criança no colo e leva até a frente das figuras e tenta fazê-la sentar. “A mamãe vai te mostrar o que você fez de errado. Você gritou com a mamãe e fez isso. E é feio. Agora vai ter que sentar aqui, né, Artur? Câmera no pai: “Aconteceu tudo o que eu esperava. Eu, da minha parte, não achava que

ia ser tão difícil”. Cena da mãe buscando a criança no quarto. Locutor: “Como a mãe se sairá em seu primeiro desafio? Ainda hoje: *SuperNanny* conversa com os atores do *Carrossel*”. Intervalo.

O locutor em *off* faz uma síntese da parte anterior do Programa. Cenas da mãe buscando o filho do quarto e dizendo que ele vai voltar a ficar sentado porque fez algo errado. A cena se repete algumas vezes. Câmera na mãe: (...) “Foi difícil. Eu cheguei a pensar em deixar pra lá, mas aí eu lembrei que se eu deixasse eu não ia conseguir o que eu estava procurando, a ajuda, né?”. Câmera no pai: “Eu achei que ela não foi muito firme, achei que ela devia ter sido mais séria com ele.”. Mãe: “Se ele tivesse me ajudando em vez de ficar criticando, talvez seria bem melhor, né?” Cenas da mãe colocando a criança para sentar: a criança sai do lugar e a mãe corre atrás e a leva de volta. Câmera na mãe: “Todo tempo eu pensei da forma que eu agia e pensei em fazer. Aí eu lembrava que daquela forma não funciona, aí eu me segurei.”. Na imagem da televisão, vão aparecendo em números a quantidade de vezes que a criança levantou e a mãe a colocou sentada de volta. “Agora eu vou contar, quatro minutos. Só sai quando eu falar que sai. Se sair volta praí de novo!”, diz Meire, olhando para Artur sentado em cima da placa do Programa *SuperNanny*. “Artur, passou quatro minutos, pode sair do castigo, mas pede desculpa pra mamãe.”. Cena da mãe abraçando o filho que está chorando.

Na cena seguinte, a apresentadora e os pais estão na sala. *SuperNanny* diz que quando foi embora estava tudo bem, mas que depois que ela saiu, tudo mudou. Meire diz que foi difícil, e *SuperNanny* emenda: “Foi, foi difícil, mas eu acho que a primeira experiência é sempre importante, né? E eu vou apontar algumas coisas aí pra vocês.”. E segue falando sobre as coisas que não considerou que estivessem certas, como a ameaça. Cena da mãe falando que ia dar uma moeda para um filho e não para o outro. Câmera de volta na *SuperNanny*: “Tem que ficar bem claro pra ele por que está sendo disciplinado. (...) Mas eu quero te dar os parabéns pelas conquistas, realmente. Você foi até o fim. Isso é o mais importante. (...) É difícil, sim, porque é o primeiro limite que está sendo colocado na vida dele, e não de uma maneira agressiva”. Na cena seguinte, *SuperNanny* mostra um painel com uma série de atividades organizadas por horário, que ela chama de “rotina”.

Câmera na *SuperNanny*: “A rotina é importante pra todos e principalmente para essa família, porque eles não tinham nenhum tipo

de organização do tempo deles, nem do tempo livre, nem do tempo dos pais com os filhos.”. Cena da apresentadora mostrando aos pais o cartaz. Ed diz: “Eu não tenho o hábito de ser bem organizado com os meus horários. Vai acertar a minha vida!”. Em seguida a apresentadora fala sobre o método que a mãe usava para colocar os filhos para dormir. E pede que ela chame as crianças para entrarem no quarto. No quarto das crianças, foram colocados lençóis do time de futebol favorito delas e um banco, que a apresentadora diz que é para Meire sentar e contar histórias para as crianças dormirem. Uma das crianças, João Vitor, sai do quarto, e a *SuperNanny* o leva pela mão para a frente das plaquinhas, pedindo que o menino mostre a plaquinha que indica o lugar de dormir. Em seguida, *SuperNanny* o leva para o um canto entre o sofá e a parede e diz: “Eu já te dei uma advertência lá dentro. Agora você vai ficar no teu cantinho até entender que é hora de dormir, não é hora de brincar, tá?” Cena da criança sentada sobre a placa da *SuperNanny*. No quarto, Meire avisa ao filho mais novo que se ele não parar de brincar ela vai colocar ele no “Cantinho da Disciplina”. Em seguida, a mãe pega Artur pelo braço, o leva até a parede onde estão as placas e diz: “Tá vendo? Você não cumpriu o que a mamãe combinou com você! Você não dormiu, então você vai sentar e ficar aí, quatro minutinhos”. A criança senta e levanta algumas vezes, até que a apresentadora diz: “Meire, faz ele sentar!”. Mãe: “Senta, Artur!”. *SuperNanny* vai até a sala e fala que João Vitor pode sair do “Cantinho da Disciplina”, mas tem que pedir desculpa. O menino pede desculpa e sai da sala em direção ao quarto. Enquanto isso, na cozinha, Meire coloca Artur para sentar. A cena se repete algumas vezes até que, depois de algum tempo, o menino se senta e, depois de quatro minutos, vai para o quarto e pede desculpas para a mãe. Meire fecha a porta e, chorando, abraça a *SuperNanny*, que diz: “Vai descansar que você deve estar exausta, né? Até amanhã!”.

Imagens aéreas da cidade. Cena das crianças e dos pais brincando no parque. *SuperNanny* diz que vai ensinar brincadeiras os pais brincarem com os seus filhos. “Eles ficaram um tempão, praticamente um ano e meio, sem sair com as crianças, porque as crianças não obedecem, né? Então é um sufoco de passear com eles, né? Então eles vão aprender que têm que entender a ordem dos pais senão vão perder aquilo que é tão gostoso”. Segue com cenas das crianças brincando com os pais. Meire: “A gente aprendeu a brincar com as crianças mais. E foi bom que a gente viu que não precisa ter dinheiro pra sair e ir no parque se divertir com as crianças.”. Todos sentados na grama, e a *SuperNanny*

avisa as crianças que elas irão para o parquinho, mas que, para isso, têm que obedecer quando os pais as chamarem. Mais cenas das crianças brincando no parquinho junto com os pais. João Vitor se aproxima do pai e pergunta se pode ir para outro brinquedo. Artur faz a mesma coisa. Na cena seguinte, a tela aparece dividida. De um lado, imagens das crianças brincando; do outro, os pais sentados no banco. Meire diz: “Quando eu vi eles obedecendo, eu gostei muito, nossa! Quando eu falei, eles voltaram, vieram pedir pra brincar!”. Câmera em Meire: “Me senti realizada!”. Pai diz: “Missão cumprida! A direção tá indo no caminho certo”.

Abraçados, *SuperNanny*, Meire e Ed no parque. Ed diz: “Valeu a eternidade!”. *SuperNanny*: “Vou deixar vocês sozinhos alguns dias. Não desistam, vão até o fim, mesmo sendo difícil, vale a pena o investimento, tá bom?”. Cena da apresentadora se despedindo deles. Voz de Meire: “Pra falar a verdade eu senti um medinho quando ela falou que ia embora”. Voz da apresentadora: “Eu acho que essa semana que eles vão ficar com as crianças não vai ser muito fácil, mas eu creio que o mais importante é eles não desistirem”. A sequência encerra com cenas das crianças brincando no parque.

Intervalo

Cenas da apresentadora no Programa *Carrossel*, onde ela pergunta para as crianças o que elas fazem que deixa os seus pais felizes e, em seguida, o que seus pais fazem que as deixam felizes. As crianças respondem, e a cena encerra com as crianças abraçando a apresentadora. Em seguida, a apresentadora faz propaganda de um brinquedo, dizendo: “A brincadeira compartilhada entre pais e filhos é uma forma de integração e aprendizado pra toda a família. Um brinquedo que sintetiza essa proposta é a *Totoca* da Brinquedos Cardoso”. Cris Poli segue apresentando o produto relacionando-o com os conceitos defendidos no Programa.

Locutor em *off*: “Com os pais seguros de seus papéis e as crianças mais calmas, teve tempo de diversão nessa casa. Depois de tantas provocações, *SuperNanny* deixou a Meire e o Ed por alguns dias.”. Cenas das crianças e de seus pais encontrando a *SuperNanny* em um parque-aquário. Locutor: “Depois de alguns dias, *SuperNanny* reencontra a família. O que será que o Vitor e o Artur têm para contar pra ela?”. *SuperNanny* pergunta para as crianças como estão as coisas em casa e se os pais estão batendo nelas. As crianças dizem que não. Em seguida, a

apresentadora pede para as crianças irem até o outro lado do salão, porque quer conversar só com os pais. *SuperNanny* diz a eles que já fez a avaliação dela, mas que quer saber dos pais como estão as coisas em casa. Meire diz que as crianças a estão respeitando mais e que tem tido mais tempo para brincar com eles. *SuperNanny* elogia a paciência e o auto-controle de Meire. São mostradas cenas da mãe colocando Artur no “Cantinho da Disciplina”, ele chorando. A apresentadora pergunta ao o que ele pode contar. Ed se diz surpreendido com as mudanças na casa e com as mudanças que ocorreram por causa do tempo que ele dedicou às crianças. Cenas dos pais olhando para a câmera; o pai diz: “A *SuperNanny* passou pra gente, né? Indicou os caminhos mais corretos pra gente ter uma voz firme, mas sem ter que espancar, sem ter que agredir fisicamente”. Voltam cenas dos três adultos sentados à mesa. *SuperNanny* diz que o pai está mais paciente e mais controlado, dizendo que antes havia muita agressão e que isso agora mudou. Mãe: “Eu comentei com ele: A *SuperNanny* não podia ter vindo no começo? No começo a gente já tinha aprendido...”. *SuperNanny*: “Ah, tudo bem, sempre dá tempo de mudar, de restaurar as coisas!”. Pai: “Eu não tinha noção da importância da *SuperNanny* nas nossas vidas. Você aprender um caminho que é difícil e você tendo orientação é muito bom, muito bom! *SuperNanny*: “Vocês estão felizes? Parabéns!”. Cena dos pais dando as mãos para a *SuperNanny*. *SuperNanny*: “Parabéns para vocês, que vocês possam continuar, e possam usufruir dessas mudanças, desses momentos de tranquilidade. Você tá chorando por que?”. Cena da mãe chorando. Mãe: “De emoção, de acabar tudo...”. *SuperNanny*: “Vocês conseguem, vocês conseguiram esses dias, né?”

Cena das crianças visitando os aquários com os pais e a *SuperNanny*. A seguir, a câmera foca nos pais: “Tava totalmente negativa, achando que tava tudo errado, que não ia conseguir nada. Hoje eu vejo que o que a gente buscou com a *SuperNanny*, o que ela nos ensinou, mostrou que a gente é capaz, que a gente pode transformar a nossa família, que a gente pode melhorar. Tou me sentindo uma supermãe, e não preciso fazer as coisas que eu fazia pra eles me obedecerem.”. Cena dos pais abraçando a *SuperNanny*. Câmera na *SuperNanny*: “Deu pra ver que eles estavam felizes, que eles estavam contentes com o resultado, né? Que na verdade é muito pouco tempo, que já dá pra ver que as coisas mudaram. O Programa termina, com a passagem dos créditos e a vinheta da emissora.

2.2 Estudos brasileiros sobre o Programa *SuperNanny*

Para fundamentar minha reflexão sobre a recepção do Programa *SuperNanny*, fiz uma revisão dos trabalhos acadêmicos produzidos sobre ele no Brasil. Esta revisão da literatura foi realizada no período de julho a novembro de 2011, através dos bancos de dados Scielo, Capes, Scirus e Google Acadêmico, buscando pesquisas acadêmicas brasileiras que tivessem como palavras-chave: *Programa SuperNanny*, *SuperNanny* ou *Cris Poli*. Dentre as cinco pesquisas brasileiras encontradas, que serão sintetizadas abaixo, três foram realizadas na área de Psicologia, duas na área da Comunicação e apenas uma na Educação.

Em 2009, foi publicado na *Schème* (Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética) o artigo “*SuperNanny e S.O.S Babá: Um olhar construtivista sobre os procedimentos empregados*”. Fundamentado na perspectiva construtivista piagetiana, as autoras Vinha, Basseto, Vincentin e Ferrari (2009) traçaram como objetivos investigar, dentro dos episódios do Programa *SuperNanny* e S.O.S Babá, “os procedimentos mais utilizados para conseguir a obediência e a melhoria das relações entre pais e filhos como, também, analisar as prováveis consequências destes para o desenvolvimento moral das crianças”, (p. 160). Como procedimento metodológico, as pesquisadoras gravaram, de forma aleatória, seis episódios de cada programa e os organizaram conforme a ordem de gravação. Em seguida, observaram e registraram em cada episódio as questões destacadas como conflituosas, os procedimentos utilizados para lidar com elas e as justificativas para eles dadas pelas apresentadoras, considerando que, em alguns casos, não foi apresentada nenhuma justificativa. Foi elaborado um quadro para cada programa com o registro dos procedimentos e a frequência com que ocorreram em cada episódio e, a partir deste, as autoras analisaram, com o subsídio teórico da literatura construtivista piagetiana, as possíveis consequências dos procedimentos utilizados para o desenvolvimento da moralidade infantil. Como síntese desta análise, foi avaliado que o modelo de educação proposto pelos programas não está embasado na teoria construtivista piagetiana, visto que nesse embasamento teórico a construção da moral não se estabelece em poucos dias, conforme citam as autoras:

Segundo essa perspectiva, a educação “elucidativa” ofereceria maiores possibilidades de favorecer a construção da autorregulação. Porém, isso não ocorre em tão poucos dias... Para a teoria construtivista, o desenvolvimento da autonomia não se dá por meio de ensino direto ou da transmissão de valores através de censuras, sermões e discursos, mas, sim, pela interação da criança num ambiente sociomoral cooperativo em que a justiça, o respeito mútuo, o diálogo, a igualdade, a generosidade, e demais valores, estejam presentes e sejam vivenciados e refletidos de forma a tornarem-se, paulatinamente, parte das ações do futuro adulto. Todavia, construir esse ambiente depende de formação, de reflexão constante sobre as ações e do desenvolvimento moral dos próprios adultos, constituindo-se em algo bem mais complexo do que seguir receitas e procedimentos pontuais...” (VINHA et al., p. 192).

A pesquisa concluiu que a maior parte dos procedimentos da *SuperNanny* reforçam a heteronomia, visto que reforçam o emprego de sanções e obediência às normas prontas, impedindo assim espaço para reflexão crítica e priorizando o respeito unilateral nas relações familiares. Dentre essa avaliação, as autoras consideraram que pais e professores, ao se sentirem incertos na educação das crianças, recorrem às dicas e técnicas que atuam de maneira imediata.

O artigo “*TV e cuidado infantil: SuperNanny e a esquematização da ordem familiar*”, foi apresentado no Colóquio Internacional *Televisão e Realidade* (2008) por Flávio Roberto Meurer. Com o objetivo de compreender como o Programa *SuperNanny* “encontra resposta em termos de consumo”, Meurer descreve um episódio do Programa e, em seguida, apresenta um histórico sobre a racionalização do cuidado infantil e o papel do especialista na vida doméstica.

Para o autor, o Programa se legitima frente à audiência sustentado em duas questões centrais: uma de caráter histórico, tendo como marco a história do ocidente no século XIX, em que a infância obteve maior visibilidade e foi afastada do mundo adulto. Para Meurer, foi a partir desse período que cuidar e educar as crianças implicou maior responsabilidade na preservação da infância, o que gerou incerteza na educação dos filhos. É nesse contexto que o autor compreende que o

Programa *SuperNanny* e outros produtos culturais que atuam nessa direção, servem como mediadores e organizadores das questões vividas na educação das crianças, na qual o especialista ganha espaço na racionalização do cuidado infantil, o que pode ser representado midiaticamente através de figuras como a da *SuperNanny*.

A segunda questão levantada no artigo refere-se à legitimação do Programa frente à audiência, e destaca que a linguagem do Programa se sustenta em um discurso racionalizante, que transfere para a vida privada as “regras administrativas e científicas – impostas de forma cada vez mais geral no contexto da sociedade capitalista e tecnológica”, (MEURER, 2008, p. 11). Assim, diz o autor, esta linguagem se desenvolve em um movimento que se origina no caos até chegar à ordem, o que, segundo o artigo, pode atuar também como um recurso de organização da vida diária. Meurer considera no final do artigo que, a partir da linguagem racionalizante, o Programa pode ser legitimado não só por pais, mas também por pessoas que não têm filhos, que se identificam com a ausência de ordem e assistem ao Programa porque “estão interessados em encontrar um rumo para os descaminhos da vida na contemporaneidade” (Ibid., p. 15).

Meurer publicou ao final de sua pesquisa, em 2009, a tese de Doutorado “*Televisão e Racionalização do Cuidado Infantil: O Programa SuperNanny como incerteza sobre a infância*” (MEURER, 2009), onde amplia e aprofunda o tema do artigo mencionado acima. A pesquisa teve como referencial teórico a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, especialmente o papel que a mercadoria assumiu na cultura no contexto das transformações ocorridas entre os séculos XIX e XX, com a sobreposição da lógica do mercado em relação à produção cultural. Para o pesquisador, existe atualmente uma série de produções midiáticas que abordam a infância, diferenciando-as em dois gêneros: as produções destinadas às crianças, como programas de televisão, filme, revistas, músicas, sites de internet e videogames; e as produções que retratam a relação entre adultos e crianças, como é o caso do Programa *SuperNanny*. Para Meurer, a proliferação deste último tipo de produtos é sinal de que eles encontram “uma demanda social, derivada dos problemas próprios do modo de vida moderno” (p. 12), que considera ser fruto de uma racionalização sobre o cuidado infantil, bem como um processo de racionalização da sociedade que, aliadas a uma linguagem psicopedagógica e administrativa, estruturam o Programa *SuperNanny*. Essa imagem pode ser evidenciada, conforme o autor, nos trajes e na postura da apresentadora do Programa que, quando comparada às

antigas babás e amas, como as personagens dos filmes *Mary Poppins* e *Noviça Rebelde*, mantém um comportamento sério e veste-se com trajes que “remetem mais ao trabalho executivo e administrativo do que as babás e às amas do passado. Ela se tornou uma espécie de síntese dos especialistas.” (p. 139).

No XIV Encontro Nacional da ABRAPSO - Associação Brasileira de Psicologia Social - (2008), Ana Carolina Faria apresentou o artigo “*Super Nanny e a moralidade infantil: reflexões à luz da teoria piagetiana*”. A autora inicia seu trabalho discorrendo sobre a obra de Jean Piaget “O julgamento moral da criança” (1977), e especifica, a partir dessa referência, as diferentes fases do desenvolvimento e os tipos de obediência às normas. Com o objetivo de trazer elementos para a reflexão sobre a construção da autonomia moral infantil, Faria descreve a dinâmica do Programa e especifica duas estratégias que a apresentadora utiliza no Programa: o “Cantinho da disciplina” e o “Quadro de incentivo”.

Fundamentada na perspectiva construtivista piagetiana, a autora faz suas considerações dentro do objetivo proposto: para ela, o Programa apresenta aspectos positivos no que se refere à relação dos pais e ao domínio da autoridade e da confiança na educação de seus filhos; porém, visto sob o referencial construtivista, o Programa não enfoca o aprendizado dos pais sobre o desenvolvimento da autonomia moral da criança, reforçando a heteronomia moral.

No ano seguinte, 2009, foi publicado outro artigo nos Anais do Encontro Nacional da ABRAPSO - Associação Brasileira de Psicologia Social - sob o título “*Práticas de subjetivação no programa “SuperNanny”*: práticas discursivas utilizadas pelo programa na formação do sujeito”, das autoras Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago e Aline Conceição da Costa, da Universidade Federal de Goiás. Fundamentadas no conceito de discurso de Michel Foucault, as autoras analisaram nos episódios do Programa *SuperNanny* (as autoras não citam quantos e nem em quais) que o Programa produz um discurso que enfatiza as relações de poder e a docilidade dos sujeitos, sendo esse um novo tipo de poder que não se utiliza da força física, mas de novas formas de sujeição.

Em 2009, na Universidade de Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP), foi desenvolvida pela pesquisadora Tamara Júlia de Carvalho, a dissertação de Mestrado *O estudo do Programa SuperNanny a partir da Pedagogia de Freinet*, que pretendeu investigar relações entre as técnicas apresentadas no Programa *SuperNanny* e as propostas na

pedagogia de Celestin Freinet. A autora considerou que, embora o Programa *SuperNanny* tenha algumas semelhanças com a pedagogia em questão, a maioria das técnicas não é semelhante.

Em síntese, das pesquisas que localizamos, dois trabalhos dedicaram-se à compreensão dos processos que são aplicados no Programa *SuperNanny* e foram subsidiados teoricamente pela teoria construtivista piagetiana. Dois analisaram as diferentes formas pelas quais o Programa *SuperNanny* se legitima frente à audiência, fundamentados pela Teoria Crítica. Um procurou estabelecer relação entre as técnicas apresentadas no Programa e a pedagogia de Freinet e outro analisou o Programa a partir da fundamentação foucaultiana, buscando compreender os modos de subjetivação do Programa.

Dessas pesquisas, as de Meurer, especialmente, contribuíram para que eu compreendesse alguns detalhes do Programa *SuperNanny* e sua relação com um contexto social mais complexo²³. Mesmo que as técnicas e práticas discursivas apresentadas no Programa não tenham sido meu objeto de estudo, as pesquisas que pretenderam estudá-las no campo da Psicologia contribuíram para que eu ampliasse o meu olhar sobre o Programa e, conseqüentemente, para a sua recepção.

2.3 O Programa *SuperNanny* como *reality-show*

Apesar de todas as mudanças que descrevemos até agora, como as novas configurações familiares, as transformações na educação e na compreensão de autoridade, parece que, conforme escrevem Aquino e Sayão (2007), a ideia de família se mantém, mas não mais somente limitada ao interior da casa. Existe então o que o autor denomina de *domesticização* do mundo, uma justaposição da esfera familiar à esfera pública, que pode ser verificada na quantidade de programas de televisão que simulam um ambiente acolhedor, semelhante a um “lar”. Tal questão também é levantada por Paula Sibília, no livro *O Show do Eu* (SIBILIA, 2009), no qual a autora aponta que, na cultura contemporânea, as pessoas estão em busca de experiências reais ou que, pelo menos, se aproximem ao máximo da realidade. Conforme a autora, nos séculos XIX e XX fazia-se questão que a intimidade e a vida privada fossem preservadas de qualquer tipo de intromissão alheia, e

²³ Por exemplo, quando o autor remete o tipo de trajes que a *SuperNanny* a uma tendência social “administrativa”.

que não se limitava apenas à proteção das quatro paredes do lar, mas também à maneira com que as pessoas mantinham sigilo sobre sua vida privada frente à sociedade na época. Na contemporaneidade, vem ocorrendo o contrário: o que antes era resguardado na esfera privada e íntima, passa a ser exibido no mundo público através de pequenos espetáculos particulares, fenômeno esse estudado por Debord (1997) e chamado por Sibília (2009) como “show do eu”.

O mundo contemporâneo não solicita introspecção, mas ele pede aos gritos visibilidade, celebridade, habilidades comunicativas e marketing de si mesmo. Por isso, cada um deve aprender a se administrar como uma empresa, posicionando sua marca no mercado das aparências. E essas ferramentas de exposição multimídia e interativas nos ajudam a consegui-lo, além de nos capacitar para termos sucesso nessas arenas²⁴ (SIBILIA, 2009, p. 1).

Conforme ela, essas mudanças trouxeram consequências nas maneiras com as quais nos constituímos enquanto indivíduos e também na forma com que nos relacionamos com os outros. Essa necessidade tomaria forma através do olhar para a intimidade alheia, como indica o sucesso dos *reality shows*.

Por outro lado, se cenas e temas privados e familiares tornam-se espetáculos públicos, o discurso televisivo “familiariza” e torna próximo o que estaria supostamente distante, como observa Jesús Martín-Barbero (1997):

Na televisão, nada de rostos misteriosos ou encantadores demais; os rostos de televisão serão próximos, amigáveis, nem fascinantes nem

²⁴ Entrevista cedida à Revista Instituto Humanitas da Unisinos. VIII. 2008. Disponível em:

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2361&secao=283. Último acesso em: Abril de 2013. O conteúdo desta entrevista refere-se ao livro de Paula Sibília, *o Show do Eu* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008).

vulgares. Proximidade dos personagens e dos acontecimentos; um discurso que familiariza tudo, torna “próximo” até o que houver de mais remoto e assim se faz capaz de enfrentar até os preconceitos mais “familiares”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 295).

Esse jogo de inversões entre esfera pública e privada está presente nas imagens e discursos dos programas de televisão, que se desenvolvem a partir de uma sensação de familiaridade com o telespectador. “A separação entre a chamada vida real e a vida na TV parece cada vez mais diluir-se, esfumçar-se. Uma invade a outra.” (FISCHER, 2001, p.20). Para a filósofa Hannah Arendt, (2000), as mudanças ocorridas entre a esfera pública e privada vêm desde os gregos e romanos até os dias atuais, em que, com a crescente valorização da vida privada, ambas invadiram-se mutuamente:

Essa ampliação da esfera privada não a transforma em pública, pelo contrário, significa que a esfera pública refluíu e também que estar na companhia uns dos outros parece ter perdido força, ficando cada vez mais “privados” de ver e ouvir profundamente os outros, prisioneiros que somos de nossas subjetividades (ARENDDT, 2000, p. 48).

Essas questões ajudam a investigar o fenômeno atual dos *reality shows*, de que *SuperNanny* faz parte, que representam o cotidiano na forma de espetáculo. Nas redes sociais, como *Facebook*, por exemplo, é comum que essa exposição da vida íntima venha atrelada à exibição de imagens de momentos felizes, alegres e de glamour. Porém, no Programa *SuperNanny*, não é com esse tipo de imagens que as pessoas estão se expondo²⁵, ao contrário: elas choram, falam que sentem vergonha (inclusive dos próprios filhos²⁶) e pedem ajuda. E esse é um

²⁵ Apenas do final do episódio são exibidas imagens da família e a *SuperNanny* “satisfeitas” e “felizes”.

²⁶ No episódio exibido no dia 25/08/2012, a mãe chora diante às câmeras e diz: “Tou chorando de raiva do Pietro [filho], porque ele começou a falar muito palavrão. (...) A vontade que eu tinha era de ir lá bater na boca dele até ele parar

dos motivos que nos chamaram a atenção: não somente a dor, a humilhação e a vergonha sentidas por outros adultos são transformadas em espetáculo, mas também as sentidas pelas crianças. Em todos os episódios são exibidas cenas das crianças brigando, chorando ou xingando²⁷. Consideramos aqui que o Programa *SuperNanny* além de promover e até produzir cenas de violência infantil, as banaliza; no decorrer do episódio, crianças aos berros e tapas vão “se transformando” em crianças dóceis e obedientes. Não será essa representação também uma violência operada contra a identidade daquelas crianças, que são assim reduzidas a objetos de uma fórmula narrativa no contexto do espetáculo?

Como observa Rosa Maria Bueno Fischer (2002),

recursos como os de captação de imagens, os cortes, os efeitos de zoom e tantos outros funcionam para capturar a intimidade de um sujeito que sofre, chora, emociona-se ou demonstra culpa, como se a TV pudesse, mesmo que por rápidos instantes, efetivamente penetrar na intimidade daquele que fala e, por homologia de campos, também na intimidade daquele que “especta”, daquele que olha. (FISCHER, 2002, p. 157).

Vemos isso no Programa *SuperNanny*. Em quase todas as entrevistas que fiz com mães que assistem ao programa, elas me disseram que sentiram um conforto por ver que as questões do seu cotidiano familiar também fazem parte do cotidiano de muitas outras famílias. Parece aqui que as pessoas sentem falta de espaços de troca,

de falar. Ai que vergonha... Tou morrendo de vergonha”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fgr6oVbDNgI> . Último acesso em: Abril de 2013.

²⁷Vale ressaltar que o Programa tem classificação livre, ou seja, crianças de qualquer idade podem assistir às cenas de crianças brigando, pais chorando, entre outras cenas de violência entre crianças, entre pais com crianças e entre uma série de desautorização dos pais e exposição das crianças que participaram das gravações do Programa *SuperNanny*.

perderam a possibilidade de saber que na casa do vizinho ou do colega problemas também acontecem, como se estivessem dando maior credibilidade ao Programa do que às pessoas com quem convivem no dia-a-dia. Assim, os temas do desenvolvimento infantil, das formas de educar, da disciplina e da autoridade na educação de crianças fazem parte desses programas onde a família e seus respectivos desafios do cotidiano tomaram forma de espetáculo. Concordamos então com Martín-Barbero (2002, p. 101) quando o autor afirma: “O que tem que se interrogar é, não um ‘efeito’, mas a nova percepção do mundo que a espetacularização engendra: essa sensação de preenchimento no vazio, essa redução de tensão, essa sensação de participação que engendra a satisfação do ver”.

Atualmente, muitos pesquisadores se dedicam a estudar o gênero televisivo *reality-show*, como é o caso de Henry Jenkins (2009). Para o autor, com a interatividade da internet, os programas de televisão precisaram passar por uma atualização a fim de se tornarem mais atraentes para o telespectador. Nesse contexto, ganham espaço na grade da televisão os *reality shows*, que são construídos a partir de unidades curtas, carregadas de emoções e que podem ser vistas em sequência ou não. Os *reality shows* são também fontes de pesquisas sobre a mobilização das emoções que configuram a nova teoria do marketing, que visa, através da quantificação da relação entre o telespectador e o programa, a maior lucratividade. Para Jenkins, nessa *economia afetiva* (2009), esses programas dizem também do perfil e do valor econômico de seu público, que se torna alvo de um marketing agressivo. Em contrapartida, o autor indica que estamos nos relacionando com os conhecimentos que circulam nas mídias de maneira mais participativa, havendo a possibilidade de os telespectadores negociarem significados mais ativamente²⁸. “A nova cultura do conhecimento surge ao mesmo tempo em que nossos vínculos com antigas formas de comunidade

²⁸ A ideia de que estaríamos em uma cultura participativa, porém, é colocada sob suspeita por Canclini (2008). Para ele, a existência de programas onde o telespectador decide o final do episódio, por exemplo, revela que temos cada vez menos possibilidade de escolha e, que, portanto, esse tipo de participação alimenta uma falsa ilusão de democracia frente à desigualdade social. Para Canclini, as práticas de cidadania foram transformadas em práticas de consumo, num cenário onde o público passa a recorrer ao rádio e à televisão em busca daquilo que as instituições cidadãs não lhe proporcionam mais.

social estão se rompendo, nosso *arraigamento* à geografia física está diminuindo, nossos laços com a família nuclear estão se desintegrando” (JENKINS, 2009, p. 56).

Em sua pesquisa de doutorado, Flávio Meurer (2009) identificou o Programa *SuperNanny* enquanto um programa que se aproxima mais da realidade do que da ficção, especialmente por se tratar de um programa de autoaprimoramento, onde um especialista de determinada área implanta métodos e técnicas em um contexto para a resolução dos problemas ali encontrados. Para Meurer, existem dois gêneros do que ele chama de *programas realidade*: um refere-se aos programas em que a rotina e a invasão de privacidade “consentida” são as atrações principais. No outro gênero estão os programas de dicas de especialistas, que podem assumir um formato jornalístico, quando as orientações são apresentadas de maneira generalizada, ou em formato de autoaprimoramento, quando os especialistas pretendem resolver casos de uma pessoa ou de um grupo. Para o autor, o Programa *SuperNanny* se insere nos dois formatos, com os quais o público já está familiarizado.

Esse tipo de programa exige que suas orientações tenham alguma verossimilhança para ganhar credibilidade junto aos telespectadores. Como bem lembra o pesquisador, os passes de mágica que a heroína do filme *Mary Poppins* (Robert Stevenson, 1964) utilizava para educar as crianças não caberiam mais na atualidade, principalmente pelo fato de que o Programa tem como propósito servir como manual na educação dos filhos e, portanto, deveria estar o mais próximo da realidade possível. Porém, isso não exclui o fato de que *SuperNanny*, mesmo com o tom realista típico de programas de autoaprimoramento, se constrói também através de uma série de recursos de edição televisiva.

O Programa *SuperNanny* também é editado tendo como modelo a narrativa linear tradicional, onde as cenas gravadas e editadas se estruturam a partir do caos até chegar a um ordem final. Na fórmula discursiva do Programa, inicialmente há a exposição de um problema familiar, com cenas dos mais diferentes desafios do cotidiano e, em seguida, há o pedido dos pais para que *SuperNanny* os ajude. A *SuperNanny* então observa os desafios, implementa mudanças que, no final do Programa, solucionam os problemas. A família então agradece ao Programa e às técnicas ensinadas pela apresentadora.

Quando perguntamos a Maria²⁹, uma das mães entrevistadas, sobre o Programa *SuperNanny*, uma das coisas da qual ela nos falou e que nos chamou a atenção é que gosta de assisti-lo porque acha que “as histórias são muito bonitas”. Isso nos faz pensar que um dos principais motivos pelo qual assistimos televisão é a nossa necessidade de ouvirmos histórias. Para Richard Kearney, “toda a existência humana é uma vida em busca de uma narrativa. Isto não apenas porque ela se empenha em descobrir um padrão com o qual lidar com a experiência do caos e da confusão, mas, também, porque cada vida humana é quase sempre implicitamente uma história” (KEARNEY, 2012, p. 412).

A partir de Joseph Campbell³⁰ encontrei a perspectiva *A Jornada do Herói*, “um conjunto de elementos extremamente persistente, que jorra sem cessar das mais profundas camadas da mente humana. Seus detalhes são diferentes em cada cultura, mas são fundamentalmente sempre iguais” (VOGLER, 2006, p. 33). Dentre esses personagens que aparecem tanto nos sonhos como nos mitos estão o jovem herói, o velho (a), o sábio (a), o personagem que se transforma e o personagem do rival. Esses personagens compõem histórias que servem como mapas da psique humana, pois são “psicologicamente válidas e emocionalmente realistas, mesmo quando retratam acontecimentos fantásticos, impossíveis ou irrealis. Isso explica o poder universal dessas histórias” (VOGLER, 2006, p. 33). Tanto na tradição oral quanto na literatura escrita, esses elementos se repetem e revelam arquétipos que vivem na mente humana. Como lembra Vogler, as histórias construídas seguindo o modelo da “Jornada do Herói” geralmente falam sobre questões existenciais de nossas vidas, como, por exemplo: de onde vim, para onde vou, o que é o bem e o mal, quem sou eu, entre outras. Todas elas seguem a mesma estrutura, seja ela uma viagem ou uma jornada de autoconhecimento, e tal estrutura está na base, por exemplo, do sucesso das fórmulas narrativas dominantes na Indústria Cultural.

Em qualquer boa história, o herói cresce e se transforma, fazendo uma jornada de um modo de

²⁹ Pseudônimo.

³⁰ Joseph Campbell fundamentou seus estudos no psicólogo Carl G. Jung, que identificou que, nos sonhos de seus pacientes, existiam arquétipos presentes também nos arquétipos das mitologias sendo que, tanto um como o outro, tinham origem no mesmo lugar: no inconsciente coletivo da humanidade.

ser para outro: do desespero à esperança, da fraqueza à força, da tolice à sabedoria, do amor ao ódio, e vice-versa. Essas jornadas emocionais é que agarram uma platéia e fazem com que valha a pena acompanhar uma história (VOGLER, 2006, p. 35).

Esse é possivelmente um dos motivos pelo qual gostamos, de maneira geral, dos programas de transformação, sejam transformações em nossos hábitos alimentares, na maneira com que nos vestimos ou como educamos nossos filhos. Este é o caso do Programa *SuperNanny*, que narra a jornada emocional da transformação uma família desestruturada em uma família aparentemente comportada e feliz, incluindo uma heroína, vilões, peripécias, clímax e um final feliz.

2.4 “Foi a *SuperNanny* que me ensinou³¹!”: o Programa e o dispositivo pedagógico da mídia

De uma maneira ou outra, como vimos, a televisão e os discursos midiáticos sobre modos de ser e estar no mundo contemporâneo não apenas produzem discursos como também servem de referência em nosso cotidiano, assumindo muitas vezes um caráter pedagógico. Lembro-me aqui de alguns momentos das entrevistas em que essa função pedagógica das mídias ficou perceptível. Por exemplo: quando pergunto para Priscila o que ela mais gosta de assistir, ela me responde que são as novelas, explicando: “porque elas ensinam muito”. Nesse contexto, pesquisadores das áreas da comunicação e da educação vêm estudando as mídias, especialmente a televisão, com o objetivo de compreender como se dá essa produção de modos de ser e estar por meio das mídias. Muitos trabalhos no âmbito dos Estudos Culturais, por exemplo, utilizam a noção de “pedagogias culturais”, que referem-se aos estudos que propõe compreender como somos educados e como nos educamos na cultura contemporânea através das mídias e do consumo. Como observa Costa (2009), “quando artefatos culturais estão implicados tanto nas formas pelas quais as pessoas passam a entender a si e ao mundo que as cerca quanto nas escolhas que fazem e nas

³¹ Trecho da entrevista com Iara.

maneiras como organizam suas vidas, pedagogias estão sendo praticadas” (COSTA, 2009, p. 20).

Com base na perspectiva de Michel Foucault de que todo e qualquer discurso implica relações de poder, Rosa Maria Bueno Fischer investigou como se dão as formas de poder e de subjetivação atuantes nos programas de televisão, fundamentando-se nos conceitos de “dispositivo da sexualidade” e de modos de subjetivação desenvolvidos por Foucault, assim como no conceito de “dispositivo pedagógico”, de Jorge Larrosa (1995). A partir daí, a pesquisadora desenvolveu o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, que se refere aos estudos sobre as maneiras com que as mídias, em especial a televisão, exercem um papel na constituição de sujeitos³², na produção de significações e nas formas de educação das pessoas “ensinando-lhes modos de ser e de estar na cultura em que vivem.” (FISCHER, 2002, p. 153).

Descrevo o dispositivo pedagógico da mídia como um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem. (FISCHER, 2002, p. 155)

Para Fischer (2001, p. 84), fundamentada na concepção foucaultiana, discurso é um conjunto de enunciados pertencentes a “um determinado campo de saber” e que se tornam um elemento constituidor

³² Fischer fundamenta-se no conceito de sujeito abordado por Foucault, no qual o sujeito sempre está submetido em uma relação de poder: ou em submissão na relação com o outro ou na relação consigo próprio, frente à sua própria identidade.

de nossas práticas no cotidiano, assim como nós também nos constituímos nelas. “Os discursos não só nos constituem, nos subjetivam, nos dizem “o que dizer”, como são alterados, em função de práticas sociais muito concretas. Tudo isso envolve, primordialmente, relações de poder” (FISCHER, 2001, p. 85). Para a autora, a relação de poder está presente nas entrelinhas do discurso que se faz presente na mídia através dos textos que falam sobre modos de ser e estar na cultura contemporânea.

Assim, todas as dicas médicas, psicológicas ou até de ordem religiosa ou moral, comunicadas através de inúmeros especialistas de todos esses campos de conhecimento, a respeito daquilo que devemos fazer com o nosso corpo e nossa sexualidade, ao se tornarem presentes no grande espaço da mídia, não só ampliam seu poder de alcance público como conferem à própria mídia, ao próprio meio, um poder de verdade, de ciência, de seriedade (FISCHER, 2001, p. 50).

Frente à complexidade com que as “técnicas de si” se constituem na atualidade, podemos perceber que os discursos veiculados nas mídias ganham maior proporção. Podemos perguntar o que “fala” o Programa *SuperNanny* sobre educação de crianças? Que relações de poder estão em jogo em seu discurso? Podemos pensar que, se os meios de comunicação, e a televisão em especial, validam os discursos sobre modos de ser e de estar na cultura, eles podem ser enfatizados através dos programas de autoaprimoramento³³. O Programa *SuperNanny* se encaixa nesse cenário. Inspirada pelas reflexões de Arendt sobre a autoridade, de Foucault sobre o papel do especialista e de Fischer sobre o dispositivo pedagógico da mídia, penso que, no caso do Programa *SuperNanny*, é de fato possível que confiemos mais no discurso exibido

³³ Os programas de autoaprimoramento são programas onde um apresentador, no papel de especialista, resolve casos específicos. Por exemplo, o Programa *SuperNanny* pode ser considerado um programa desse gênero, onde a apresentadora, intitulada como especialista, transformaria, através dos pais, crianças indisciplinadas em crianças “bem-comportadas”.

na televisão do que, por exemplo, nos conselhos das gerações passadas sobre a educação das crianças. Assim, concordamos com Fischer ao concluir que “a mídia não apenas veicula. Ela, sobretudo, constrói discursos e produz significados e sujeitos” (FISCHER, 2012, p. 113).

E se seguirmos considerando que as imagens que circulam na TV participam dos processos de produção de sentidos sobre como pensamos, agimos e nos relacionamos no mundo, teremos que concordar com Canclini (2008) em que os textos e as imagens vão existindo à medida que o(a) leitor ou espectador(a) os usa ou reinterpreta. Consideramos também que todo texto prevê o seu leitor, por mais que nem sempre acerte o alvo, como mostram os estudos de Ellsworth (2001) sobre modos de endereçamento. Para essa autora, os processos de produção e de recepção estão envolvidos em uma dinâmica social ampla, pautada por relações de poder, domínio e controle; portanto, nem os modos de endereçamento e nem as negociações envolvidas no processo poderiam ser uma coisa simples ou única, pois, “da mesma forma que o espectador ou espectadora nunca é exatamente quem o filme pensa que ele ou ela é, assim também o filme não o é” (ELLSWORTH, 2001, p. 21). Na recepção do cinema, das novelas e espetáculos de música, as obras “procuram receptores para animá-los ou consolá-los; nos três casos, os receptores podem ler entre aspas, de maneiras irônicas ou inovadoras” (CANCLINI, 2008, p. 52).

Neste contexto, por mais crítico e consciente que seja o ato de assistir a um programa ou filme, em que o espectador construa suas próprias expectativas em relação à narrativa, por outro é desafiante renunciar aos diversos prazeres que um filme pode causar. Assim, o ato de assistir a um filme muitas vezes escapa à consciência crítica, pois, para a autora, “o prazer e a fantasia podem ser políticos, mas isso não tudo o que eles são” (ELLSWORTH, 2001, p. 29). Nessa direção, Fischer (2001) relata que certa vez entregou um texto para suas alunas do curso de Pedagogia sobre o programa da Xuxa e se surpreendeu quando, mesmo após as devidas críticas, as alunas manifestaram carinho pela apresentadora, indicando que, conforme diz Foucault em *Arqueologia do saber* (1986), nós assumimos diferentes posições em um mesmo discurso (FISCHER, 2005). Como veremos adiante, no capítulo de análise, essa é a mesma situação que acontece na recepção do Programa *SuperNanny* relatada pelas pessoas que entrevistei: uma mistura de estranhamento, de crítica e de aceitação.

2.5 Uma aproximação aos Estudos de Recepção

Como coloquei no início do trabalho, o objetivo desta pesquisa foi compreender o que as próprias pessoas dizem sobre o Programa *SuperNanny*, por isso, senti necessidade de conhecer mais sobre os estudos de recepção de mídia. Trago então o tema dos estudos de recepção neste capítulo porque vejo neles uma referência que foi muito importante para pensar o Programa *SuperNanny* na voz dos pais e mães que o assistem.

Minha aproximação com os estudos que relacionavam educação e comunicação se deu pelas leituras de Paulo Freire, na época em que trabalhei com educação popular e formação de educadores, entre 2003 e 2007. Nos estudos do Mestrado, na área da Educação, mais uma vez me encontrei com as Ciências da Comunicação, mas agora com um foco específico: os estudos de recepção, que me serviram como inspiração metodológica nesta pesquisa, para compreender os sentidos que pessoas, de contextos sociais distintos, atribuem ao Programa *SuperNanny*. Para percorrer a cronologia dos estudos de recepção no cenário europeu e norte-americano, recorri à autora Ellen Seiter, que, em seu livro *Television and New Media Audiences* (1999), apontou algumas importantes referências na área. Para compreender os estudos de recepção no contexto latino-americano, me fundamentei principalmente nos trabalhos de Escosteguy e Jacks (1993, 2004, 2005). Mesmo sabendo que outras pesquisas contemporâneas estão sendo desenvolvidas sobre o tema da recepção, senti necessidade e maior confiança ao retomar clássicos como *Dos Meios às Mediações*, de Martín-Barbero, para compreender as origens de alguns dos primeiros questionamentos nesse campo da recepção. A partir dessas referências, revisei teorias do campo da Comunicação, dentre elas a Teoria dos Efeitos e a Hipótese dos Usos e Gratificações. Em um primeiro momento, a Teoria dos Efeitos teve como objetivo saber o que as mídias causavam nos espectadores, identificando as variáveis que serviam como facilitadoras ou como obstáculos a tais efeitos, enquanto a Hipótese dos Usos e Gratificações, ao contrário, buscava compreender o que faziam os indivíduos com os meios. Esta última representou uma perspectiva mais otimista da relação entre as mídias e suas audiências, enfatizando os envoltimentos ativos e os modos como as mídias poderiam ser empregadas pelos indivíduos para satisfazer necessidades e empregar objetivos pessoais. Porém, para Seiter (1999), apesar de

romper em parte com as teorias de efeitos, a teoria dos Usos e Gratificações manteve seu viés conservador com relação ao processo pelo qual o poder político é distribuído na sociedade, fundando-se em um modelo sociológico funcionalista. De acordo com a autora, esses dois modelos foram considerados limitados em suas perspectivas, especialmente porque não se fundamentavam em referências teóricas sociais explícitas para a interpretação dos resultados. Ambas baseavam-se em uma abordagem comportamental que se ocupava em estudar o meio e o público em uma perspectiva linear de estímulo e resposta. Para Escosteguy (2004, p. 135), nessas perspectivas

o produto midiático é considerado um estímulo que provoca diversas reações nos públicos. Aí encontram-se aqueles estudos de formação de opinião, efeitos cognitivos, usos e gratificações, e outras investigações de caráter psicológico que reduzem o produto midiático ao juízo do público.

Outra influência importante sobre as pesquisas de audiência, inclusive no Brasil, foram os Estudos Culturais britânicos que enfatizaram os processos de codificação e decodificação e os estudos da semiótica³⁴. Os Estudos Culturais tiveram início no final da década de 1950, através das pesquisas desenvolvidas principalmente por Richard Hoggart, Edward Palmer Thompson e Raymond Williams e, mais adiante, por Stuart Hall. Seus trabalhos estiveram ligados ao *Centre for Contemporary Cultural Studies* – CCCS, fundado em 1964 na Universidade de Birmingham/Inglaterra. Constituído como um campo de diferentes disciplinas, onde articulam-se a pesquisa textual e a social, os Estudos Culturais englobam a comunicação de massa integrada às diferentes práticas do cotidiano que produzem sentido na vida social e compreendem a comunicação como um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática. “Poderíamos resumir que os estudos culturais estão interessados nas relações entre textos, grupos sociais e contextos ou ainda, em termos mais genéricos, entre práticas simbólicas e estruturas de poder”. (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 39). A interpretação do texto, a análise da

³⁴ Para Seiter (1999) os paradigmas das pesquisas dos Usos e Gratificações e as pesquisas dos Estudos Culturais não foram, desde o início, completamente distintas entre si e destaca que o estudioso David Morley reconhece essa aproximação em sua própria pesquisa.

complexidade, “a centralidade da ideologia, a variabilidade da interpretação da televisão e as complexas variáveis nas interpretações dos telespectadores formam a teoria” (SEITER, 1999, p. 14) e se inserem na abordagem sociocultural, apontada por Escosteguy (2004, p. 135) como “uma visão ampla e complexa dos processos de recepção dos produtos midiáticos, levando em consideração múltiplas relações sociais e culturais”.

Distanciando-se de uma compreensão linear da comunicação, muitos estudos de recepção desenvolvidos hoje no âmbito acadêmico da Comunicação e da Cultura pretendem levantar a problemática da relação das pessoas com os diferentes meios de comunicação, considerando todos os elementos que compõem o processo comunicativo, como o texto e contexto da produção, bem como o da recepção. Para a estudiosa do tema Nilda Jacks:

O processo de recepção é visto como algo que não se dá apenas no momento da interação com os meios de comunicação, mas começa bem antes e termina bem depois, fundindo-se com as práticas cotidianas dos receptores, ação onde ganha sentido ou não, através da negociação com os significados propostos pela família, escola, religião, partido político, empresa, etc. (JACKS, 1993, p. 48).

Como enfatizou Stuart Hall, o processo de comunicação é muito mais complexo do que se possa visualizar, e a noção de produtor-mensagem-receptor precisa ser ampliada em direção a um circuito composto por produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução que, mesmo distintos, estão interligados e refletem-se uns nos outros. “Produção e recepção são momentos diferenciados dentro da totalidade formada pelas relações sociais do processo comunicativo como um todo” (HALL, 2003, p. 198).

Buscando um afastamento do modelo da comunicação de massa que considerava existir uma linearidade nos processos entre emissor, mensagem e receptor, em seu ensaio “Codificação/Decodificação”, publicado originalmente em 1973 sob o título *Encoding and decoding in television discourse*, Hall (2003) problematizou a lógica linear que

predominava até então nas teorias sobre comunicação, como as pesquisas dos efeitos e as pesquisas dos usos e gratificações. Stuart Hall (2003) negava a ideia de que a comunicação fosse um processo transparente e linear, entendendo-o como sendo muito mais complexo do que se pensava. Para o autor, todo o processo de comunicação é composto por uma articulação de momentos distintos, porém interligados, como a produção, circulação, distribuição, consumo e reprodução. Ou seja, na decodificação da mensagem, diferentes e inúmeras produções de sentidos ocorrem, que se relacionam com a produção.

Hall identifica três maneiras de se fazer a leitura na decodificação. A primeira é a *decodificação hegemônico-dominante*, em que o telespectador se apropria da mensagem de forma direta e a usa para explicar sua própria vida. Se o telespectador “decodifica a mensagem nos termos do código referencial no qual ela foi codificada, podemos dizer que o telespectador está operando dentro do código dominante” (HALL, 2003, p. 400). A *decodificação negociada* refere-se à decodificação de uma mensagem onde não existe plena contrariedade em relação ao seu conteúdo, mas sim a negociação entre as condições próprias dos receptores e os valores presentes na mensagem; a *decodificação oposicional* refere-se a quando o telespectador entende a mensagem produzida, mas a reelabora a partir de uma compreensão diferente da que foi proposta. Para Hall,

um dos momentos políticos mais significativos (eles também coincidem com os momentos de crise dentro das próprias empresas de televisão, por razões óbvias) é aquele em que os acontecimentos que são normalmente significados e decodificados de maneira negociada começam a ter uma leitura contestatória. Aqui se trava a "política da significação" — a luta no discurso (HALL, 2003, p. 402).

A partir dessa nova perspectiva sobre os estudos que enfatizaram a recepção, desenvolveram-se pesquisas denominadas como *etnografias de audiência*, que foram “desenvolvidas para conhecer, na prática, as conexões entre leitura e sociedade” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 40), colocando em dúvida perspectivas que atribuíam todo poder ao

texto, desconsiderando o processo de recepção. Um dos estudos seminais nessa direção é a pesquisa de David Morley e Charlotte Brunson (1980), que testaram empiricamente e contribuíram para a reformulação do modelo analítico proposto por Stuart Hall, “codificação/decodificação”, na pesquisa “*The Nationwide Audience*”, realizada entre 1975 e 1979 e publicada em 1980 (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 40).

Um dos primeiros pesquisadores a desenvolver um estudo de recepção em uma perspectiva etnográfica no âmbito dos estudos culturais, e especialmente sobre o contexto doméstico do consumo de mídias foi o inglês David Morley. Na época em que o autor desenvolveu sua pesquisa, assistir televisão ainda era uma atividade feita principalmente em casa e entre a família, sendo este um dos motivos pelo qual o autor considerou que os estudos de audiência deveriam ser feitos no contexto doméstico, ou seja, no ambiente natural onde se assistia televisão. Assim, em sua pesquisa *Family Television: Cultural Power and Domestic Leisure* (1986), Morley privilegiou trabalhar com uma amostra pequena de famílias londrinas de diferentes contextos culturais e optou por trabalhar com entrevistas extensas e não estruturadas. Essa escolha metodológica do autor permitiu uma descrição mais detalhada da interpretação dos sujeitos entrevistados, que favoreceu maior profundidade nos modos com que as pessoas faziam suas interpretações (SEITER, 1999).

No prefácio ao livro de Morley (1986), Stuart Hall escreveu que o autor foi responsável por inaugurar as pesquisas que deram especial atenção as dimensões sociais da audiência, suas respectivas interpretações e aspectos textuais, ampliando empiricamente as pesquisas no campo de estudos da comunicação e aprofundando a atenção ao cotidiano e à cultura. Hall apontou ainda que os sentidos e os usos que as pessoas dão àquilo que veem na televisão são também construídos no interior de um conjunto de relações constituídas pelos contextos domésticos e familiares e que, portanto, os modos de audiência e os usos feitos a partir da televisão sejam tão diversos. Como observa Hall:

Não somos espectadores com uma única identidade, um conjunto monolítico de preferências e hábitos repetitivos de audiência... Somos, todos, muitos públicos diferentes ao

mesmo tempo e podemos ser constituídos desse modo por diferentes programas. Temos a capacidade de empregar diferentes níveis e modos de atenção, de mobilizar diferentes competências no processo de audiência em diferentes horas do dia e de um membro da família para outro³⁵ (Op. cit., p. 9).

A partir das pesquisas realizadas inicialmente por Stuart Hall e, em seguida, por David Morley, os estudos que pretenderam dar atenção ao âmbito da recepção e sua relação com o cotidiano e a cultura se disseminaram. Na América Latina, esses estudos ganharam contornos mais autênticos conforme a realidade própria do continente, como veremos a seguir.

2.5.1 Uma aproximação aos estudos latino-americanos de recepção

Como observam Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy (2005), em meados da década de 80, a necessidade de deslocar o olhar dos estudos de comunicação desenvolvidos no contexto internacional proporcionou uma renovação e um aprofundamento que permitiu uma confluência em relação ao contexto histórico e intelectual predominante. Conforme as autoras, tal mudança favoreceu os estudos posteriores que se dedicaram a compreender a relação entre a comunicação e a cultura, especialmente porque as pesquisas realizadas e os modelos importados foram considerados insuficientes por terem sido desenvolvidos em países com diferentes contextos e para a sua própria realidade. “Além disso, as dinâmicas culturais, entre as quais estão os embates gerados pela globalização e sua transformação na experiência social, contribuem para a renovação teórica e metodológica no campo da comunicação”. (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 52).

Seguindo na perspectiva de compreender o processo de comunicação como um circuito complexo e ativo em todos os seus momentos, surgem na América Latina, em meados dos anos 80, pesquisas que pretenderam renovar as perspectivas teóricas sobre as

³⁵ Tradução de Gilka Girardello.

relações entre os meios e os sujeitos, desenvolvidas para dar conta de realidades culturais, econômicas e políticas distintas daquelas dos países europeus ou norte-americanos. Dentre os principais teóricos estão o já mencionado Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini, autores que ampliaram o entendimento de cultura e que consideraram as relações entre produção, distribuição e consumo de bens simbólicos.

Néstor García Canclini dedicou seus estudos ao consumo de bens culturais, com destaque para a televisão, a partir de uma perspectiva sociocultural. O autor aponta que o consumo não é um ato individual fundamentado em desejos ou atitudes impensadas, mas sim compartilhado no âmbito social e coletivo. Em sua perspectiva, o consumo, a partir da dimensão cultural, é um dos elementos constituidores das identidades dos indivíduos. É nessa perspectiva que enfoca a experiência dos sujeitos enquanto consumidores.

Jesús Martín-Barbero investigou de que maneira se dá a articulação entre os movimentos sociais e as práticas de comunicação e desenvolveu o conceito de uso social dos meios. Para tanto, o pesquisador dedicou seus estudos a entender de que maneira as camadas populares da América Latina se inseriam em um cenário típico de “subdesenvolvimento e, ao mesmo tempo, de um processo acelerado de modernização, que implica no aparecimento de novas identidades e novos sujeitos sociais, forjados, em especial, pelas tecnologias de comunicação” (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 65). Martín-Barbero propôs que se investigasse a comunicação a partir da cultura, destacando também a necessidade de se compreender a comunicação no âmbito da recepção. “O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade das matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258).

Em seu livro *Dos Meios às Mediações* (1997), Martín-Barbero desenvolveu o conceito de mediação a partir de uma perspectiva diferente das até então pesquisas realizadas na área da comunicação. Para o autor, as mediações referem-se à atribuição de sentidos da audiência, ou seja, são os “lugares” onde ocorre a interação entre produtores e receptores. Dentre esses lugares de mediação, Martín-Barbero definiu inicialmente três tipos: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. O primeiro tipo tem

relação especialmente direta com o tema de nossa pesquisa. Conforme Martín-Barbero, “a mediação que a cotidianidade familiar cumpre na configuração da televisão não se limita ao que pode ser examinado no âmbito da recepção, pois inscreve suas marcas no próprio discurso televisivo”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 293).

Ao considerar o receptor como produtor de sentidos, o autor desloca o foco, dentro das teorias da comunicação, o foco do estudo dos meios e valoriza o contexto social e cultural no qual o receptor está inserido e o onde a mensagem é negociada pelo telespectador. A recepção, nessa perspectiva, não é considerada como apenas uma etapa do processo comunicacional, mas também como a possibilidade de pensar o processo como um todo, no qual as mediações atuam direta ou indiretamente. Nessa complexidade do processo de comunicação, pode-se perceber que também o receptor e o seu cotidiano devem ser pesquisados, não apenas os meios.

Pensar os processos de comunicação nesse sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 285).

Ao articular a cultura aos estudos de comunicação, o autor considera que não existe apenas a reprodução de forças, mas principalmente a produção de sentidos, sendo ela considerada uma negociação que está intimamente ligada à situação sociocultural de cada receptor.

Por isso, em vez de fazer a pesquisa partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 292)

A proposta de compreender a comunicação a partir das mediações levando em conta os aspectos subjetivos, sociais e culturais, empreendida por Martín-Barbero, foi fundamentada metodologicamente por Guillermo Gómes, para quem o processo de recepção vai além de ler e ouvir, sendo multimediado por diferentes situações que passam pelo cotidiano e que possibilitam a produção de sentidos e significados pelos receptores (OROZCO, 1996).

De acordo com os autores que ampliaram a perspectiva dos estudos de comunicação nesse sentido, simplificar e reduzir um estudo de recepção à análise de discurso do texto midiático e descartar as sutilezas do âmbito da recepção, seria olhá-lo a partir de uma ótica linear, há algum tempo considerada insuficiente. Temos clara, hoje, a importância de, como diz Fischer,

uma análise do discurso de textos midiáticos que não perca de vista aquilo que diz respeito aos modos e exercícios de ver de diferentes públicos, e que tenha como preocupação básica descrever um pouco da história do presente, atenta aquilo que hoje se faz urgente pensar (FISCHER, 2005, p. 2).

Destacando a necessidade de uma análise de discurso dos textos midiáticos que dê especial atenção aos modos de ver de diferentes públicos, Fischer (2005) complexifica o olhar para os estudos de recepção, em busca de uma leitura mais sensível. Para a autora, o objetivo da análise dos discursos da mídia e dos estudos de recepção é “fazer que neles apareçam as singularidades, certamente vinculadas a uma discussão específica de sintomas de nosso tempo, que urge serem tratados, debatidos” (FISCHER, 2005, p. 3).

Ao lançar luz para uma questão tão necessária nos estudos de comunicação, como a ênfase nas individualidades e, conseqüentemente para a dificuldade em reduzir e formatar o universo da subjetividade, Fischer desmistifica a possível sensação de estarmos de mãos atadas. Nesse mesmo artigo, a autora traz elementos – a partir de Hannah Arendt em *A Condição Humana* - para entendermos a manifestação da individualidade como condição para nos tornarmos humanos em uma sociedade que preza pela massificação de opiniões e de comportamento.

Defendo que se imagine a possibilidade de incluir nos estudos de recepção a atitude de abertura ao inesperado, como escolha política, como opção de abrir espaço, na academia, na pesquisa científica, especialmente nos estudos que buscam ouvir, ver, escutar, provocar grupos, sujeitos, pessoas como nós, imersas no fluxo interminável, contínuo, das imagens midiáticas (FISCHER, 2005, p. 7).

Desta forma, o fato de fazermos pesquisas sobre a recepção de mídias, de conversarmos, de escutarmos o outro, tem em si uma dimensão política. Para a autora, “todas essas modalidades de trabalho investigativo em comunicação podem transformar-se em exercício do político, em experimento de novas formas de sociabilidade, de comunidade, alternativa aos modos usuais de relacionamento” (FISCHER, 2005, p. 6). Como mencionei no capítulo 2, é nas interações sociais, no contato com o outro e através do discurso que nos constituímos e nos afirmamos enquanto sujeitos, onde temos a possibilidade de lutar contra formas de subjetivação.

Estudar tais autores serviu para mim como uma aproximação aos estudos de recepção das mídias que me ofereceu fundamentos para explorar aspectos da recepção do Programa *SuperNanny*. Durante a pesquisa de campo, procurei estar atenta às dimensões da recepção que esses autores me ensinaram a ver, entendendo que a recepção se funde com as práticas do cotidiano no contexto sociocultural do receptor, sendo espaço de negociação e de produção de sentido.

CAPÍTULO 3

Conversas em volta da mesa: a pesquisa de campo

Compartilho neste capítulo aquilo que foi o mais rico que encontrei nesse processo, as entrevistas com mães telespectadoras do Programa *SuperNanny* sobre os dilemas que encontram na educação das crianças de sua família. Não por acaso, escolhi esse título para o capítulo: todas as conversas que tive com as mães ocorreram em volta da mesa da cozinha da casa delas, em momentos de tranquila intimidade. Uma única entrevista foi realizada em um restaurante, também em volta da mesa. A seguir relato os bastidores da pesquisa, situo minhas opções metodológicas e, especialmente, sintetizo o que me disseram as entrevistadas. Procurarei, ao mesmo tempo, fazer uma interlocução com suas respostas, a partir do referencial teórico-metodológico que apresentei até aqui.

3.1 Procedimentos metodológicos, seus limites e alternativas

Meu interesse em pesquisar a recepção do Programa *SuperNanny* começou quando me inquietei ao ver que muitos dos pais dos meus alunos de educação infantil assistiam ao Programa *SuperNanny* como uma referência na educação de seus filhos. Ficava pensando: o que eles achavam interessante no programa? Qual era o grau de credibilidade que davam ao Programa? Usavam algo daquilo na educação de seus filhos? O que havia acontecido com os espaços tradicionais de troca social para que o Programa pudesse ter ganhado tamanha audiência?

Por isso, inicialmente, meu interesse era fazer a pesquisa com pais e professores, o universo onde surgiram as primeiras perguntas sobre o tema. Porém, com o desenvolvimento da pesquisa e conforme sugestões feitas na Qualificação, considerei mais adequado delimitar melhor o estudo e focar na família, que é o centro temático do Programa. Portanto, ficará para estudos futuros uma investigação sobre o que pensam os professores a respeito do Programa *SuperNanny* ou outros produtos do gênero. De alguma maneira, sinto que me aproximei dos professores através das entrevistas com Iara e Rosa³⁶ que, além de

³⁶

Pseudônimos, como será melhor explicado adiante.

mães, são, respectivamente, uma professora de educação infantil e uma professora universitária na área da educação.

Outra mudança ocorreu com relação à maneira como faria a pesquisa de campo. Inicialmente pensamos em realizá-la com grupos focais, método também sugerido pelos professores na Qualificação; porém, no período de leituras e escritas, encontrei amigos e conheci pessoas de diferentes contextos econômicos, sociais e culturais que, ao saber que eu estava pesquisando a recepção do Programa *SuperNanny*, diziam o que pensavam sobre o Programa. Para a minha surpresa, essas conversas foram longas e renderam opiniões diversas, mostrando o quanto o tema é complexo e dá o que pensar. Foi então que percebi que escutar as pessoas com mais tempo e atenção poderia trazer maior qualidade à investigação sobre os sentidos que atribuem ao Programa.

Conforme sugestão feita pelos professores na Qualificação e também para facilitar a análise das entrevistas, pensamos em estruturá-las a partir de algumas categorias de análise, como disciplina, limite e autoridade, temas bem presentes no Programa *SuperNanny*. Mas refletimos que, como o objetivo geral dessa pesquisa é compreender os sentidos que os pais/mães que assistem ou assistiram atribuem a ele em suas vidas, consideramos que as diferentes opiniões poderiam nos surpreender frente a sua diversidade e, por este motivo, optamos por não usar categorias prévias.

Fundamentada na perspectiva dos estudos ingleses sobre recepção de TV no contexto familiar, especialmente no trabalho de David Morley (1983), optei por não fazer uma pesquisa quantitativa com o uso de questionários; optei por trabalhar com uma pequena quantidade de entrevistas, atenta às particularidades com que cada pessoa compartilhou a sua experiência de vida. Nesta pesquisa, entrevistei apenas mulheres. Não foi uma escolha prévia, apenas ocorreu que as pessoas que se aproximaram de mim dispostas a discutir a temática foram mulheres. Antes de iniciar as entrevistas, conheci um homem, médico, que assistia ao Programa, mas ele não quis conceder a entrevista. Considero este ter sido um limite, porque deixei de contemplar a perspectiva masculina, mesmo sabendo que em nenhum momento desta pesquisa pretendi pesquisar unicamente a recepção feminina do Programa *SuperNanny*.

Vou destacar também que estou consciente de que na época em que a pesquisa de David Morley sobre audiência familiar foi

desenvolvida, em 1983, assistir televisão era ainda uma atividade tipicamente feita em grupo, tornando-se parte constitutiva das relações familiares. Este cenário passou por algumas mudanças, como, por exemplo, o aumento no número de aparelhos de televisão por residência, a variedade de canais e também a possibilidade de assistir à programação da televisão na tela do computador ou em aparelhos móveis, deixando a recepção de TV de ser feita predominantemente no ambiente doméstico.

Mesmo não sendo mais a família o lugar único da audiência, estudar a perspectiva de Morley (1983) sobre a audiência em família contribuiu para que eu formulasse novas perguntas que dizem respeito ao âmbito da produção de sentidos, tais como: de que forma e com quem as pessoas assistem ao Programa? Se e como conversam sobre ele? Durante e/ou após a audiência? Também para compreender a relação entre o meio e a audiência, outras perguntas foram sendo formuladas: você tomou alguma decisão ou fez alguma coisa baseada no que viu no Programa? Em caso afirmativo, fez relação com o Programa, antes ou depois desse ato ou decisão? Perguntas como essas tiveram relação com o eventual papel do Programa na escolha ou decisão tomada a partir do que foi assistido.

Vale ressaltar que esta pesquisa não teve como objetivo analisar o Programa *SuperNanny* em suas estratégias de produção ou técnicas discursivas. Optei por entrevistar justamente as pessoas que assistiam ao Programa com o objetivo de compreender o que as faziam assisti-lo e o que ressignificavam a partir dele.

Essa pesquisa buscou inspirar-se em recursos etnográficos, ciente de que um estudo tipicamente etnográfico demandaria longos períodos de encontros, de conversas, assim como uma imersão cultural e social no contexto. Assim como Seiter (1999) aponta no seu livro, a dificuldade em pesquisar o consumo de mídias no ambiente doméstico é recorrente na maioria das pesquisas que pretenderam fazê-lo. Portanto, das cinco entrevistas, quatro foram feitas nas próprias casas das entrevistadas e uma em um restaurante.

Em um primeiro momento, realizei entrevistas estruturadas para definir o contexto sócio-cultural das participantes. Essas entrevistas foram fundamentadas com base no roteiro de questões utilizado em

outras pesquisas do Núcleo Infância, Comunicação e Arte³⁷, realizadas por Fantin (2006), Souto-Maior (2005), Dionísio (2004), Garzel (2005) e Girardello e Orofino (2002) sobre práticas culturais e consumo de mídias entre crianças, com as devidas alterações por se tratar de entrevistas com adultos³⁸. Em seguida, optei por realizar entrevistas semi-estruturadas, sabendo ser essa uma técnica que privilegiaria a troca com as entrevistadas e que talvez as deixasse mais à vontade. As entrevistas foram longas, com cerca de duas horas e meia. No texto da dissertação dei preferência a extensas citações literais das entrevistadas, de modo que o (a) leitor (a) possa verificar por si mesmo (a) o modo com que elas usam as palavras para compartilhar os significados que o Programa *SuperNanny* tem para elas.

Para Silveira (2002), a própria morfologia da denominação “entrevistador e entrevistado” já traz indícios de uma relação de poder, sendo o uso do sufixo *or* atribuído ao agente ativo e o sufixo *ado* ao agente passivo. Porém, como lembra a autora, essa relação de poder não é fixa e pode variar.

Se, por um lado, nossa imagem usual de entrevistas tenda a incluir um sujeito perguntando, “querendo saber”, questionando, e chegando, em certas ocasiões, a encurralar o entrevistado (o que, obviamente, iria de encontro a todas as recomendações tradicionais sobre cuidados de realização das mesmas), o entrevistado também lança mão de numerosas estratégias de fuga, substituição e subversão dos tópicos propostos (SILVEIRA, 2002, p. 124).

Mesmo estando ciente de que a postura do pesquisador sempre interfere na entrevista, procurei me despir de algumas vestes da condição de estudante universitária, pelo seguinte motivo: durante o período em que fiz as entrevistas exploratórias, percebi que algumas pessoas mal acabavam de responder o que eu perguntava e em seguida queriam saber a minha opinião sobre o Programa. Senti, nesses momentos, que suas perguntas vinham como curiosidade sobre o meu

³⁷ NICA/UFSC – CNPq.

³⁸ Disponível em anexo.

posicionamento, talvez principalmente por eu estar “dentro” da Universidade e em busca da validação da academia às suas opiniões. Por este motivo, e fundamentada nas leituras que fizera sobre a relação entre entrevistador e entrevistado, fiquei atenta para a maneira como iria me posicionar nas entrevistas e espero que tenha deixado as pessoas que comigo construíram o material deste trabalho, à vontade para se colocarem.

Com relação à esse cuidado, procurei manter uma atenção reflexiva às minhas opiniões sobre o Programa *SuperNanny*, evitando-me identificar com atitude de crítica *a priori*, a favor ou contra. Procurei exercitar uma escuta acolhedora em relação ao que ouvia. Nesse sentido, e só agora percebo, talvez o processo tivesse sido operacionalmente mais fácil se eu tivesse entrado na pesquisa com uma visão já definida, com cartas teóricas na manga que apenas confirmassem as teorias que eu estudara até então. Mas diferente disso e, talvez pelo meu histórico de professora que ouvia muitos pais recorrerem a outros profissionais para ajudá-los na educação de seus filhos, não pude fazer um julgamento prévio e simplista com relação ao Programa.

Com relação à análise das entrevistas, me fundamentei em alguns estudos, como os de Silveira (2002), Fischer (2001) e Gill (2003) e também nas aulas sobre metodologia de pesquisa no PPGE/UFSC, levando em conta algumas questões necessárias para a elaboração da análise. Uma delas foi a consciência de que compreendemos o mundo a partir de um contexto histórico relativo e específico e que, portanto, a maneira com que o fazemos depende dos processos sociais e culturais em que estamos implicados. Também me fundamentei na concepção de discurso a partir de Michel Foucault, na qual o discurso é um conjunto de enunciados pertencentes a um determinado campo de saber e que se tornam um elemento constituidor e constituinte de nossas práticas no cotidiano. Portanto, na análise das entrevistas não tive como objetivo procurar o que estivesse *por trás* do discurso, mas sim manter a atenção no próprio discurso. Assim, segui as orientações de Gill (2003, p. 251), que sugere que as entrevistas sejam transcritas em sua versão integral: “a transcrição não pode sintetizar a fala, que nem deve ser “limpada”, ou corrigida; ela deve registrar a fala literalmente, com todas as características possíveis da fala”.

Acho necessário explicar como cheguei às entrevistadas. Coloquei cartazes em escolas públicas e particulares dos bairros Lagoa da Conceição, Rio Tavares e Trindade, em Florianópolis, por estes serem representativos da diversidade sócio-cultural da cidade e também

por serem regiões que conheço bem, por circular cotidianamente por elas. Ao mesmo tempo em que esperava resposta por email ou telefonema, conversava com conhecidos sobre a minha pesquisa e, quando dizia que estava pesquisando o Programa *SuperNanny*, todos logo davam a sua opinião a respeito ou diziam ter algum conhecido que assistia ao Programa. Percebi então que seria através das minhas conversas cotidianas que chegaria às pessoas que entrevistaria. Acabei achando interessante a escolha, porque depois percebi que, entre risos e choros, as pessoas foram aos poucos refletindo junto comigo, mais do que sobre o Programa, e principalmente sobre educação. Sei que a maioria delas ainda não havia falado sobre nem sobre o Programa *SuperNanny* e os dilemas na educação dos filhos, pelo menos não de uma maneira tão pessoal. Por isso acredito que a troca em nossas conversas com certeza foi de aprendizado mútuo.

Nos primeiros contatos com as pessoas que participaram das entrevistas, procurei afirmar que, caso preferissem, seus nomes não seriam identificados no trabalho e, portanto, não seriam publicados. Como algumas delas quiseram criar o nome pelo qual seriam designadas, achei melhor também que elas mesmas criassem os seus pseudônimos (com exceção de um caso que será mencionado adiante).

3.2 As Entrevistadas

- Priscila

Priscila tem 32 anos, é natural e moradora da Costa da Lagoa³⁹ e mãe de três crianças de 12, 11 e 8 anos de idade. Em sua casa moram os três filhos, seu avô e o marido. Priscila disse que nunca foi estudiosa, mas conseguiu concluir o ensino fundamental. Durante a semana trabalha nos afazeres de casa e na mercearia da família e, aos finais de semana, auxilia na cozinha do restaurante da sua mãe, também na comunidade.

Na casa de Priscila a televisão fica ligada o dia inteiro, inclusive na hora do almoço e do jantar. “Sem TV não dá”. Pergunto o porquê: “Ah, nosso lugar parado do jeito que é, vai fazer o quê? Tem que ter algum barulho pelo menos!” Priscila costuma assistir televisão com os filhos e, dentre seus programas favoritos estão Chaves e as novelas da

³⁹ Bairro de origens tradicionalmente ligadas à pesca e à colonização açoriana.

TV Record e da TV Globo. Quando perguntei do que ela mais gosta nas novelas, disse: “Porque é interessante as novela, é as nossas vidas, né? A gente tá aprendendo, né?”. Perguntei o que ela aprende, e ela disse, rindo: “Como educar um homem também! Tá dando certo!”.

Priscila diz que foi ao cinema apenas uma vez, e em seu próprio bairro, para assistir ao filme *A Antropóloga*, que havia sido filmado naquela localidade. Ao teatro foi também só uma vez, com a escola quando criança. Gosta de ler revistas “de dietas” e de navegar pelas novidades do Facebook. Diferente de seu avô, como diz, Priscila não gosta de noticiário e nem de ler jornal. Acha que eles são repetitivos demais. Passear no centro da cidade é um de seus lazeres preferidos:

Priscila: Nesse momento não tou tendo nada de lazer. Nada, nada! Quando eu tenho, é sair e pegar um ônibus e ir pro centro. Pra mim, é! Eu fico muito feliz. Às vezes eu vou sozinha, mas agora tem sempre uma segurança atrás (aponta pra filha mais nova). Eu gosto bastante. Eu tou em casa eu sou uma pessoa, eu vou pro centro e sou outra! Gosto bastante! Adoro as vitrines: bolsa, jóias, adoro!

Conheci Priscila quando fui pela primeira vez para a Costa da Lagoa, em 2000. Naquela época, Priscila tinha só o primeiro filho e trabalhava com seus irmãos no restaurante da mãe. Quando nos encontrávamos, falávamos brevemente sobre coisas do dia-a-dia. Alguns anos depois fui almoçar no restaurante de sua mãe e, quando encontrei Priscila na cozinha, perguntei se ela já tinha assistido ou se assistia ao Programa *SuperNanny*. Para minha surpresa, Priscila disse: “Claro. Eu tenho três filhos, né?” Perguntei então se poderíamos nos encontrar para conversar mais e Priscila concordou. Quando liguei para marcarmos nosso encontro, Priscila perguntou que tipo de perguntas que eu faria e eu respondi dizendo que seriam sobre o Programa *SuperNanny*. Marcamos nossa conversa para a casa da sua mãe, onde sentamos à beira da lagoa. Sua filha mais nova estava, entre uma brincadeira e outra, junto de nós. Priscila disse que estava bem nervosa com a nossa conversa e, quando viu o roteiro de perguntas, disse: “Meu Deus, tudo isso?” Percebi que Priscila estava receosa de que eu pudesse perguntar algo que ela não soubesse responder. Nesse caso, senti que, para ela,

existia uma diferença entre nós, como se eu pudesse “reprová-la” por não saber responder algo. Procurei fazer o possível para diminuir essa sensação, trazendo para Priscila que eu não estava ali para julgá-la e o que, do eu gostaria de saber, ela com certeza saberia mais do que eu: a educação dos filhos. Priscila foi aos poucos ficando mais tranquila e seguimos conversando. Na maior parte dos momentos, ela estava espontânea; em outros, ficava tensa quando não entendia uma pergunta, e eu então procurava colocá-la novamente, em outras palavras. Em alguns momentos, nós duas juntas nos percebemos deixando pontos de interrogação no ar, por exemplo quando falávamos sobre os porquês dos dilemas da educação nos dias de hoje. Como veremos em alguns trechos das entrevistas, Priscila se considera parecida com a *SuperNanny*, dizendo que é “rígida” na educação de seus filhos e que saberia colocar limite neles, mas não consegue fazê-lo por causa do seu marido e do seu avô, que são “liberais demais”.

- Iara

Iara tem 32 anos, é natural de São Paulo, capital, e mora em Florianópolis há 11 anos. Em São Paulo, onde nasceu e cresceu, foi aluna de escola particular e quando estava com dezoito anos, começou um curso de Comunicação e Artes Visuais, em Nova York, mas não o concluiu. Hoje Iara mora com o seu filho de seis anos, aluno de uma escola associativa fundamentada na Pedagogia Waldorf. Professora de educação infantil e participante do conselho pedagógico nessa mesma escola, Iara está fazendo o curso de Pedagogia à distância, mas disse que não está gostando do curso. Em contrapartida, disse gostar muito da área da educação e que, quando lê jornal, é para saber sobre as lutas trabalhistas dos professores.

Em sua casa há uma televisão com TV a cabo que fica em seu quarto, e que fica desligada quando não a estão assistindo. Na maioria das vezes, Iara assiste televisão sozinha e, de vez em quando, com seu filho. Gosta dos seriados *Friends* e *Sex and the city* (exibidos no canal de TV a cabo), porque “tem vários amigos... são meio adolescentes”. Sobre o Programa *SuperNanny*, Iara sabia dos horários de exibição e costumava assistir todos os sábados a versão nacional, exibida no SBT. Quando o Programa saiu do ar no SBT, começou a assistir a versão inglesa, exibida na TV de canal a cabo GNT, e apresentada por Joanne A. Frost.

Na internet acessa seus emails, Facebook e algumas cifras para musica. Quando pergunto quais os programas de televisão de que menos gosta, diz que *Domingão do Faustão* e *Ana Maria Braga* “são um absurdo”, mas que, às vezes, quando espera para assistir ao *Fantástico*, assiste com prazer ao quadro *Dança dos Famosos*, no final do *Domingão do Faustão*.

Nas horas de lazer, que disse que são poucas por causa das obrigações com a arrumação da casa, gosta de tocar violão, tomar chimarrão e assistir televisão, mas, como deixa para assistir de noite quando já está cansada, acaba dormindo com a tela acesa. “Agora eu vou deitar na minha cama. Eu tenho TV, eu tenho TV a cabo e aí... acordo com a TV ligada⁴⁰”.

Não costuma ler livros inteiros, prefere ler vários ao mesmo tempo “dentro da temática da educação” ou o livro *Mulheres que correm com lobos*, de Clarissa Pinkola Estés. Sobre a leitura de jornais, diz que assinou o jornal *Diário Catarinense*, mas achou que falta qualidade de conteúdo, e diz que gostaria de saber mais sobre a luta dos professores. Antes de engravidar ia muito ao cinema, depois foi ao cinema poucas vezes com seu filho, explicando que é caro.

Conheci Iara no curso da Pedagogia Waldorf que fizemos juntas, em 2006. Mesmo que tivéssemos compartilhado estudos, eu ainda não tinha tido nenhuma conversa mais profunda com Iara. Quando comecei a etapa de seleção dos entrevistados, Iara logo pediu que eu a entrevistasse. Tivemos dois encontros. No primeiro, estávamos acompanhadas de uma amiga e de seu filho, que brincava no jardim. No encontro seguinte estávamos só nós duas, sentadas na mesa de sua cozinha, o que acredito que nos tenha deixado as duas mais à vontade. Nossas conversas foram longas, especialmente a segunda na intimidade da cozinha, quando Iara se emocionou ao falar sobre a sua educação quando criança, a perda de sua mãe e os medos que tem em relação à educação de seu filho. Eu também me emocionei, principalmente porque fui surpreendida com a profundidade a que chegamos em nossa conversa. Eu poderia eventualmente ter feito perguntas mais técnicas e objetivas, mas naquele encontro percebi que tanto o tema de minha pesquisa quanto a opção por entrevistas individuais, ao invés de grupos

40

Entrevista com Iara.

focais, permitiu uma troca rica em singularidades. Quando saí da sessão de entrevista, sabia que tinha um material precioso em mãos, mas só nas leituras de análise e no diálogo com a orientadora foi que percebi quantos elementos a entrevista nos trouxe para pensar.

- Pietra

Desde o primeiro momento em que falei sobre a *SuperNanny* em um grupo de convívio meu, Pietra logo disse que adorava o Programa. Naquele momento conversei um pouco com ela e percebi que seria uma pessoa que poderia contribuir com a pesquisa, principalmente porque o Programa estava fora do ar há um ano e ela ainda falava com entusiasmo sobre as “técnicas” apresentadas ali. Porém, assim que comecei a etapa de entrevistas, a mãe de Pietra adoeceu e logo em seguida faleceu. Achei que, por isso, poderia ser indelicado entrevistá-la, já que as entrevistas que tinha realizado anteriormente me mostraram que o tema e as questões da entrevista acabam remetendo muito à figura materna, o que deixava as pessoas com quem conversei sensibilizadas ao retomar suas histórias de vida. Coloquei a situação para Pietra, mas mesmo assim ela se dispôs a conversar comigo. Nos encontramos em sua casa, na cozinha, acompanhadas de seu filho e de seu irmão, que estava na sala usando o computador. Pietra não fez questão de que eu trocasse o seu nome. Porém, como nas outras entrevistas os nomes foram alterados, achei melhor mudar o nome de Pietra também.

Pietra tem 37 anos, é natural de São Paulo e mãe de Breno, de 12 anos, aluno da escola municipal de seu bairro. Pietra estudou em escola pública até o segundo grau, tentou entrar na universidade pública, mas não conseguiu. Hoje está fazendo um curso técnico de farmácia e trabalha como atendente em uma farmácia. Pietra mora atualmente com seu irmão e seu filho, mas até pouco antes de nossa entrevista morava também com sua mãe.

Na maioria das vezes, Pietra assiste a televisão na sala e algumas vezes no quarto, acompanhada do seu filho; gosta de assistir a programas sobre viagens e “transformação de emagrecer”. Na internet acessa redes sociais, faz pesquisas para a sua aula do curso técnico e lê notícias “básicas”. Evita os programas violentos e de piadas, e mantém tanto a TV como o computador ligados durante o dia todo. Pietra disse que durante a semana não tem momentos de lazer, só durante os finais

de semana, quando gosta de ir à praia e ao teatro gratuito no SESC. Gosta de livros e filmes que abordam a religião espírita.

- Maria

Maria tem 58 anos de idade, é casada e tem duas filhas, de 17 e 25 anos. Natural de Florianópolis, Maria nasceu e cresceu na mesma casa, localizada em um bairro ao sul da ilha. Cheguei até a Maria porque sua filha, Geovana, é minha conhecida do bairro e, quando soube que eu estava procurando pessoas que assistiam ao Programa *SuperNanny*, me disse que sua mãe o assistia com regularidade. Achei interessante conversar com Maria, porque sabia que entrevistá-la traria aspectos culturais e de educação que poderiam ser diferentes em relação às outras pessoas que entrevistei. E realmente foram: porque a infância de Maria mostrou, com muitos detalhes, uma realidade de infância em Florianópolis que eu desconhecia. A entrevista de Maria foi diferente das demais porque, a cada pergunta que eu fazia, Maria respondia com entusiasmo e tinha tantas coisas para falar que eu mal podia interrompê-la, também pela delícia que estava sendo escutar a sua história de infância e de educação que, narrada com muitos detalhes, trazia cor, dor e alegria.

E era assim nossa vida! Se comia de dia não comia de noite! Hoje eu digo assim que eu tenho complexo com milho verde, de tanto que eu comi milho verde! A nossa vida foi muito sofrida! E quando chovia, nega, que entrava água dentro de casa, e bota bacia, bota lata, bota panela, bota um pote, se metia debaixo da mesa que pingava na casa toda. Tinha que botar papel pra tampar as greta por causa do frio. Mas tamo aqui! E eu agradeço a minha mãe e meu pai por ter me educado desse jeito. Não sei dizer palavrão até hoje, eu acho feio aquelas pessoa que fica dizendo...

Maria nunca foi à escola. Disse que seu pai não deixava, porque ela precisava trabalhar. Maria trabalha como empregada doméstica na mesma casa há muitos anos. Quando cheguei à sua casa, a televisão

estava ligada e Maria estava me esperando na cozinha com a filha mais nova, de 17 anos. Me cumprimentou e, sem que eu perguntasse nada, logo começou a falar do último episódio do Programa *SuperNanny* a que tinha assistido.

Era uma família, né, um pai e uma mãe, e um menino de três anos. Só que o menino de três anos mandava no pai e na mãe, e é um absurdo um pai e uma mãe ser dominado por uma criança de três anos nos dias de hoje. Porque assim ó, toda mãe tem o seu trabalho a fazer, mas também tem uma hora que a gente tem que dar carinho pro seu filho, brincar, parar, e eles não!

Maria nunca foi ao cinema e nem ao teatro. “Então, vou te dizer, eu não sei ir ao cinema. Então eu tenho vontade de ir, mas nunca fui no cinema⁴¹”, mas gosta muito de viajar e ir aos bailes. Maria nunca usou a internet, disse que não tem vontade. Em sua casa a televisão está nos quartos e na cozinha e só a sua filha mais velha tem computador e celular (que comprou com o seu próprio dinheiro, como disse Maria).

- Rosa

Rosa tem aproximadamente 50 anos de idade, é natural de São Paulo e é mãe de Rodrigo, de 11 anos. Atualmente Rosa é divorciada e mora com seu filho, que passa dois finais de semana por mês com seu pai. Rosa é pesquisadora e professora universitária na área da educação.

Em sua casa, Rosa costuma deixar a televisão ligada enquanto faz as outras coisas em casa para poder escutar as notícias, onde assiste na maioria das vezes os jornais de diferentes emissoras e seu filho gosta de assistir desenho animado. Rosa usa a internet para diferentes coisas no seu dia-a-dia, como trocar emails com alunos, fazer pagamentos pelo banco, comprar material escolar para o seu filho. Quando perguntei o que gostava de fazer em seu momento de lazer, Rosa disse que não tem um momento de lazer que seja só seu, porque geralmente faz passeios que possam incluir o seu filho. Dentre eles estão caminhadas na praia, passeio de barco para a Costa da Lagoa, parques e visita na casa de

⁴¹ Trecho da entrevista com Maria.

amigos. Dentre as leituras, Rosa tem lido mais os livros acadêmicos e da sua área de estudo.

Conheci Rosa em 2003, quando frequentávamos um ambiente de estudos em comum e passamos alguns anos sem nos encontrarmos. Reencontrei Rosa quando já estava no mestrado, e foi nesse encontro que compartilhei com ela o tema de minha pesquisa. Rosa pontuou as suas críticas sobre o Programa e sobre a conjuntura social em que ele se insere, mas também foi espontânea, ao dizer, por exemplo, que gostava muito do Programa. E foi por esse motivo que achei que Rosa também seria uma pessoa interessante para entrevistar, sabendo que o seu perfil cultural também se diferenciava dos demais e, principalmente, porque ela estava muito disposta em conversar sobre o tema da pesquisa. Nossos dois encontros aconteceram na hora do almoço em um restaurante e, em ambos, Rosa esteve muito à vontade comigo em nossa entrevista.

3.3 O que elas dizem sobre o Programa *SuperNanny*

Começamos cada entrevista com um roteiro de perguntas para identificar o contexto sociocultural de cada entrevistada e, em seguida, demos início à conversa sobre o Programa. Pretendo então, com esta descrição analítica, levantar algumas questões que se mostraram comuns a todas as entrevistas, além de outras questões interessantes que apareceram em cada uma delas e que tiveram relação com o que discutimos capítulos anteriores.

3.3.1 “Você pode ver as famílias por dentro⁴²!”

Percebi durante a análise das entrevistas que existe um discurso comum a todas as mulheres entrevistadas, no sentido de que o Programa teria servido a elas como uma fonte de referência para saber se o que estavam fazendo na educação das crianças era “certo” ou “errado”. Identifiquei que no discurso das entrevistadas a resposta a essa dúvida sobre o que é certo ou não fazer com os filhos apareceu de duas maneiras diferentes: uma delas foi receber a apresentadora do Programa como a pessoa que ensina a melhor forma de educar as crianças, como

⁴² Trecho da entrevista com Rosa.

veremos mais adiante; a outra foi a possibilidade de verem famílias com problemas no Programa e examinar situações com algum distanciamento, o que, quando estão mergulhadas no próprio cotidiano, não conseguem fazer. Como disse Rosa:

Rosa: Porque quando você vai visitar uma pessoa, quer dizer, já se visita pouco hoje em dia, mas quando se visita já é aquela coisa formal, você só conhece os problemas daquela família quando você entra na intimidade, né?

Para dar início à discussão aqui proposta, apresentarei alguns trechos das respostas de Rosa e Pietra quando perguntadas sobre o que achavam do Programa *SuperNanny*:

Pietra: Ah, eu sou nova no pedaço, né? Primeiro filho, não sei muito o que fazer... Às vezes eu quero saber algumas coisas pra fazer, se eu tou fazendo certo ou errado. (...) Eu me identificava muito. Às vezes eu via o que a moça tava fazendo que era que nem eu, e que tava totalmente errado.

Rosa: Outra coisa que era muito útil no Programa era ver outras formas de funcionamento familiar. (...) Então isso era interessante, você pode ver as famílias por dentro. É um espelho para você, ao mesmo tempo, se confrontar! Ver também os seus pontos positivos e seus pontos negativos.

Ao assistirem os dilemas vividos por outras famílias, as mães sentiram-se aliviadas em relação ao seu próprio contexto familiar, como vemos na entrevista com Rosa, que comparava o comportamento de seu filho e o seu próprio ao de outras famílias.

Rosa: Então isso era interessante, você pode ver as famílias por dentro. Ai, puxa, eu achei que isso só acontecia comigo e acontece com todo mundo! Sabe, e começar a valorizar... Tipo a criança não consegue dormir... Quatro horas da manhã e ela andando pela casa de travesseirinho. Que sorte

que o João não tem isso. Quando ele não tem as dores de barriga dele bem que ele dorme! Então eu passei a valorizar também as coisas positivas que o João não apresentava, que a nossa família não apresentava, né? A falta de paciência com algumas mães com determinadas coisas e eu ficava: puxa, bem que eu tenho paciência, algumas coisas eu tenho paciência. Essa mãe tá se queixando disso, é tão pouco, tem coisa tão pior assim... Sabe? É um espelho para você, ao mesmo tempo, se confrontar! Ver também os seus pontos positivos e seus pontos negativos.

O fato de se poder olhar a intimidade de outras famílias e compará-las com a nossa - como dizem Pietra e Rosa - nos remete inicialmente a Bauman⁴³ (2011). O sociólogo fala que se até algumas décadas a sociedade tinha receio de que a esfera pública pudesse ameaçar a vida privada, oprimindo as individualidades, como faziam os regimes totalitaristas, na vida contemporânea o perigo vem no sentido oposto: a exposição da vida privada na esfera pública, onde as pessoas falam suas questões íntimas nos mínimos detalhes⁴⁴. O Programa *SuperNanny*, como vimos, é um exemplo desse tipo de produto que exhibe, em forma de espetáculo, a vida privada familiar. Na mesma direção, referimo-nos à tendência social de transformar a vida íntima em espetáculo o que, para Sibilia⁴⁵ (2009), significa que quanto mais expusermos os nossos pequenos espetáculos privados no âmbito público, mais visibilidade será dada ao nosso “eu”.

⁴³ Em entrevista cedida para o Café Filosófico (CPFLCultura) em 23 de julho de 2011. Disponível em: <http://www.cpfllcultura.com.br/2011/08/16/dialogos-com-zygmunt-bauman/>. Último acesso em: Abril de 2013.

⁴⁴ O autor compara a antiga Ágora, onde as pessoas se reuniam para desenvolver uma democracia, falar de interesses comuns da sociedade e reivindicar por melhorias. A Ágora da atualidade, para o autor, são os *talk shows*, onde falam as pessoas não mais falam sobre questões em comum, mas sobre suas próprias questões privadas. E essa mudança, para Bauman, indica o começo de uma revolução.

⁴⁵ Entrevista cedida à Revista Instituto Humanitas da Unisinos. IX. 2009. Disponível em:

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2497&secao=290. Último acesso em: Abril de 2013.

Ao mesmo tempo, em outra passagem de sua entrevista, que será citada mais adiante, Rosa também nos fala da ausência sentida por ela da possibilidade de conversar, de trocar ideias sobre a educação de seu filho. Percebemos então que, nesse sentido, o Programa *SuperNanny* para Rosa serviria como uma maneira para aprender a educar seu filho, já que, para ela, esse tipo de trocas não é feito nas relações pessoais de seu convívio, pelo menos não com relação à educação de crianças. Considero que isso indica um paradoxo: ao mesmo tempo em que as pessoas têm acesso a diferentes meios de comunicação e mesmo, no caso de Rosa, que é professora universitária na área da educação, a inúmeros textos acadêmicos sobre educação e infância, elas se sentem sozinhas na educação de seus filhos. Conforme apontou Rosa, que buscava fazer comparações de seu cotidiano com as famílias que assistia no Programa, podemos considerar que o fato de que na atualidade as pessoas convivem e trocaram menos questões do seu cotidiano familiar abre brechas para que esse tipo de programa ganhe audiência.

Inspirada nos estudos aqui comentados, apontamos também para o fato de que Rosa, assim como as outras entrevistadas que assistiam ao Programa e se comparavam com outras mães, reforça o discurso de que todos os dilemas com as crianças na atualidade são apenas de responsabilidade da família, deixando de questionar que vivemos em uma sociedade que precisa ser pensada e não uma simples transposição de técnicas, como apresenta o Programa *SuperNanny*.

3.3.2 “A *SuperNanny* sabe, eu não!”

Sabemos que o Programa *SuperNanny* é, do começo ao fim, resultado de uma série de técnicas de pré-produção, produção e edição que potencializam e transformam em um show os dilemas do dia-a-dia com crianças. Porém, conforme veremos, as entrevistas evidenciaram o quanto as dúvidas sobre a educação de crianças não são uma invenção do Programa *SuperNanny*, elas de fato fazem parte do cotidiano de muitos adultos que estão incertos sobre como educar na atualidade. Assim, quando perguntamos às entrevistadas se receberiam a *SuperNanny* em casa, elas disseram claramente que sim:

Priscila: Uma maravilha! Seria ótimo! Ia me ajudar bastante! Não eu, mas o meu marido. Eu já sou daquelas bem ruim mesmo. Quando tem que ser, é, e pronto! Agora ele não, ele e o meu avô.

Meu avô mima muito eles. (...) Só vou ficar do lado dela, quem vai sofrer é eles!

Rosa: Ela não iria em minha casa porque ela não aceita crianças com necessidades especiais. Se ela aceitasse eu acharia interessante, muito interessante. Muito. Eu preciso trocar. Eu preciso. E não tenho interlocução sobre o ser mãe, sobre o ser mãe de adolescente, sobre o ser mãe de bebê que eu não sou mais, eu não tenho interlocução. (...) Naquela época eu chamaria ela pra ajudar a pensar a minha vida, pensar limites. Chamaria, sim. Tudo o que vem pra ajudar, que vem para somar, é bem vindo.

Pietra: Sim. Eu sou super aberta em falar que alguma coisa tá errada. Pra dar umas dicas, né? Eu acho que ela ia corrigir muita coisa. Ela faria muita coisa, porque a gente não sabia lidar com o Breno. Ele ficava nervoso, a gente ficava nervoso. Era bem difícil. Não tinha ideia das coisas que a gente podia melhorar. Eu acho que ela foi bem importante.

Iara: Eu receberia. Hmm... Eu acho que ela ia falar várias coisas. Ainda mais nesse quesito da participação com o filho, sabe? Que ela propõe várias atividades interativas entre os pais e os filhos juntos. Então eu acho que nesse quesito ela falaria várias coisas pra mim. Acho que no quesito de limites ela ia falar de várias brechas que eu devo dar, ser mais certa na hora certa, não esperar extrapolar. Com certeza ela iria dizer, então eu acho que eu receberia.

Tive uma primeira surpresa com o fato de todas⁴⁶ dizerem que receberiam o Programa *SuperNanny* em casa, já que estariam assim transformando sua vida privada em espetáculo e atribuindo toda a autoridade na educação de seus filhos à celebridade televisiva. Após a análise das entrevistas levantei algumas hipóteses, dentre elas, a de que

⁴⁶ Exceto Maria, porque não fiz essa pergunta a ela.

talvez nossas entrevistadas aceitariam a visita da *SuperNanny* por já estarem imersas em uma cultura onde a diluição entre as esferas pública e privada transformou o nosso entendimento de intimidade, como apontou Sibilia (2009).

Chamou-me a atenção também o fato de que todas mostraram-se muito interessadas em ouvir da *SuperNanny* sobre coisas que elas não estariam fazendo corretamente. Assim como em uma das partes do Programa os pais se dirigem à câmera e dizem no que acham que estão acertando ou errando na educação dos filhos e que, por isso precisam da *SuperNanny*, também percebi no discurso das mães que entrevistei este aspecto de auto-crítica e “confissão de erros”. No caso de Iara e Pietra, elas, ao mesmo tempo que dariam as boas-vindas à *SuperNanny*, já demonstram acreditar que estão fazendo alguma coisa errada na educação dos filhos, de que a *SuperNanny* não iria gostar. Isso nos faz pensar que os discursos produzidos pelos especialistas estão presentes na sociedade ditando o que é certo ou errado, conforme apontaram os estudos de Foucault (2006), que explica que a criação desses discursos a partir do século XIX teve como objetivo produzir sujeitos disciplinados e politicamente econômicos e que, de acordo com Monteiro (2009) esses discursos apenas mudaram de configuração, mas continuam com objetivos bem definidos na formação de sujeitos para a sociedade. Para Priscila, a *SuperNanny* seria bem recebida porque supostamente a ajudaria no jogo de forças políticas no interior de sua família, ajudando a colocar limites sobre o pai e o marido que “mimam” as crianças. Ou seja, a *SuperNanny*, para Priscila, serviria como uma mediadora dos seus conflitos familiares. Como vimos na entrevista com Rosa, ela estaria disposta a receber a visita do Programa mais no sentido de diálogos e trocas do que para que a *SuperNanny* apontasse o que ela faz de errado na educação de seu filho; assim, não identifico aí uma relação assimétrica, onde a *SuperNanny* saberia “mais” do que Rosa.

Muitas vezes apareceu nas entrevistas o discurso – que o Programa produz e reforça - de que a família não sabe mais como educar seus filhos, o que faz com que as crianças “estejam sem limites”. É um discurso que o Programa produz e reforça, como mostra o texto de apresentação no site do Programa: “Cris Poli volta à telinha para socorrer pais e mães que não sabem mais o que fazer para impor

disciplina aos próprios filhos ⁴⁷”. Nesta linha, diz Iara, uma das entrevistadas:

Iara: Tipo, eu morria de medo que meu filho ficasse igual àquelas crianças. Eu olhava e falava que ia fazer de tudo para que isso não acontecesse na minha casa. E quando rola uns surtos infantis, que é normal, né, sempre me lembra essas casas [que aparecem no Programa] e como eu faço para isso não acontecer mais.

Como percebemos não só assistindo ao Programa como também escutando as entrevistas, o Programa *SuperNanny* constrói cenários de famílias caóticas, crianças sem limites e pais desesperados. Parece-nos então que o Programa serve como um amplificador do discurso de que as famílias são pedagogicamente incompetentes e, diante disso, convoca a especialista salvadora que chega para colocar ordem no cotidiano. O caos familiar, portanto, justificaria a existência do Programa *SuperNanny*. Outro aspecto das entrevistas que chamou minha atenção foi que, além de as mães gostarem de assistir ao Programa porque a *SuperNanny* supostamente coloca limites na educação das crianças, elas também gostam do fato de a *SuperNanny* colocar limites *nos pais* que aparecem como personagens do Programa.

Priscila: Primeiro tem que botar limite nos pais pra depois os pais botar limite nas crianças. Não adianta botar nas crianças e os pais ficarem de lado. Tem que botar nos pais mesmo!

Iara: Então nesse sentido eu acho que ela é boa porque ela consegue chegar pro pai e fazer ele chorar, entendeu? Os pais tão precisando de limites e ela consegue dar esses limites. Talvez a professora, a pedagoga que cuida das criancinhas pras criancinhas brincarem não consiga ter esse respeito que ela tem.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.sbt.com.br/SuperNanny/oprograma/>. Último acesso em: Abril de 2013.

Nesse sentido, achei curioso o fato de que, frente à *SuperNanny*, os pais são os que não sabem e que precisam aprender, ou seja, o Programa reforça o discurso de que os pais estão desautorizados a educar seus filhos, e mais ainda: o de que eles próprios precisam de limites, como vimos na fala de Priscila. Na entrevista com Iara, que é professora, ela, ao se comparar com a *SuperNanny*, se vê desqualificada, porque talvez esteja falando de si própria quando diz que “a professora, a pedagoga que cuida das criancinhas” não consegue ser tão respeitada como a *SuperNanny* no Programa o é. A representação do caos doméstico é tão eficaz que verificamos que algumas pessoas assistem ao Programa preventivamente, antes mesmo de ter filhos, para evitar que a confusão se instaure em sua casa, como foi o caso de Iara, que assistia ao Programa antes de ter filho.

Retomo aqui a discussão feita anteriormente a partir dos estudos de Foucault (2006) e de Monteiro (2009) sobre a produção do discurso de que há uma crise na autoridade familiar e a sua consequente substituição pela autoridade dos especialistas. Confirmamos que, pelo fato de tal discurso ter sido popularizado através dos meios de comunicação, ampliou-se a sua possibilidade de legitimação frente à audiência, como vimos em nossas entrevistas a partir da recepção do Programa *SuperNanny*. Tanto as cenas de famílias caóticas como as estratégias usadas pela especialista para corrigi-las podem tornar a função espetacularizada do Programa *SuperNanny* semelhante à de um manual de educação de filhos, como foi, por exemplo, o famoso manual de puericultura *Meu Filho Meu Tesouro*⁴⁸ (1946), do pediatra estadunidense Benjamin Spock que, em um período pós-guerra, serviu como uma referência nos cuidados de saúde e de educação devido aos seus conselhos de afetividade na educação de crianças⁴⁹. Nessa direção,

⁴⁸ O livro *Meu Filho Meu Tesouro* foi traduzido em mais de 40 idiomas e, em 1998, atingiu mais de cinquenta milhões de cópias, de acordo com o site Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin_Spock.

Último acesso em: abril de 2013.

⁴⁹ Em seu livro, Spock trouxe conceitos de que os pais deveriam ser mais afetuosos com seus filhos, sendo criticado por ter sido considerado responsável pela permissividade com que os filhos das gerações seguintes foram educados. Fez também sucesso o livro *A vida do bebê* (1941), do pediatra brasileiro Ricardo De Lamare, que detalhou o desenvolvimento e os cuidados de bebês desde o primeiro dia de vida até os dezoito meses. Assim como os livros de Spock (1946) e De Lamare (1941), novos manuais de puericultura atualizaram as informações conforme o desenvolvimento da ciência e as mudanças de

a ideia expressa pelas entrevistadas de que a “*SuperNanny* sabe e eu não” pode colaborar com o risco apontado por Monteiro (2009) quando a autora escreve, a propósito da literatura de auto-ajuda: “Diante da culpabilização da família como incapacitada para o disciplinamento dos filhos, os processos educacionais gerais tornar-se-iam ineficazes (pois a família seria a base de tudo)” (Monteiro, 2008, p. 184).

3.3.3 “Ela comanda, ela chega e domina⁵⁰!”

Sem que eu perguntasse, as entrevistadas fizeram muitas referências às características da apresentadora no papel de *SuperNanny*. Priscila, em alguns momentos da entrevista disse que se identificava com a *SuperNanny*: “Eu sou que nem ela! Pra mim tem que ter limite em tudo! (...) Já sou bem ruim mesmo e quando tem que ser é e pronto⁵¹!”. Iara explicou porque acha que a *SuperNanny* consegue o respeito dos pais, diferentemente dela em relação aos pais de seus alunos.

Iara: Talvez por isso a roupa! Ela já chega daquele jeito e você já fala: Uau, general! Talvez o que eu acho é que tem uma certa frieza, falta um calor. Eu sinto ela bem distante da criança, mas é isso porque ela tá fazendo um trabalho com pais.

Pietra: É porque ela é rígida, né? Então eles têm medo!

Rosa: Ela tinha ações bem duras e, claro que dava um choque, porque eram crianças até então malcriadas, tanto que os pais chamavam a *SuperNanny* porque já estavam no desespero.

Maria: É a hora que ela passa uns dias na casa das mães. Aí aquela parte eu gosto, porque ela mantém aquele pulso forte, ela comanda, ela chega e domina.

configurações familiares, hoje vistos também na quantidade de *blogs* e *sites* sobre o tema.

⁵⁰ Trecho da entrevista com Maria.

⁵¹ Trecho da entrevista com Priscila.

Concluí que um dos motivos pelo qual a *SuperNanny* se configura também enquanto autoridade para algumas das entrevistadas tem a ver com as características aqui apontadas, como: ela é *ruim, rígida, tinha ações bem duras, fria* que, para a maioria das entrevistadas, são características necessárias para colocar limites nos pais e nos seus filhos. Por outro lado, outras, como Rosa e Pietra, fizeram críticas à rigidez da apresentadora, considerada um dos pontos negativos do Programa, como veremos adiante. O modo de vestir da apresentadora, como vimos na entrevista com Iara, nos faz lembrar da pesquisa de Meurer (2009), que associa os trajes da apresentadora aos típicos cargos administrativos. Para o autor, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, com sua ênfase na exatidão, trouxe uma tendência à correção dos erros da sociedade contemporânea, que se estenderia à suposta correção de “erros” da família. Por isso, o sucesso de uma personagem que, vestida em trajes sérios, aponta o que precisa ser transformado dentro da dinâmica familiar (MEURER, 2009).

3.3.4 “É um recurso bacana para a televisão ter^{52!}”

Fizemos algumas perguntas para compreender como as entrevistadas recebiam o Programa *SuperNanny*, com quem o comentavam, e quais os usos que faziam dele. Fizemos essas perguntas também para tentar diferenciar se assistiam ao Programa unicamente como entretenimento ou se também viam nele um modelo para a educação de seus filhos. Nas respostas, percebemos que algumas questões levantadas pelas entrevistadas se sobressaíram. Uma dessas questões teve relação com o papel da televisão na vida delas. Para Priscila, por exemplo, assistir televisão é uma atividade que deve ser levada a sério: ela reclamou das crianças que, ao brincar na frente da mercearia, “tiram atenção de quem tá no bar⁵³”, porque estão assistindo televisão. Ela lamentou também que as crianças de sua comunidade ficam muito tempo brincando na rua e que por isso têm pouco tempo para assistir televisão: “Eu acho que pra eles assistir TV é só à noite, quando chega em casa, porque durante o dia não tem. É terrível^{54!}”.

Também para Iara percebemos que assistir televisão tem importância: “E como a televisão é um meio hoje em dia, todas as casas

⁵² Trecho da entrevista com Iara.

⁵³ Trecho da entrevista com Priscila.

⁵⁴ Trecho da entrevista com Priscila.

têm televisão na sala, então acho que é um recurso bacana pra televisão ter, né? Coisa útil, que ajuda. É um meio educativo⁵⁵.” Para ela, a televisão deveria “dar conta” de outras questões que envolvem o cotidiano com crianças que, para nós, indica o quanto a televisão, para ela, teria como função de orientar as condutas não só sobre educação de crianças, mas do cotidiano das pessoas em geral:

Iara: Acho que o que ela (a *SuperNanny*) podia é dar uma assessoria na alimentação das crianças, né, o que a criança tá comendo... Ela se preocupa muito mais com o horário do que com a alimentação em si, e eu acho que isso poderia ajudar, né, as crianças de hoje em dia comem nuggets e miojo e isso não é comentado no Programa, não que eu me lembre. Acho que ela poderia dizer que um prato de arroz, feijão, legumes, verdura e duas frutas no dia tem que ter em todas as casas para todas as crianças. Nesse ponto deveria ter uma assessoria melhor.

As entrevistadas indicaram que a credibilidade que possam dar ao Programa *SuperNanny* também refere-se ao fato de compreenderem a televisão como uma companheira em seus cotidianos, conforme indicou Martín-Barbero: “Já que faz parte da família, a televisão acesa perde todo o caráter de agressor e se converte na grande companheira, essa de cuja felicidade podemos estar seguros hoje” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 103).

Uma das categorias que surgiram a partir da análise das entrevistas teve relação com compreender o Programa *SuperNanny* como um recurso “educativo”.

Maria: Por isso que eu gosto de assistir, porque ela ensina muita coisa, sabe, sobre educação das crianças. Um ensinamento... Então isso é muito bom. Se todo mundo visse, as mães e os pais sabiam mais educar as crianças, porque ela é uma professora ótima!

⁵⁵ Trecho da entrevista com Iara.

Priscila: Eu diria que é um programa de educar, né? De botar limites, botar limites nas crianças e em alguns pais também.

Iara: Ela ensina os pais como dar limite, como pôr o ritmo. Ela ensina o que fazer, esses pais não estão sabendo o que fazer. Por isso que a situação chega nesse caos. Não sabendo o que fazer com as crianças hoje em dia.

Rosa: E o Programa da *SuperNanny* eu acho que ela traz um pouco dessa coisa da educação tradicional, procurando adequar aos novos valores, procurando superar as coisas que a gente tinha muito erradas, né?

Pietra: Às vezes você fica tão nervosa com uma coisa, e fica tão mais fácil com uma dica que ela dá. Tem muita coisa simples que a gente nunca pensa em fazer e ali ela fala, né?

Pude perceber nas falas das entrevistadas uma compreensão de que o Programa ensina a educar as crianças e também seus pais. Para Priscila e Iara os pais não sabem mais como educar as crianças e, portanto, além de precisarem aprender, precisam também receber limites. Para Maria e Pietra, o Programa ajuda a melhorar a educação das crianças na atualidade, configurando-se a *SuperNanny* enquanto professora e conselheira. Rosa considerou que o Programa faz uma forma de “educação tradicional” adequada aos novos tempos, ensinando maneiras de lidar com as crianças de hoje. Podemos perceber neste discurso a ideia de que os pais não sabem mais educar seus filhos e que o Programa *SuperNanny* surge como uma solução para essa “ineficiência” parental. Como “a *SuperNanny* sabe”, ela ensina. Frente a esse cenário, o Programa *SuperNanny* configurou-se nas falas das entrevistadas como um “serviço” útil na educação dos dias de hoje, confirmando os estudos que mencionamos anteriormente sobre a desautorização parental na educação dos filhos (MONTEIRO, 2009) e sobre a participação da televisão em nossa constituição enquanto sujeitos contemporâneos (FISCHER, 2001).

3.3.5 “Foi a *SuperNanny* que me ensinou⁵⁶”

Para saber se as mães entrevistadas assistiam ao Programa *SuperNanny* com o objetivo de usar as técnicas ali ensinadas, perguntei a elas se e o que mudou em seu cotidiano a partir do que assistiram no Programa *SuperNanny*. Vale lembrar que não tive como objetivo estudar as técnicas apresentadas pelo Programa em si, nem avaliar as possíveis consequências de seu uso, e sim os sentidos atribuídos a elas pelas entrevistadas.

Priscila: Pra mim o cantinho da disciplina é no banheiro, mas eles não conseguem ficar. Só se eu jogar a chave fora. Eu fecho por fora e meu avô vai e abre.

Maria: Não, eu não! [perguntada se havia usado alguma das técnicas] Quem tem que ensinar são os pais.

Pietra: Copiei bastante coisa. Mudou na comunicação, acho que isso que marcou muito! De conversar de verdade, olho no olho e dar outras opções. E recompensa, isso mudou! Ela tinha também um quadro, lembra, Breno [o filho]? A gente fazia isso também. Tinha todos os dias e a gente colocava uma estrelinha ou mais, dependendo do que ele fazia no dia, e depois que ele fizesse tudo, tinha uma recompensa.

Rosa: Funcionavam muitas coisas. A questão dos limites, né? Me deu mais segurança pra dar aqueles limites que intuitivamente eu achava, mas ao mesmo tempo eu queria fugir do padrão que eu vivi, que só dava limites. (...) Então eu não podia seguir *ipsis litteris* porque cada criança é uma, e, aquela coisa de quadrinho que ela faz tal, pro João não funcionaria devido a [sua necessidade especial]. Quadrinho de recompensa tal... Embora funcionasse a estratégia da recompensa acabava funcionando com alguma coisa que ele gostava, mas não podia comer muito, coisas assim.

⁵⁶ Trecho da entrevista com Iara.

Iara: Eu acho que eu usei a cadeirinha por um tempo, a coisa do ritmo, que eu sempre achei que também era legal, do jantar, das tarefas... Isso eu uso, até hoje sim. Foi a *SuperNanny* que me ensinou. Com os pais [de seus alunos] foi conseguir ser mais clara e falar exatamente o que está errado e o que não se deve fazer, com os alunos talvez os limites, mas de outra forma.

Surpreendi-me com a quantidade de aspectos inspirados no Programa que elas trouxeram para o seu cotidiano. Nas entrevistas de Rosa, Iara e Pietra foi possível identificar um maior uso de algumas técnicas apresentadas no Programa *SuperNanny* do que nas entrevistas de Priscila, que disse que tentou usar o método “Cantinho da disciplina”, mas não teve sucesso. Como ela disse, nenhuma das técnicas ensinadas no Programa *SuperNanny* teriam efeito em sua casa, porque ali chocam-se duas condutas distintas na educação das crianças. Uma, que ela chamou de “liberal”: seu marido e seu pai deixam as crianças fazerem o que querem; e a sua, que, conforme ela, se aproxima da conduta da *SuperNanny*. Como diz Priscila: “Eu sou parecida com ela, mas só eu sozinha. Tem meu avô, tem meu marido, mas eles não ajudam⁵⁷”. Perguntei como seria se, supostamente, seu avô e seu marido não estivessem presentes. E ela disse: “Aham... Bem melhor, bem melhor sozinha⁵⁸!”.

Já Maria foi enfática ao dizer que a educação das crianças é uma responsabilidade dos pais e que, por isso, não usaria nenhuma das técnicas da *SuperNanny* com os filhos de suas sobrinhas, que moram no mesmo terreno. Para ela, “professora é pra ensinar a ler e escrever, educação são os pais e as mães. Eu não aprendi nem a ler nem a escrever. Mal sei fazer o meu nome, mas eu corro o centro da cidade inteiro⁵⁹”.

Pietra fez referência à muitas técnicas que usou em sua casa a partir do que assistiu no Programa *SuperNanny* dizendo, em diferentes momentos da entrevista, o quanto o Programa foi importante para “ajudá-la” na educação de seu filho e que, se existisse um Programa *SuperNanny* para adolescentes, ela o assistiria. Como veremos adiante,

⁵⁷ Trecho da entrevista com Priscila.

⁵⁸ Trecho da entrevista com Priscila.

⁵⁹ Trecho da entrevista com Maria.

Pietra nos disse que, por não saber lidar com o comportamento de seu filho, apropriou-se de técnicas que vão desde “aprender” a conversar com seu filho até o uso de recompensas, ensinadas no Programa. Pietra também adaptou algumas das técnicas a que assistiu. “Várias coisas [cartazes] eu coloquei, de ficar olhando na parede. A tabuada... Aí ele fazia esse negócio, né, Breno, de ficar no cantinho, e daí a gente fazia esse negócio de explicar, assim: ó, você não vai fazer isso porque fez isso. Até hoje funciona, né, Breno⁶⁰?”. Avalio que o fato de Pietra transpor para seu cotidiano as técnicas do Programa não se deu para evitar o “caos”, como vimos anteriormente na entrevista com Iara, mas sim porque tanto ela, como sua mãe e seu irmão, a partir do cotidiano com Breno, consideram que as crianças de hoje são diferentes e portanto precisam ser tratadas de forma diferente. As técnicas ensinadas no Programa e adotadas em sua casa serviram para Pietra como uma “formação pedagógica” em relação aos comportamentos das crianças contemporâneas. Lembramos o que diz Monteiro (2008) quando a autora aponta para as mudanças nas tradicionais formas de punição, onde “bater e castigar passaram a ter novos significados, como por exemplo, o de violência no sentido mais genérico, o de violação de direito e agressão (MONTEIRO, 2008, p. 185).

Apesar de Rosa ter sido uma das entrevistadas que mais assistia ao Programa *SuperNanny*, inclusive gravando os episódios quando não poderia assisti-los, foram poucas as técnicas que ela disse ter usado diretamente na educação de seu filho, dada a impossibilidade de transpô-las, já que seu filho tem necessidades especiais. Rosa disse ter se apropriado mais das técnicas que se referiam aos limites e que serviram para ela como uma “segurança/apoio” na educação de seu filho. Rosa, que disse se identificar de algum modo com a educação tradicional, sentiu-se “encorajada” pelo Programa a dar limites: “Ele tem necessidade especial, mas ele é uma criança como qualquer outra. Então ele tem limites, ele tem responsabilidade, ele tem castigo, ele tem, sabe? Eu tenho esse pé na educação mais tradicional e não quero tirar muito⁶¹.”.

Como vimos na entrevista com Iara, a implantação de uma rotina com horários e o Cantinho da Disciplina foram as principais técnicas do Programa usadas com seu filho, e ressignificadas no seu cotidiano.

⁶⁰ Trecho da entrevista com Pietra.

⁶¹ Trecho da entrevista com Rosa.

Como faz a apresentadora quando se dirige aos pais personagens dos episódios, Iara transpõe isso para o seu contexto enquanto professora, apontando o que estaria certo ou não na educação recebida em casa por seus alunos. Ao se apropriar das técnicas ensinadas no Programa, transpondo-as para a escola, Iara mostra uma repercussão do Programa que se expande para além da família, interferindo também na maneira como se constitui enquanto professora. Podemos supor que processos semelhantes de apropriação ocorram com outros professores.

É interessante destacar outra questão na entrevista de Iara, que disse: “Tipo, ela põe um limite. Eu uso [isso] com os pais. Ao invés de falar “não assista televisão”, eu ponho um limite.” Na entrevista com Iara percebe-se que o discurso do Programa segue, de alguma forma, a lógica da “receita pronta”, a de que as pessoas envolvidas com crianças não precisariam saber o *porquê* das suas condutas, bastando saber *como* exercê-las. Nesse sentido, podemos identificar em sua fala a referência a um contexto onde há pouca reflexão e diálogo, substituídos por regras e rotinas, um cenário em que os adultos, incapazes de pensar e decidir por si próprios, precisariam de limites. Aqui, os estudos de Ellsworth (2001) sobre modos de endereçamento podem inspirar a pergunta: quem esse Programa pensa que nós - mães, pais, educadores de maneira geral - somos?

A maioria das entrevistadas responderam a uma de minhas perguntas iniciais dizendo que assistiam ao Programa *SuperNanny* com o objetivo de ressignificar e transpor em seu cotidiano as técnicas apresentadas no Programa. Desta forma, o Programa *SuperNanny* se confirma enquanto um aparato do dispositivo pedagógico da mídia (FISCHER, 2002a), ensinando modos de educar e de se relacionar também em outras dimensões da vida, como vimos a partir das entrevistas.

3.3.6 “Ela tinha ações bem duras”^{62,}

Como pontuei anteriormente, pretendi investigar a recepção com pessoas que já tivessem assistido ao Programa ou que costumavam assisti-lo. Portanto, o recorte desse trabalho teve o objetivo de compreender o que elas assistiam/assistem no Programa, e por quê.

⁶² Trecho da entrevista com Rosa.

Desta forma, eu estava ciente de que, ao selecionar pessoas que já assistiam ao Programa, criava-se a probabilidade de que elas tendessem a dizer mais coisas a favor do que contra o Programa. Porém, também fez parte de meus objetivos levar em conta o que Martín-Barbero (2002) vê como *brechas* na relação das pessoas com as mídias, que impedem o controle e a total previsibilidade do que pensam ou fazem as pessoas com o que assistem na televisão. Nesse sentido, busquei nas falas das entrevistadas as possíveis brechas em sua relação com o Programa *SuperNanny*. Começo pela entrevista com Rosa, que contou um episódio a que assisti: “A mulher recusava tudo o que a *SuperNanny* oferecia, e ela, a *SuperNanny*, começou a bater pé em coisa que não precisava, tipo esse baú. Lembro bem desse episódio. Ela cismou que o baú não devia ficar ali. Então essas coisas que viram abobrinhas, eu deixava de lado⁶³.” Outras coisas foram levantadas por Rosa:

Rosa: (...) ela tinha ações bem duras e, claro que dava um choque, porque eram crianças até então malcriadas, tanto que os pais chamavam a *SuperNanny* porque já estavam no desespero, não conseguiam mais lidar com a situação e talvez esse fosse um ponto falho do Programa: serem casos sempre extremos, casos onde os pais já estavam desesperados. (...) Ainda é muito escolhido o perfil, e por não trabalhar com a diversidade se torna uma limitação, porque a diversidade tá no mundo! A constituição da família hoje é diversa e a da *SuperNanny* ainda é aquela família do passado: papai, mamãe, filhinho. Essa eu acho que é a limitação do Programa. Mas nada é perfeito.

Podemos considerar que para Rosa as brechas estão em diferentes lugares do Programa. As questões levantadas por Rosa dizem respeito à rigidez da apresentadora – o que também nos faz retomar a dimensão de espetáculo do Programa, que precisa de casos extremos para que a “heroína” resolva o problema de “ineficiência” parental e de “caos” infantil. Rosa critica também a falta de diversidade das famílias que participam do Programa, que são na maioria famílias de classe média,

⁶³ Trecho da entrevista com Rosa.

brancas, compostas geralmente por um casal heterossexual e seus filhos, e a ausência de pessoas com necessidades especiais. Nesse sentido, o fato de o Programa não trabalhar a diversidade abre uma brecha que, a partir do contexto social e cultural do qual vive Rosa, possibilita que ela faça esse tipo de negociação a partir do que assiste no Programa *SuperNanny*.

Para Pietra, no Programa “tinham algumas coisas que eram bem radicais⁶⁴”, mas ela não disse em nenhum momento da entrevista o que achou ser “radical”. Maria elogiou o Programa do começo ao fim de nossa entrevista e, quando perguntei se ele tinha algo de que ela não tivesse gostado ou tivesse gostado menos, ela disse: “Não, eu gosto de todos, sabe⁶⁵?”. Quando fiz essa pergunta a Priscila, ela disse: “Não, não teve nada que eu não gostasse⁶⁶!” Porém, em alguns momentos da entrevista, Priscila referiu-se ao que poderíamos considerar como um “papel mágico” da *SuperNanny*:

Priscila: Botar limites. Mesmo a *SuperNanny* não me ajudou! Acho que precisa dela ali pra ajudar a botar! Aí eles vão respeitar ela, né, claro. Com ela vão aprender, porque aí eu vou entrar na dela.

Podemos fazer uma série de interpretações aqui, dentre elas a de que, a partir da supervalorização de *SuperNanny*, que vimos anteriormente, seria possível que os desafios de Priscila desafios em “botar limites” fossem melhor resolvidos pela *SuperNanny* do que por ela própria. Mas a fala de Priscila também parece desmistificar a ideia de que as técnicas ensinadas por *SuperNanny* que obtêm sucesso nos episódios resolveriam os desafios na educação das crianças fora da televisão, indicando que, para Priscila, no cotidiano, a realidade é outra. Na entrevista com Iara essa diferença também apareceu.

Iara: E aí teve uma casa que eu fui visitar e olhei pra casa e pensei: nossa, precisava de uma *SuperNanny* nessa casa. (...) E depois essa família foi fazer um trabalho com uma pedagoga e depois

⁶⁴Trecho da entrevista com Pietra.

⁶⁵Trecho da entrevista com Rosa.

⁶⁶Trecho da entrevista com Priscila.

que eu voltei na casa já tinha uma tabelinha, umas regras, como se a *SuperNanny* tivesse passado por ali através dessa pedagoga. (...) Eu sempre me preocupo como que fica depois que ela [a *SuperNanny*] vai embora. Às vezes eu penso que poderia ter um programa de um ano depois que ela foi visitar essa família, ou seis meses depois. Como fica esse trabalho depois? O que será que aconteceu? Porque é fácil a gente desenganar do exercício proposto.

Considero aqui que tanto Priscila quanto Iara, de alguma maneira, questionaram o “papel mágico” das técnicas da *SuperNanny*. A ideia de que a *SuperNanny* só conseguiria resolver os problemas presencialmente, como vimos na resposta de Priscila, ou como no interesse de Iara em saber o que acontece com a família depois que a *SuperNanny* vai embora, nos remete à ideia de um *deus ex-machina*⁶⁷, onde, frente à uma situação de difícil solução, surge algo ou alguém, no caso a *SuperNanny*, que em uma atitude heróica ou sobrenatural resolveria os conflitos familiares, reforçando a compreensão do Programa enquanto narrativa linear tradicional, na linha da *Jornada do Herói*, estudada por Campbell (1995) e tão solidamente incorporada às convenções narrativas da indústria do cinema e da televisão, como relata Vogler (2006).

Por ser o Programa *SuperNanny* exibido em um ambiente familiar e ser realizado com uma série de recursos de produção e edição que enfatizam a intimidade de quem aparece na TV e, conforme Fischer (2002), também de quem especta, percebi em nossas entrevistadas certa dificuldade em distinguir os aspectos de realidade e de ficção do Programa *SuperNanny*. Considero também que, devido às próprias dúvidas das entrevistadas com relação à educação de seus filhos e das

⁶⁷ *Deus ex-machina* é uma expressão latina com origem grega (*apò méchanês theós*) que significa literalmente “Deus que vem da máquina” ou “Deus de dentro da máquina”. O termo refere-se a um instrumento dramático da tragédia grega usado para dar um novo rumo ao andamento da peça. Normalmente o *Deus ex-machina* era algo sobrenatural e que viria puxado por um guindaste do alto para o palco para resolver algum momento conflitante da peça. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Deus_ex_machina. Último acesso em: Abril de 2013.

crianças na atualidade em geral, se fortalece para elas a autoridade atribuída à midiática *SuperNanny* que, no papel de especialista, reforça o discurso de crise na educação e na autoridade.

3.3.7 “Ó, vou chamar a *SuperNanny* pra vir aqui⁶⁸”

Algumas perguntas foram feitas para saber com quem as entrevistadas assistiam ao Programa *SuperNanny* e, se conversavam com alguém sobre ele, antes, durante ou depois da audiência. Essa perguntas se basearam na importância da cotidianidade familiar como instância de mediação cultural à televisão apontada por Martín-Barbero (1997) e também nos estudos de David Morley (1986) sobre recepção de TV em ambiente doméstico. Algumas das respostas foram estas:

Iara: Eu assistia sozinha porque o Antonio já tava dormindo. Mas depois que ele cresceu, teve algumas vezes que eu assisti com ele. E aí eu ainda falava: Olha aí, Antonio, como é que pode uma criança fazer isso? [Perguntei qual era a reação dele]. Ele ficava com uma cara meio espantada e às vezes falava: nossa mãe, ele não foi legal.

Priscila: Não, não nunca. Só assim com eles, com as crianças, que eu comento o que é certo o que ela tá fazendo.

Maria: Eu assisto sozinha. E às vezes a Lia [a filha] assiste no quarto dela. E às vezes eu assisto com o meu marido, quando ele tá deitado na cama, ele assiste comigo. Ele fala assim: “Mas o menino é uma pestinha, hein? Eu às vezes daria umas palmadinhas.” Viu, Olavo, como ele é danado? Viu como ele não obedece?

Rosa: Não [comentava]. Porque o ambiente que a gente frequenta, o ambiente acadêmico, não aceitaria, eu acho, que eu ficasse me espelhando no *SuperNanny*! (risos). Eu sei que algumas coisas

⁶⁸ Trecho da entrevista com Priscila.

lá no nosso ambiente das humanas são bem tolhidas! Então não, nunca comentei sobre o *SuperNanny*, guardava pra mim! Com ninguém, porque o meu ambiente é mais o ambiente acadêmico, né?

Conforme as mães entrevistadas, elas costumavam assistir ao Programa em seu ambiente doméstico, algumas na companhia dos familiares adultos, como é o caso de Pietra, que assistia também com sua mãe e de Maria, que eventualmente assistia com seu marido. Mas algumas coisas especialmente me chamaram a atenção. Uma delas foi quando Rosa, que assistia ao Programa sozinha, trouxe a questão da ausência de trocas no ambiente acadêmico, dizendo saber de antemão que seria criticada caso falasse que o Programa *SuperNanny* servia como uma de suas referências para a educação de seu filho. Vale ressaltar que, durante a nossa pesquisa exploratória, conversei com estudantes e professores universitários, também da área da educação que, assim como Rosa, assistiam ao Programa *SuperNanny* por razões distintas, dentre elas as dúvidas que tinham na educação das crianças. Nesse sentido, os estudos de Ellsworth (2001), contribuíram também para que eu percebesse a partir da análise das entrevistas e também no período de pesquisa exploratória que, por mais interessados que estejamos em “estimular a mudança social” (ELLSWORTH, 2001, p. 31) através de reflexões críticas sobre educação de crianças na contemporaneidade, os “lapsos” na nossa forma crítica de assistir a um programa podem se intensificar frente às incertezas da atualidade, especialmente as que tocam no desconforto sobre a relação entre adultos e crianças.

Também me impressionou o fato de que algumas entrevistadas assistiam ao Programa com seus filhos e, ao fazerem isso, transpuseram a eles o hábito de assisti-lo para saber se algo estava certo ou errado, mostrando as atitudes de outras crianças no Programa, como vimos na entrevista com Iara. Mas o que mais me causou espanto foi o fato de que, ao assistirem ao Programa *SuperNanny* com seus filhos, o usavam também para “ameaçá-los”, como mostraram as entrevistas com Pietra e Priscila.

Pietra: O Breno tem medo da *SuperNanny*! Você lembra o carro que ela chegava, Breno? Então, às vezes tinha uns na rua passando e eu falava: ó

Breno, é o carro da *SuperNanny*. Quando ele xingava a gente falava que tinha uma câmera da *SuperNanny* que tava filmando ele... Ou então a gente falava que ia filmar ele pra ele ver o que ele falou e fez e vai ficar com vergonha... Ele ficava quieto.

Priscila: Na verdade a Laís tinha medo da *SuperNanny*. Aí quando ela desobedecia eu dizia: ó, vou chamar a *SuperNanny* pra vir aqui. Ela já chorava. Os outros já assistiam quietinho.

Estes relatos podem nos levar a reconsiderar reflexões como as de Bauman (2001) e Sibilia (2009) de que na contemporaneidade a preocupação dos indivíduos não é mais com a possibilidade de serem vigiados – no sentido orwelliano⁶⁹ - já que hoje eles próprios decidem se exhibir. Percebi que, do ponto de vista da recepção do Programa *SuperNanny* e, inclusive de sua recepção pelas crianças, a ideia de um poder exercido através da vigilância ainda faz parte, pelo menos do imaginário infantil. Desta forma, o conceito de *dispositivo panóptico*⁷⁰ desenvolvido por Michel Foucault (1997) serviu para que eu entendesse, a partir das falas das entrevistadas, o Programa *SuperNanny* como um programa que traz como ideia central uma estrutura disciplinadora e de auto-regulação através da vigilância de comportamentos, tanto das

⁶⁹ O livro *1984*, de George Orwell, foi publicado em 1949, sendo um romance sobre o poder ditador exercido em uma sociedade dominada pelo Estado que, em nome do *Grande Irmão*, fazia vigilância contínua de todos os indivíduos através de câmeras, impedindo que as pessoas agissem ou pensassem por si próprias, coagidas pelo poder de serem observadas.

⁷⁰ Foucault fundamentou-se no modelo criado, em 1785, pelo arquiteto Jeremy Bentham, de uma construção em forma de anel, onde no centro situa-se uma torre e, na periferia localizam-se as celas, cada uma com duas janelas: uma externa para a entrada de luz e outra interna direcionada à torre, de tal modo que quem está dentro da cela possa ser enxergado por quem está na torre, ao mesmo tempo em que não consegue saber se está ou não sendo vigiado. Esse modelo arquitetônico projetado por Bentham revela o modelo disciplinador da sociedade que, nas palavras do autor é “uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce. (...) Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.” (FOUCAULT, 1997, p. 224).

crianças que foram envolvidas na gravação de um episódio quanto as que, conforme as entrevistas de Iara, Priscila e Pietra, assistem ao Programa *SuperNanny* junto de suas mães.

3.3.8 “Como vou ser mãe⁷¹?”

Dentre um de meus objetivos, estive compreender o que fazia as entrevistadas assistir ao Programa *SuperNanny*. Uma das categorias que surgiu a partir das análises das entrevistas em relação a essa questão foi uma estreita relação entre assistir ao Programa *SuperNanny* e a busca ou discussão de modelos de maternidade.

Pietra: Ah, eu sou nova no pedaço, né? Primeiro filho, não sei muito o que fazer... Às vezes eu quero saber algumas coisas pra fazer, se eu tou fazendo certo ou errado.

Iara: Então como eu sabia que eu ia ter muitos momentos sozinha, era um Programa que me auxiliava e poderia aprender muita coisa. Aí eu procurei a *SuperNanny* que também era um apoio, porque como a minha mãe era falecida, a minha tia era diferente de mim e ao mesmo tempo me dava várias dicas. Então (o Programa *SuperNanny*) era um recurso que eu poderia aprender coisas.

Rosa: Eu era uma mãe tardia já, já na faixa dos quarenta anos e uma pessoa despreparada para ser mãe, porque na verdade toda a minha trajetória foi uma trajetória bem diferente, nada voltada para a maternidade. Na minha casa também eu tinha um modelo de maternidade que não me satisfazia, do qual eu sempre fugi, fugiria e fujo, né? Então eu não tinha parâmetros para ser mãe. E eu fiquei perdida em como ser mãe. Como vou ser mãe? O modelo de maternidade que eu via nas outras mães mais jovens do que eu não me satisfazia, era um pouco sem limites, essa coisa que pode tudo. (...) Então, quando surgiu o Programa - eu não sei

⁷¹ Trecho da entrevista com Rosa.

se surgiu ou aí que eu comecei a me interessar – eu achei muito útil.

Como vimos anteriormente, a entrevista com Pietra nos trouxe elementos para pensar que, quando Pietra se refere a ser “nova no pedaço”, dizendo que assistia ao Programa *SuperNanny* também para ver outras mães, ela está também buscando referências em relação ao seu próprio papel de mãe. Esta dimensão também apareceu nas entrevistas com Rosa e Iara. Para Iara, assistir ao Programa *SuperNanny* serviu também para ela como uma forma de encontrar referências de maternidade que ela não encontrava mais em seu convívio familiar: pelo fato de não ter mais a sua mãe presente e por estar longe de sua tia. Iara também me disse que, por saber de antemão que estaria longe de sua família, o Programa seria uma espécie de companheiro que substituiria as relações que lhe poderiam “ensinar modos de maternidade”. Já para Rosa, assistir ao Programa *SuperNanny* apontou para algumas questões específicas, porém no mesmo sentido: a primeira foi a busca de um modelo de maternidade que Rosa disse que não encontrava nem na geração passada e nem na das mães mais jovens que ela. A outra questão foi a dificuldade de encontrar parcerias no cotidiano para dialogar sobre o trabalho parental, que Rosa sintetizou assim: “Não tinha mesmo com quem trocar. Era uma descoberta solitária⁷²”. Vale ressaltar que mais uma vez as mães entrevistadas apontaram para o fato de que assistiam ao Programa pela ausência de trocas e por se sentirem sozinhas na educação de seus filhos. Esse contexto pode também estar relacionado com as novas configurações familiares, apontadas por Buckingham (2007) e Sarmiento (2004), nas quais as famílias tornaram-se menores e portanto, oferecendo menor possibilidade de trocas. Nesse contexto, o Programa *SuperNanny* serviu às entrevistadas também como um “substituto” dessas relações, podendo as mediações a partir dele serem percebidas, conforme sugere Fischer a respeito do poder conferido à mídia (2001), como até mais familiares e legítimas do que as trocas que estabeleceriam com pessoas do cotidiano.

Portanto, o que essa categoria – que, assim como as outras, surgiu após a análise das entrevistas - indicou foi que as mães, além de sentirem sozinhas na educação de seus filhos, também buscaram referências de maternidade na contemporaneidade. Faço referência aos

⁷²Trecho da entrevista com Rosa.

estudos de Fabiana de Amorim Marcello⁷³ (2009), para quem o dispositivo da maternidade é construído e transformado a partir de demandas sociais, culturais e econômicas que circulam e se reproduzem também pelas mídias. Portanto, entendo que ao assistirem ao Programa buscando também uma referência de maternidade, as entrevistadas estão também negociando discursivamente as suas próprias maneiras de exercerem a maternidade na contemporaneidade.

Foi também interessante perceber que nas falas dessas mulheres esteve presente a relação entre as mudanças decorridas na educação das crianças e o papel exercido na maternidade. Tanto Iara e Pietra como Maria levantaram que um dos motivos de as crianças estarem como estão é o fato de que as mães na atualidade têm outras demandas na vida⁷⁴, além da maternidade e da família.

Iara: Aí as mães daquela época saíram pra trabalhar e se separaram, porque podiam se separar finalmente, fizeram dinheiro, contrataram uma funcionária pra cuidar da casa, e as crianças não tiveram tantas responsabilidades crescendo. Eu acho que as mulheres estão muito cansadas com a tripla jornada, né? Que é trabalho, ser mãe, ser dona de casa... É mais que tripla essa jornada. Às vezes tem o marido, né? E elas acabam cedendo muito pras crianças, por cansaço. Então que de certa forma, ela [se referindo à *SuperNanny*] pras mães e pras famílias ela consegue dar um norte, entendeu?

Pietra: Porque eu acho que muita gente tem problema, de falta de tempo. É difícil uma mãe que tem uma relação o dia todo, que conversa, que pára, é difícil. E a criança acaba refletindo de

⁷³ O artigo *Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão* foi publicado na revista *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.2, pp.226-241, Jul/Dez 2009. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/marcello.pdf>. Último acesso em: abril de 2013.

⁷⁴Vale ressaltar que essa discussão está girando em torno de famílias de classe média e que, portanto, estou ciente de que existem realidades bem distintas das daqui mencionadas.

alguma forma essa falta, né? Aí põe pra outras pessoas cuidarem e aí eu acho que muita gente passa por esse problema.

Como vimos na resposta de Iara, o fato de as mulheres de hoje estarem sobrecarregadas parece fazer com que elas percam o “norte”, implicando mudanças na maneira de educar e no comportamento das crianças, de tal forma que a *SuperNanny* seria útil também para “orientá-las”. Para Pietra, que trabalha e estuda, a falta de tempo e a delegação do cuidado dos filhos a outras pessoas é também um dos motivos pelos quais surgem dificuldades na educação das crianças. Nas análises surgiu ainda o tema da participação paterna na educação dos filhos e, nesse sentido, as opiniões variaram. Iara, em alguns momentos de nossa entrevista, fez referência à ausência paterna na educação dos filhos, mas também à responsabilidade materna sobre isso.

Então como pais, os homens da minha geração, perdidos, muitos não conseguem empregos, não sabem arrumar a casa, não sabem fazer nada e eu vejo muito isso porque as mães cuidavam de tudo e os filhos homens acabaram virando uns bananas e, como pais, eles acabam sendo uns bananas, né?

De acordo com Iara, essa é uma das questões das quais ela se ocupa quando fala sobre a educação de seu filho.

E como eu sou uma mãe solteira, eu fico preocupada, e isso tem a ver com a forma que eu fui educada e a forma que eu educo meu filho: eu tento cuidar para que as coisas não fiquem totalmente prontas, que ele não chegue em casa depois de ter deixado o quarto uma zona e volte com o quarto arrumadinho, porque acho que isso vai fazer dele um banana. Às vezes eu sou até meio dura com ele nesse sentido de falar: “não vai virar esses caras que senta a bunda no sofá e não faz nada só mudando o controle remoto. Porque eu não quero que você seja assim.”

Também Priscila tem preocupações semelhantes. Em diferentes momentos da entrevista com ela, Priscila disse que seu pai e seu marido não contribuem na educação que ela gostaria de dar aos seus filhos, por uma questão de diferenças de concepções de educação. Maria fez referência mais ao problema de educação das crianças ser responsabilidade principalmente das mães, e em diferentes momentos da entrevista também disse que os pais também deveriam ser implicados na educação das crianças. “Porque assim ó, toda mãe tem o seu trabalho a fazer, mas também tem uma hora que a gente tem que dar carinho pro seu filho, brincar, parar⁷⁵”.

Como mostraram os estudos de Costa (1999) sobre as mudanças na família brasileira, a educação dos filhos tomou novos rumos a partir da metade do século XIX quando, a partir da entrada dos conselhos dos higienistas na família, o cuidado com os filhos ficou sob a responsabilidade e a atenção principalmente materna. Apesar da complexidade dos movimentos sociais, históricos e econômicos que surgiram desde esse período e que transformaram a participação dos pais na educação dos filhos, especialmente das mulheres, identificamos que para as mães entrevistadas a educação das crianças ainda é uma responsabilidade materna. Diante disso, elas buscam no Programa *SuperNanny* modos de se constituírem enquanto mães nos dias de hoje. Portanto, a partir análises das entrevistas, dos estudos de Fischer (2002a) sobre o dispositivo pedagógico da mídia e de Marcello (2005) sobre a produção de modos de subjetivação feminina, me questiono de que maneira o dispositivo de maternidade é organizado no Programa *SuperNanny*, já que, como observei nas entrevistas, ele vêm sido uma das referências sobre maternidade.

3.3.9 “Parece que eles se mandam sozinhos, que eles não têm mãe e não têm pai”⁷⁶

Procuramos compreender então o que as mães entrevistadas consideraram sobre a relação entre adultos e crianças na atualidade e onde, em suas falas, o Programa *SuperNanny* se insere nos cenários expostos por elas.

⁷⁵ Trecho da entrevista com Maria.

⁷⁶ Trecho da entrevista com Priscila.

Priscila: Parece que eles se mandam sozinhos, que eles não têm mãe e não tem pai. Vai e pronto! Se o pai delas fala uma coisa que eu acho que é errado, eu vou lá e falo que eu acho que é errado. Do mesmo jeito eu, né? Porque o pai delas é só “sim”, não se escuta “não” da boca dele! Porque pra eles são crianças, têm que brincar. Eu sei que têm, só que tem que ter o limite né? Eles têm que ouvir o “não”, não só o “sim”. Porque mais tarde, como eles como que eles vão entender o não, quando começar a estudar fora, assim...

Maria: Eles [os filhos de suas sobrinhas] vêm tudo jogar bola aqui e nós ficamos assim: rapazes, vamos lá jogar bola lá embaixo no campinho. Não, é aqui! Pode falar cinquenta vezes! Eles só te obedecem se tu pegar a sandália na mão e sair e correr atrás deles. (...) Os filhos mandam no pai e mandam na mãe. Deixam fazer o que querem. Os filhos batem o pé. Diz que não quer isso e não come. Diz que vai lá e vai, que eu acho um absurdo!

Pietra: A gente sempre tem essa coisa de ficar com dó da criança, tava cedendo tudo com dó. Porque ele chora, “ai coitado”. A minha mãe tinha muito isso! Deixa ele chorar! Porque ele tá vendo que tá errado e tal. Mas a gente sempre quer proteger, não deixar chorar.

Iara: As crianças estão ditadores em casa e acho que nesse sentido, sim, tá bem generalizado. Porque eu acho que tem essa questão dos pais não entenderem até que ponto que é um limite que precisa ser seguido e até que ponto “ai coitadinho do meu filho”. Os pais tão muito nessa de “coitadinho do meu filho” e tão numa negociata com as crianças. Mas acho que no geral tá todo mundo muito sem saber como cuidar dos filhos. Muito sem saber que o filho vai crescer um dia e vai ser um adulto. Sabe, a educação não tá voltada pro futuro, tá muito imediatista, como tá a sociedade.

Rosa: Eu observava as crianças fazendo barbaridades assim e os pais não interviam, não

regulavam, não davam aquilo que a criança precisa que é o limite. Precisa e gosta. Então as crianças tornaram-se verdadeiras tiranas, ditadorzinhos pequenos, não por conta da sua natureza, mas por conta da sua falta de limite, né? Então aquela coisa: ai, eu não posso reprimir, bater, então, eu não sei o que eu fazer, então deixa.

A partir das entrevistas com as mães, é possível notar que para elas está bem presente o discurso de que houve uma inversão de papéis, onde as crianças, além de se “mandarem sozinhas”, como disse Priscila sobre seus próprios filhos, elas também passaram a “mandar em seus pais”, o que, para Maria, “é um absurdo”. Esse contexto foi justificado por Rosa e por Iara pelo fato de que os pais estão, nos dias de hoje, com dúvidas sobre como educar os filhos, especialmente quando essas dúvidas referem-se aos limites, apontados por todas nossas entrevistadas como necessários, ainda que, conforme elas, encontrar sua medida seja fonte de incertezas.

Como vimos na entrevista com Priscila, apesar de seu marido e seu pai serem considerados por ela como “liberais” que, portanto, apenas diriam “sim” aos seus filhos, ela considera que as crianças - incluindo seus próprios filhos - precisam ouvir “não” como uma forma de educá-los para o futuro, questão essa também levantada por Iara quando disse que a educação das crianças está “muito imediatista”. Isso me faz retomar o aspecto conservador que Hannah Arendt (1997) sugere ser a essência da educação, considerando que ela precisa sempre preservar algo: ou a criança do mundo ou o mundo da criança. Portanto, a suposta autonomia das crianças levantada pelas entrevistadas quando disseram que “eles se mandam sozinhos⁷⁷”, talvez por “conta da falta de limites⁷⁸”, como disse Rosa, indica que, no cenário exposto por elas, o aspecto conservador da educação ao qual referia-se Arendt (1997) é posto de lado na atualidade. A autora apontou alguns fatores que repercutiram em uma crise na educação, dentre eles a entrada das teorias pedagógicas modernas. Para ela, tais teorias eximiram os adultos da responsabilidade frente às crianças, provocando uma profunda distorção

⁷⁷Trecho da entrevista com Priscila.

⁷⁸ Trecho da entrevista com Rosa.

no sentido da autoridade e fazendo com que os adultos se sintam incapazes de educá-las frente à tanta autonomia, na direção do que vimos na fala das entrevistadas.

Nesse contexto, identifiquei que as entrevistadas, além de falarem sobre o estado atual das crianças de maneira geral, também falaram sobre as suas dúvidas e preocupações com relação à educação de seus próprios filhos. Por exemplo: em relação à necessidade de “limites”, Rosa disse que, depois de ter assistido ao Programa *SuperNanny*, se sentiu mais segura para colocar os “limites” que intuía serem necessários na educação de seu filho, como vimos anteriormente. Também Pietra fez referência à questão dos limites no cotidiano de seu filho: “A gente sempre tem essa coisa de ficar com dó da criança, tava cedendo tudo com dó⁷⁹.” Para Iara, a ausência de limites na educação de crianças de hoje tem a ver com a educação das gerações passadas. “Os pais tão muito nessa de “coitadinho do meu filho” e tão numa negociata com as crianças. (...) Talvez porque os pais gostariam que isso tivesse acontecido com eles e fazem isso com os filhos⁸⁰.”

Para entender onde, para elas, o Programa *SuperNanny* se insere na educação da atualidade, perguntei como comparariam o modo como foram educadas, o modo como educam seus filhos e a proposta de educação exibida no Programa *SuperNanny*. Aqui, o que elas responderam.

Rosa: A coisa de apanhar: não se perguntava por quê. Alguma coisa saiu errada, vizinho veio reclamar, é surra geral. Mas quem foi? Não importa: todos apanham. Uma coisa que hoje em dia se procura é o contrário: dialogar para descobrir quem foi o responsável. Hum? Eu tenho esse pé na educação mais tradicional e não quero tirar muito. Agora, isso não quer dizer que em alguns momentos eu não tenha sido solta demais deixando fazer tudo o que quer e em outros momentos ter sido dura demais.

⁷⁹ Trecho da entrevista com Iara.

⁸⁰ Trecho da entrevista com Iara.

Iara: Então, eu acho que o modo que eu fui educada não tem muito a ver com a *SuperNanny*, apesar de ter os castigos, eu lembro, mas nada assim que eu lembro que era trágico ou que tenha me feito mal, e acho que o que a *SuperNanny* propõe é o parecido com o que eu faço com o meu filho, do ritmo da casa, dos limites da criança.

Maria: Os pais hoje em dia não são mais como antigamente, não batia porque hoje em dia não se bate mais nas crianças, não pode, não é batendo que vai se educar, mas se você der um castigo, sabe educar, sabe conversar, você consegue levar aquela criança, tem o respeito daquela criança tanto pelos pais quanto pela criança, né?

Pietra: Ah, na época, minha mãe e meu pai tinham esse negócio de castigar, tinha também, levar umas palmadas. O Breno eu já dei umas palmadas, mas ele ri. Meu pai também dava com a mão fechada, mas não doía nada. Ela [sua mãe] dava uns tapas na gente. Mas eu acho que esse negócio de castigo sempre teve, e na *SuperNanny* não é castigo, mas é como se fosse, né?

Priscila: Ah, acho que os meus pais! [são mais parecidos com a *SuperNanny*] Porque ela conversa, não bate. Ela conversa com eles e bota limite neles, como o pai e a mãe faziam pra mim. Diziam que não ia, não ia, não passava por cima deles. Hoje não, elas falam que vão e vão! Então acho que eles [seus pais] são parecidos com ela.

Para Rosa, assistir ao Programa *SuperNanny* serviu como uma referência para educar seu filho de uma maneira que não fosse pautada pela agressão física, como foi educada pelos seus pais, e nem sem limites, como ela percebe na educação da geração atual de crianças. Portanto, como vimos anteriormente, para ela o Programa *SuperNanny* faz a mediação entre a educação das duas gerações: “Encontrar esse equilíbrio acho que é a fórmula que mais as mães e os pais buscam, que

é o mais difícil. Então o Programa da *SuperNanny* é uma referência, não quer dizer que seja uma receita e nem um modelo⁸¹.”

Para Pietra, que apontou para as mudanças nas técnicas de “disciplinamento”, os castigos da época em que era criança eram mais severos do que os exibidos no Programa *SuperNanny*, e diferentes da maneira com que educa o seu filho. Pietra também apontou para algumas diferenças que referem-se à afetividade na relação entre mãe e filho.

Na época da minha mãe não tinha televisão, não tinha luz. Mas ela não era de chegar, abraçar, beijar. Ela achava horrível aquilo. Ela foi criada muito assim, eu com o Breno não. Mas eu acho que a gente é mais unido, mais cúmplice do que eu a minha mãe, não era muito diálogo, eu acho. Com o Breno a gente é amigo, faz as coisas juntos e tudo. Acho que é bem diferente.

É interessante perceber que Pietra expõe um cenário onde, para ela, ao mesmo tempo em que as mães das gerações anteriores dedicavam a maior parte de seu tempo aos cuidados com os filhos, elas eram menos afetuosas e menos “amigas” deles, diferentemente de hoje, quando, segundo ela, as mulheres trabalham, estudam e, ao mesmo tempo, são também mais afetuosas. Essas mudanças na relação entre pais e filhos, levantadas por Pietra, nos remetem aos estudos de Aquino (2011), quando o autor aponta que os ‘especialistas de condutas’ criaram um novo hábito de convivência na classe média: “uma busca frenética de uma tal felicidade, acompanhada da declaração incessante do ‘eu te amo’ às crianças e aos jovens” (AQUINO, 2011, p. 131). Para ele, esse hábito revela também uma tentativa de “simetrização” das relações entre pais e filhos e entre professores e alunos, indicando uma “disputa” pelo lugar da juventude que impede o crescimento dos mais jovens. Para o autor: “Somos uma geração que, além de não querer habitar a custosa coxia do trabalho educativo, não permite que os mais novos usufruam do palco da vida e de todos os desacertos que isso comporta” (Ibid., p. 133).

⁸¹ Trecho da entrevista com Rosa.

Já para a entrevistada Maria, a *SuperNanny* ensina a educar sem bater, ainda que, para Maria, “uma palmada na bunda não [machuque] a criança. Não vai matar! Mas nas outras partes do corpo não, sabe?⁸²”. Ainda que ela tenha contado em sua entrevista que apanhou e também trabalhou muito em sua infância, disse: “Mas nunca fui revoltada com o meu pai e com a minha mãe, porque era educação que eles tavam me dando, era o respeito, sabe⁸³?” Perguntei à Maria se ela acha que o Programa teria sido útil à sua família quando ela era criança. Meu objetivo era entender como a questão dos castigos físicos de sua época poderia ser ressignificada por ela nos dias de hoje a partir da *SuperNanny*, já que ela ensinaria a educar sem bater. Ela discordou.

Maria: Não, não! Agora sim! A *SuperNanny* vem na hora certa. Porque hoje em dia as mães não sabem educar os filhos.

E seguiu falando sobre a diferença na educação de suas filhas: “Já eu não criei a Geovana e a Luana como minha mãe me criou. Já eu criei com mais carinho, sem bater, sabe⁸⁴?”. Como disse Maria, apesar de ter apanhado, em sua infância seria desnecessária a existência do Programa *SuperNanny*, já que, em sua opinião, aquela era uma educação que ensinava a ter “respeito”, diferentemente da educação da atualidade.

Para Iara, a maneira com que foi educada pelos seus pais foi considerada por ela como sendo muito “liberal” e sem rotina, nesse sentido se diferenciando da proposta exibida no Programa *SuperNanny*. Ao mesmo tempo, Iara considerou os castigos um aspecto em comum entre a conduta de seus pais e a da *SuperNanny*. Para ela, o Programa *SuperNanny* é mais parecido com o que ela propõe na educação de seu filho, e disse que faz questão de manter uma rotina no cotidiano de sua casa, sendo essa também uma das técnicas que *SuperNanny* mais enfatiza durante os episódios. Interessante perceber que, sem que eu tivesse mencionado a palavra *castigo* ou algo do gênero, tanto Iara como Pietra fizeram referência à presença de castigos no Programa *SuperNanny*. Pietra, nesse sentido, fez uma comparação entre os

⁸² Trecho da entrevista com Maria.

⁸³ Trecho da entrevista com Maria.

⁸⁴ Trecho da entrevista com Maria.

castigos presentes na sua educação quando criança, os castigos apresentados no Programa e os que estão presentes na educação de seu filho.

Pietra: Às vezes a gente ficava uma semana de castigo. Na *SuperNanny* não, era pelo tempo. Na época da minha mãe, não: os amigos iam chamar e a gente não ia. Acho que entre os três é mais o castigo, que eu acho que era mais traumático do que quando a *SuperNanny* fazia aquele negócio daqueles minutos que a criança ficava ali revoltada e chorava e depois passava aquilo e ela falava: “olha, você vai ficar aí por causa disso e disso”. Eu acho que funciona melhor do que ficar torturando a pessoa uma semana e a pessoa acaba ficando com raiva, né?

Portanto, em sua fala, a ideia de castigo é presente e ela indica que houve mudanças nas técnicas de disciplinamento que, para Pietra, foram amenizados em comparação à época em que ela era criança. Essa percepção é confirmada pelos estudos mencionados anteriormente sobre a mudança na compreensão tradicional de punição, que passou a ser vista como violência e agressão (CÁRDIA, 1999 *apud* Monteiro, 2008). Para Fischer e Ohlweiler (2011), à luz do pensamento de Foucault, a mudança nas técnicas de disciplinamento referem-se também às necessidade exigidas pelos sistemas de produção que, na sociedade contemporânea, não necessitariam mais de um disciplinamento rígido, comum no período entre os séculos VII e XX. Para as autoras, “hoje a ordem parece ser habilitar os corpos mais para o consumo do que para a produção” (Ibid., p. 11).

Já Priscila, diferentemente das demais entrevistadas, se referiu ao Programa *SuperNanny* como um modelo de educação que é mais parecido com o modo com que seus pais a educaram, principalmente porque, para ela, tanto seus pais como a *SuperNanny* colocavam limites sem a necessidade de bater. Para ela, em sua época de criança, existia um respeito pelos pais que independia da agressão física, diferentemente do modo como educa seus filhos:

Priscila: Pra mim, se ela, a Laís [sua filha] me responde, apanha! Eu falo pra elas: não me responde de novo senão vai ficar sem o dente da frente! Bato! Não forte, forte, mas eu bato! Na bunda, puxãozinho de cabelo, beliscãozinho. A Laís tem bastante carinha! *Risos*. Porque as duas [filhas] se encrencam... Meu Deus, guria! Eu bato, vou tomar banho e fico pensando naquilo. Às vezes eu até choro. Pra que fazer aquilo? Mas elas tiram tanto a gente do sério que é uma loucura!

A fala de Priscila mostrou que, para ela, existia um respeito pela autoridade de seus pais que não estava relacionado com o uso da força física. Arendt (1997) nos ajuda a discutir esse tema: para ela, o respeito não só independe da força física, como é incompatível com ela: a autoridade fracassaria quando a força física fosse usada, pois, para a autora, a autoridade só existe a partir de uma relação que depende principalmente da legitimação do sujeito frente à autoridade. Nesse sentido, é interessante perceber que a autoridade que Priscila atribuía aos seus pais e que independia de agressão física é diferente da autoridade referida pelas demais entrevistadas, que mencionaram algumas vezes que o respeito pelos pais estava também relacionado ao medo dos castigos físicos.

Também percebi que a autoridade creditada à *SuperNanny* pelas mães entrevistadas, em relação à educação de pais e filhos, deve-se também ao fato de a *SuperNanny* se “adequar” às novas técnicas de disciplinamento. Nesse sentido, surgem novas configurações de autoridade, que têm se transformado de acordo com os diferentes movimentos históricos da sociedade, como apontaram os estudos de Ohlweiler e Fischer (2011). Para Monteiro (2009), essas configurações precisariam se adaptar às novas regras de consumo para competirem entre si e, portanto, deveriam estar atentas aos desejos do consumidor, como vimos anteriormente em Jenkins (2009). Nessa direção, entendo que, a partir do que as entrevistadas apontaram, no quesito educação de crianças na atualidade, há a necessidade de configuração de autoridade que uniria “pulso forte”, como disse Maria, ao mesmo tempo em que ensinaria a educar sem violência física, como apontaram a maioria das entrevistadas com relação às características e técnicas da apresentadora e do Programa.

3.3.10 “Tem hora de trabalhar e a hora de brincar⁸⁵!”

Dentre outras questões interessantes que apareceram nas entrevistas, uma pode ser relacionada à ideia de reinstitucionalização da infância, ocorrida à medida que as crianças, que na modernidade haviam sido excluídas do processo de produção, passaram a participar da esfera econômica principalmente enquanto consumidoras (Sarmiento, 2004). Nessa direção, algumas questões foram levantadas pelas mães entrevistadas, especialmente quando se referiram ao tempo “livre” como um dilema comum à infância contemporânea e à possível participação de *SuperNanny* nesse cenário, como veremos a seguir na entrevista com Priscila, que como vimos é moradora de um bairro afastado.

Priscila: Não sei como tem bastante gente por aí que assiste o Programa, porque por aí é bem mais fácil do que aqui no bairro. Porque as nossas crianças vivem muito presas aqui. E lá fora não! Incomodou, bota no carro, vai pro shopping, vai no parque, vai em qualquer lugar! E as nossas não! É só aqui na mãe e em casa ou só quando vai na lagoa ou no centro! Nós daqui precisava da *SuperNanny*!

Priscila considerou que uma das causas da grande audiência do Programa *SuperNanny* é a falta de espaço físico e de entretenimento durante o tempo em que as crianças não estariam na escola, o que as deixaria ociosas e, portanto, “sem limites”. Isto, para Priscila, justificaria uma eventual ida de *SuperNanny* a seu bairro. Priscila também apontou para uma questão que toca muitas crianças brasileiras e que se refere à um cenário de desigualdade econômica:

Priscila: Eu sempre falo pro meu marido que um dia eu quero ser presidente do Brasil! Acho chato essas coisas que uma criança pode e a outra não pode. Se tem um evento que tem que pagar, uma academia, um esporte, qualquer outra coisa que tem que pagar mensal, pra mim já é difícil, que eu tenho três crianças. Já fica pesado se eu colocar os

⁸⁵ Trecho da entrevista com Priscila.

três. Coloco um, só que eu já vou ficar com pena daqueles dois que não podem ir.

Como disse Priscila, as atividades extra-escolares são exclusivas para as classes economicamente favorecidas. Portanto, já que essa não é a sua situação econômica e como ela também não tem “poderes políticos” para realizar mudanças e implementar projetos, seria preferível que as crianças trabalhassem a que ficassem “ociosas”.

Priscila: Pra mim, mil vezes as crianças tá trabalhando aqui, ó, no restaurante, do que tá em drogas, com gente que não deve, fazendo mal. Tá trabalhando tá fazendo um dinherinho pra ele, pro bolso dele. Aí não pode! Se trabalham, vão e denunciam... Faz essas coisas que não deve! Eu acho que tem que tá trabalhando as crianças também! Porque não tá roubando, né? Mas aí a lei já diz que não, que não tem que trabalhar, que tem que brincar! Pra mim não! Tem hora de trabalhar e a hora de brincar!

Para Pietra, também. Em sua entrevista, Pietra falou sobre a importância de os jovens trabalharem e comparou o cenário de hoje com a sua trajetória de vida.

Eu tenho vinte e um anos de carteira assinada já. Porque meu pai faleceu cedo e a gente teve que ajudar minha mãe, mas o Breno [seu filho] quer trabalhar logo. Eu acho importante trabalhar cedo, pra ter mais responsabilidade, saber a realidade da vida, né? Porque eles crescem meio alienados. Ficar até dezoito, vinte sem trabalhar... Eu acho que não têm ideia da onde vem a roupa.

Tanto a entrevista com Priscila como a entrevista com Pietra mostraram que existem contextos contemporâneos onde não se sabe ao certo qual é o lugar da infância e o que fazer com as crianças. Isso nos faz retomar os estudos de Kramer (2007) e também de Aquino (2011), que consideram que a ênfase no discurso de que as crianças devem ser

protegidas, conforme previu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi distorcida, porque se para algumas crianças o trabalho infantil ainda é uma realidade do cotidiano, para outras, em especial para as crianças da classe média, ele tomou a forma de um excesso de atividades “educativas”. Conforme disse Pietra:

Pietra: Mas eu vejo muito isso, de querer colocar as crianças em várias coisas. Eu acho que a criança tem que ter um tempo livre pra fazer o que quer, mas, pela falta de tempo dos pais, acabam enfiando o filho em um monte de coisa que são mais pra ocupar o tempo de não ter onde ficar do que pela criança. Aí [a criança] sai da aula às cinco, aí cinco e quinze tem inglês, aí já faz outra coisa... Sabe assim? E aí a mãe deixa a criança às sete da manhã e pega à noite. Não sei se a mãe pensa que a criança vai ficar mais inteligente ou não. Que a criança não tem tempo pra ela [própria]. Não vejo mais isso! Porque na minha época tinha muito jogo e a gente tinha esse tempo. Não tinha inglês, natação. Fazia uma coisa só, uma, duas vezes por semana. E quando fazia, né?

Para Pietra, a sobrecarga de atividades com as quais as crianças estão envolvidas hoje em dia indica o que foi considerado por Buckingham (2007) como sendo o novo trabalho da infância: “Especialmente em casa, as crianças também se tornaram o foco de grandes investimentos, tantos de recursos econômicos como da preocupação dos pais – ainda que nem sempre do tempo deles” (BUCKINGHAM, 2007, p. 111). Portanto, a partir da análise das entrevistas, percebi que o fato de aquelas mães assistirem ao Programa *SuperNanny* refere-se também à dúvida sobre o que fazer frente à infância, já que, segundo elas, se por um lado as crianças estão privadas de trabalhar e devem ser protegidas, por outro são pequenas consumidoras que têm seus próprios trabalhos institucionalizados, especialmente nas classe econômicas privilegiadas.

Considero importante trazer uma outra questão que, aliada às categorias acima, chama a atenção a partir da entrevista com Pietra, quando ela se referiu a um dos motivos pelos quais começou a assistir ao Programa *SuperNanny*.

Pietra: Eu soube em comercial, porque o Breno foi, ele é hiperativo, então eu sempre tive problemas com ele na escola, de ser chamada. Todo ano me chamam. Mas ele tem muita dificuldade de ficar parado. (...) Ele tomou ritalina, uma semana, aí joguei fora. Ele mudou totalmente, ficou abobado no sofá. Aí eu consegui esse projeto e eles começaram a me ensinar e eu lembrei da *SuperNanny*, que não dá pra falar não o dia inteiro.

A entrevista com Pietra trouxe uma série de aspectos interessantes para pensarmos já que, para ela, muitas das técnicas ensinadas no Programa ainda fazem parte do seu cotidiano: “Ajudou muito [coloca as técnicas do Programa em prática]. Esse negócio de olhar no olho, conversar, de dar outra opção, acalma mais, né⁸⁶?”.

É interessante perceber que o Programa *SuperNanny*, junto a um projeto que Pietra e Breno frequentaram, serviu como uma alternativa ao metilfenidato, remédio comercialmente chamado de Ritalina e Concerta. Vale ressaltar que o consumo desse medicamento cresceu 75% entre 2009 e 2011, entre crianças brasileiras de 6 e 16 anos, que assim como Breno, foram diagnosticadas com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), segundo a ANVISA⁸⁷. Em um primeiro momento é possível considerar que, de acordo com a pesquisa de Costa e Paniago (2009), o Programa *SuperNanny* atua com técnicas de subjetivação, transformando crianças “indisciplinadas” em crianças dóceis e obedientes, como apontaram as autoras e como o caso de Pietra, ao transpor as técnicas para o seu cotidiano, exemplifica. A partir dos estudos aqui referidos, aliados às análises das entrevistas, entendo que o crescimento da audiência do Programa *SuperNanny* e o aumento do consumo do “remédio da obediência”, como também pode ser chamado o metilfenidato, fazem parte do mesmo contexto, sugerindo que muitos de nós, adultos, imersos em uma sociedade de informação, porém sem suficientes condições de diálogo, estamos inseguros e desautorizados em relação a como educar as crianças nos dias de hoje.

⁸⁶ Trecho da entrevista com Pietra.

⁸⁷ Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

3.3.11 “Tu és tia e és madrinha, então tu sabes que tens que educar⁸⁸!”

Como vimos anteriormente a partir das entrevistas, existe no Programa *SuperNanny* um discurso bem definido e que se repete a cada episódio sobre o que, na educação de crianças, seja “certo” e “errado”. Um discurso semelhante também apareceu nas referências das entrevistadas à época em que eram crianças, como neste trecho da entrevista com Rosa:

Rosa: Então era tudo diferente. Mas tinhas as coisas, em termos da educação de crianças, tinha o certo e o errado. Por exemplo, chegava nove horas da noite, tocava a musiquinha lá: “já é hora de dormir, não espere mamãe mandar, um bom sono pra você e um alegre despertar...” E a gente ia pra cama porque ia e pronto, porque era hora de ir para cama. Nesse sentido as coisas eram mais preto no branco, sabe?

Como disse Rosa, as condutas na educação de crianças se repetiam e eram pouco discutidas, diferentemente do que as mães entrevistadas apontaram como sendo a contínua negociação que os pais hoje em dia estabelecem com as crianças. Percebi que para a maioria das entrevistadas as buscas pelo que é certo ou errado dizem respeito não somente a uma questão comportamental das crianças, mas também podem ser associadas com a ideia de que as mães estão também buscando alguns “valores” relativos à dinâmica familiar, como mostrou a entrevista com Priscila:

Priscila: Eu gostava quando ela [a *SuperNanny*] colocava ordem na mesa, na hora do jantar, do almoço. Que tem que tá todo mundo junto comendo. Passou um Programa assim, ó: um comia no sofá, o outro na ponta da mesa, a outro comia na mesinha da sala. E eu acho que tinha que ser todo mundo junto. E ali em casa é assim. Um na cadeira, um no sofá, um na mercearia. Não

⁸⁸ Trecho da entrevista com Maria.

tão todo mundo junto pra conversar, pra dizer o que é o certo, o que é o errado, sabe?

Priscila disse que se identificava com outras questões do cotidiano exibidas no Programa, como quando em sua casa, na hora do almoço e do jantar as pessoas não se sentam à mesa para falar “o que é certo e o que é errado”, e que ela gostaria que assim o fosse. Isto parece mostrar que Priscila também encontra no Programa *SuperNanny* outras referências além das que dizem respeito à educação das crianças. Portanto, entendo que não são somente as incertezas contemporâneas sobre como educar que poderiam explicar a audiência ao Programa, mas também as incertezas gerais sobre modos de convivência familiar, que são exibidas e negociadas a partir do Programa *SuperNanny*.

Os estudos de Bauman (2001) ajudam a dar consistência a essa ideia, pois o autor refere-se à fragilidade das certezas que outrora proporcionavam alguma segurança e que, no mundo contemporâneo, estão afetando na maneira com que compreendemos e vivemos também a educação das crianças. O Programa *SuperNanny*, nesse caso, serviu de alguma maneira, para que as entrevistadas encontrassem referências não só com relação à educação de crianças e ao modelo de maternidade, mas também a condutas em geral.

Outro tema que emergiu nas entrevistas foi o lugar da família enquanto grupo educativo. Para Maria, que trabalhava durante o dia, o cuidado e a educação de suas filhas eram uma responsabilidade familiar, como disse: “Joana [sua cunhada], se fez arte, respondeu, fez alguma coisa, tu sabes o que tem que fazer. Tu és tia e és madrinha, então tu sabe que tens que educar”. Na entrevista com Rosa e Iara essa dimensão também apareceu:

Rosa: Quando eu era pequena todo mundo andava na casa de todo mundo. A gente frequentava o ambiente familiar de grande parte dos coleguinhas da escola, dos primos, brincava na casa dos primos, um entra-e-sai dentro da casa da gente constante. E o trança-trança na casa de todo mundo o dia inteiro. Claro, era outro mundo. E os pais meio que cuidavam de todas as crianças.

Iara: Mas depois, que eu morava na casa da minha avó, que era perto da casa das minhas tias e a minha mãe tava trabalhando e as tias também largavam os filhos na casa da minha avó e era aquele bando de primo. E aí eu ia passar o fim de semana na casa do meu pai e eu voltava e tinham dormido na minha cama, meu tio, minha prima, sei lá. Eu ia pegar uma roupa e minha roupa não tava no armário porque minha prima adolescente pegou, então isso me incomodava muito.

Pode-se perceber na entrevista com Iara que as crianças estavam mais acostumadas com as trocas e compartilhamentos com as outras crianças da família, como disse Rosa, e que esses tipos de conflito, aos quais se referiu Iara, faziam parte da convivência familiar. Hoje, para Aquino e Sayão (2007), as crianças estão privadas do contato com crianças de sua turma escolar e têm poucas referências de adultos que teriam “permissão” para educá-las, diferente do cenário no qual Rosa ou Iara viveram suas infâncias. Num contexto onde os filhos passaram a ser objeto de consumo de seus pais, conforme apontou Aquino e Sayão (2007), educar para “atingir seu desenvolvimento ideal”, como indicou Buckingham (2007), não seria mais uma atividade unicamente familiar, mas sim a cargo também dos especialistas, que se consolidaram enquanto autoridade na educação de crianças.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi com base no meu histórico enquanto pedagoga e professora, que ouvia os pais de alunos comentarem seus desafios no cotidiano com seus filhos e os meios onde encontravam respostas para suas dúvidas, que nasceu o meu interesse em pesquisar a recepção do Programa *SuperNanny*. Questionava a origem de seus desafios: seriam os novos arranjos familiares, as mudanças na infância, uma crise geral na autoridade? Queria saber o que os fazia recorrer ao Programa *SuperNanny* para responder suas dúvidas. O que faziam com o que assistiam no Programa? Transpunham as técnicas ensinadas no Programa em seus cotidianos? Questionavam algo com relação a ele? Foram essas algumas das perguntas que movimentaram e deram forma ao objetivo geral desta pesquisa: que sentidos os pais/mães produzem a partir de sua recepção do Programa *SuperNanny* e como eles os utilizam na educação de suas crianças?

Como uma primeira forma de lidar com o tema, realizei uma revisão da literatura, que contribuiu para que eu me aproximasse de alguns aspectos do cenário educativo no qual o Programa *SuperNanny* está inserido, bem como de diversas abordagens psicológicas e pedagógicas com relação ao Programa e de implicações de suas estratégias. Meu interesse em compreender como o Programa *SuperNanny* era recebido aumentou, já que todas aquelas abordagens, a partir de suas respectivas vertentes teóricas, direcionavam-se para a análise do Programa em si, mas não para sua recepção.

Portanto, estudar a recepção do Programa *SuperNanny* para mim era imprescindível, porque, conforme a perspectiva latino-americana de estudos de recepção, especialmente a partir de Jesús Martín-Barbero (1997, 2005), as diferentes maneiras com que as pessoas se apropriam, recodificam e ressignificam os conteúdos da televisão são tão fundamentais quanto a sua produção, já que dentro do processo de comunicação, uma depende da outra. Portanto, foi justamente considerando as pessoas que costumavam assistir o Programa com regularidade que defini as pessoas a serem entrevistadas, pois seria a partir de suas falas que poderia compreender quais os sentidos que um grupo de pais e mães, no quadro de contextos socioculturais distintos, produzem a partir do Programa *SuperNanny*.

Como recurso metodológico, optei por realizar cinco entrevistas individuais, o que privilegiou mais liberdade para *ver junto* os sentidos

que cada um atribuía ao Programa *SuperNanny*, proporcionando uma profundidade nas trocas que um estudo quantitativo ou fundamentado apenas na teoria não traria. A etapa das entrevistas, portanto, serviu como um respirar nessa trajetória, que me convidou a ritmar momentos de escuta e momentos de perguntas. Em cada encontro pude compartilhar os percursos vividos por aquelas pessoas, que trouxeram uma diversidade de elementos importantes para a pesquisa. Suas vozes, alegrias e lágrimas ressoaram comigo por meses durante o período de análise, período esse de tecer um diálogo entre as entrevistas, os autores estudados e as minhas considerações pessoais. Às vezes me perguntava, afinal, por que eu estava pesquisando um tema tão conflitivo como esse?

Como um dos objetivos foi o de abrir espaço para o inesperado também como uma escolha política, conforme sugeriu Fischer (2005), realizei as entrevistas baseada em um roteiro semi-estruturado de perguntas e sem categorias pré-definidas. Com a etapa das entrevistas concluída, foi preciso ouvir com calma as gravações, transcrever e ler repetidamente as transcrições das entrevistas para definir algumas categorias a serem aprofundadas na análise, e deixando outras também tão interessantes para estudos futuros. Assim, as categorias presentes nessa pesquisa foram as que mais se destacaram na análise das entrevistas e que contribuiriam também para dar consistência à pergunta: “Tá na hora de chamar a *SuperNanny*?”.

Foi nessa trajetória que compreendi que o contexto sócio-educativo onde se insere o Programa *SuperNanny* é mais complexo do que eu imaginava quando iniciei o mestrado, ainda mais por tratar de um tema tão delicado como é a educação de crianças na atualidade. Muitas inquietações e surpresas surgiram, a começar com as próprias pessoas que foram entrevistadas. Ainda que não tivesse sido meu objetivo estudar a recepção feminina, foram exclusivamente mulheres, e mães, que se disponibilizaram e se interessaram em participar da pesquisa. Esse foi, inclusive, um dado interessante com relação à recepção do Programa *SuperNanny*, já que algumas das mães entrevistadas consideraram ser a educação de crianças uma responsabilidade especialmente materna. Assim sendo, houve nessa pesquisa um indicativo tanto por parte das pessoas que se interessaram em ser entrevistadas como da análise de suas entrevistas de que essa ainda é uma temática que ressoa mais nas vozes maternas ou femininas do que nas paternas ou masculinas.

Para responder algumas das questões que estavam definidas enquanto objetivos da pesquisa, dentre elas, compreender o cenário

educativo com o qual se articula o Programa *SuperNanny*, me fundamentei nas leituras de Ariès (1981), Arendt (1997), Buckingham (2007), Sarmiento (2004) e também Priore (2000) e Kramer (2007), que contribuíram nesta pesquisa para a fundamentação teórica com relação ao histórico da infância, bem como à situação da infância na atualidade. Essas ideias ganharam novos sentidos a partir das falas das mães entrevistadas e dos relatos de suas experiências no cotidiano com crianças.

O Programa *SuperNanny*, portanto, se insere em um contexto onde uma série de mudanças instabilizaram os lugares sociais nos quais as crianças estão envolvidas. Como bem apontou Buckingham (2007) e conforme a pesquisa empírica confirmou é que, com base no discurso produzido na modernidade de que as crianças deveriam ser preservadas do mundo adulto, elas passaram a ter seus próprios trabalhos institucionalizados através do aumento do tempo na escola, atividades extra-escolares e terapias, indicando que os discursos que traçaram padrões de normalidade e influenciaram os cuidados familiares no século XX estão presentes na atualidade, porém em uma nova roupagem.

Desse contexto de mudanças na infância fazem parte também as mudanças familiares. Os filhos, que até o século XIX eram tidos como uma forma de extensão da propriedade - representando também vantagem econômica -, hoje passaram a ser parte do patrimônio individual do casal, conforme apontou Aquino (2010), revelando que a decisão de tê-los, hoje, depende mais de uma necessidade emocional e psicológica dos pais do que de uma busca de benefício econômico, como observou Giddens (*apud* Aquino, 2010). A meu ver, há um dilema nesse sentido, pois, se por um lado os filhos passaram a ser uma espécie de bem privado, como observou Aquino (2010), por outro, os próprios pais estariam desautorizados a educá-los. Isso também foi sugerido pelas entrevistadas, que frequentemente compararam seus próprios modos supostamente “incorretos” de educar os filhos frente aos modos “corretos” de *SuperNanny*. Amparada pelos estudos de Arendt (1997), questionei como anda a nossa responsabilidade pela continuidade do mundo, já que, a partir da perspectiva de educação aqui exposta, estaríamos terceirizando a educação das crianças em nome de seu desenvolvimento individual. Estou ciente de que essa é possivelmente uma realidade específica de crianças economicamente privilegiadas, portanto, a transposição mecânica dessa afirmação para outras realidades sócio-culturais seria um equívoco.

Nesse mesmo cenário de mudanças e rupturas, a família tornou-se foco da produção de discursos sobre uma possível crise na autoridade. Como vimos em Foucault (2006) e também em Monteiro (2009), a produção desses discursos contribuiu para que a autoridade familiar na educação de crianças fosse desvalorizada e deslocada para as autoridades conselheiras que, aliadas às mudanças na família e na infância, contribuem para uma desautorização dos pais a educarem seus filhos. Discursos desse gênero tornaram-se populares e são produzidos também pelas grandes mídias que, seguindo um caminho aberto pelos antigos dos manuais de puericultura, versam sobre modos considerados corretos e incorretos de educar. O Programa *SuperNanny*, portanto, se configurou na análise das entrevistas enquanto um produto midiático que atua com esse caráter pedagógico.

O discurso de que a família é incapaz de educar seus filhos e, por isso precisaria recorrer ao mercado de especialistas ficou evidente no Programa *SuperNanny*, em cujos episódios os conflitos exibidos e a solução proposta pela apresentadora culpabilizam a família por sua suposta ineficiência. Portanto, esse discurso concentra os atuais dilemas na educação das crianças como responsabilidade apenas familiar, eximindo as políticas públicas da sua responsabilidade social e educativa. Não estou me referindo à família como a responsável primeira ou única por essas mudanças na educação de crianças. Ao contrário, vejo-a articulada à complexidade da trama social. Nesse percurso de estudos e principalmente de trocas com as mães entrevistadas, pude compreender a família enquanto uma instituição social, conforme apontou Sarmento (2004), que está suscetível às políticas vigentes na sociedade sendo, portanto, também parte, expressão e resultado de uma sociedade que preza pelo consumo, pela competitividade entre uns e outros e pelo silenciamento das relações. Algumas considerações feitas pelas entrevistadas foram também nesse sentido, apontando a escassez de projetos públicos como um dos fatores para os atuais desafios na educação de crianças.

Foi possível confirmar que existem na atualidade grandes dúvidas sobre como os adultos devem se posicionar frente às crianças no cotidiano. Dentre elas, está a tão recorrente questão dos *limites*, que foi apontada como resultado das incertezas sobre como educar sem recorrer à agressão física (diferentemente, segundo as entrevistadas, do que faziam as gerações anteriores) e ao mesmo tempo sem deixar as crianças “sem limites” (como elas disseram que faz a educação das crianças hoje). Conforme as entrevistadas, encontrar um equilíbrio entre as duas

maneiras é um dos motivos que faz com que, tanto elas como os pais de maneira geral, estejam inseguros sobre como educar seus filhos. Nesse contexto, o Programa foi considerado por elas como um recurso útil e necessário para a educação contemporânea.

Apesar de serem as temáticas do limite e da disciplina os carros-chefe do Programa *SuperNanny*, não foram apenas os dilemas nesse campo que levaram as entrevistadas a fazerem assistir ao Programa *SuperNanny* em busca de referência para seus cotidianos. Além dessas questões, me deparei com um contexto que não esperava: muitas delas disseram assistir ao Programa também por se considerarem sozinhas no dia-a-dia, dizendo que são poucas as oportunidades com que dispõem de interlocução sobre educação de crianças e sobre maternidade. O Programa *SuperNanny*, portanto, serviu a elas como uma espécie de companheiro, ensinando-lhes modos de educar e também modos de se constituírem enquanto mães. O que podemos questionar é modelo de maternidade exibido, ensinado e negociado a partir do Programa *SuperNanny*, que ele também teria se tornado uma forma de se as entrevistadas se compararem com as outras mães que participavam dos episódios. Fundamentando-me nos estudos de Marcello (2005) sobre a produção de modos de subjetivação feminina, deixo uma pergunta que, na minha perspectiva atual, precisa ser melhor investigada: de que maneira o dispositivo de maternidade é organizado no Programa *SuperNanny*?

Vale lembrar que algumas das mães entrevistadas assistiam ao Programa não só buscando maneiras de educar seus filhos ou modelos de maternidade, mas buscando e negociando também outras condutas com relação à convivência familiar e que estão presentes no Programa *SuperNanny*. Para mim, ficou evidente que as incertezas dessas mulheres não se referem somente à educação de crianças, mas vão além e permeiam seu cotidiano em geral. Suponho que esse momento de incertezas possa ser rico para nos questionarmos sobre padrões e condutas que trouxemos através das gerações e que de fato precisam ser repensados, como já ocorre com o modelo de educação baseado na agressão física. Porém, me surpreendeu o fato de as mães também encontrarem no Programa *SuperNanny* possíveis condutas para os dilemas do cotidiano de modo mais amplo. Assim, assistir ao Programa com esse objetivo não se limita a quem tem filhos. O Programa *SuperNanny* apareceu nas entrevistas também como um método preventivo para evitar que as crianças “indisciplinadas” e famílias “caóticas” - nos termos do Programa - não se tornassem realidade na

casa das entrevistadas, como disse uma delas, que revelou assistir ao Programa também com esse intuito. Algumas questões surgiram frente a esse dado. Uma delas é o fato de que o Programa produz e reforça um discurso de que as crianças estão sem limites e, por isso, precisariam de maior “disciplinamento”, como se fosse possível submetê-las a uma constante vigilância para que seus comportamentos não saiam fora do “controle”. Ressalto que é também nessa conjuntura que as crianças vêm sendo medicalizadas, a partir de frequentes diagnósticos de déficit de atenção e hiperatividade, como foi o caso de uma das entrevistadas, que passou a assistir ao Programa como uma alternativa à medicação de seu filho. Nesse contexto, percebi também que, frente às incertezas do presente, como apontou Bauman (2001), existe uma cultura de medo, na qual parece mais seguro confiar nos discursos exibidos na televisão na voz dos especialistas do que nas trocas de experiência com pessoas do próprio convívio.

O acesso de algumas das entrevistadas à literatura e às informações sobre educação de criança que circulam em ambiente escolar ou acadêmico não significou que seus desafios ou dúvidas no cotidiano com seus filhos deixassem de ser respondidos pelo Programa. Foi inclusive em seus ambientes de trabalho, escola e universidade, no qual passam a maior parte de seu dia educando crianças e adultos, que elas disseram haver silêncio e até mesmo uma censura velada sobre esse tipo de trocas. Há, nesse sentido, um paradoxo que, a meu ver, merece ser pensado principalmente pelos cursos que pretendem estudar e fazer educação, afinal, como vimos, destacou-se nessa pesquisa a ausência de trocas entre as mulheres que são mães de crianças pequenas, apontada como um dos motivos da audiência ao Programa *SuperNanny*.

Como assistir ao Programa serviu às entrevistadas também como uma forma de se comparar sua família com outras, questioneei a participação das crianças e também de suas famílias, por estarem sendo expostas e ridicularizadas no Programa *SuperNanny* a partir de uma decisão de seus pais, adultos imersos no contexto de uma sociedade que valoriza a exposição da vida privada. Arendt (1997) refere-se ao fato de que a sociedade moderna privou as crianças de uma de suas principais condições de desenvolvimento - sua preservação no mundo privado até que tenham condições e maturidade para, aos poucos, adentrar o mundo público – o que pode ser contrastado com o que relata Ariés (1981) sobre o papel da infância na Idade Média, na qual a criança participava do mundo adulto assim que deixava os cuidados pueris. Na época, a preservação da criança na esfera privada não existia porque também não

existia a consciência da particularidade da infância. Se, na concepção moderna de infância, a criança tornou-se uma categoria distinta da do adulto, como vimos nos estudos de Buckingham (2007) e de Sarmiento (2004), apoio-me nas reflexões de Arendt (1997) e de Ariès (1981) e me pergunto se os programas que expõem as crianças na esfera pública de certo modo não recolocam a infância no lugar que ocupava na Idade Média.

A partir desse cenário, algumas perguntas surgiram durante o decorrer desta pesquisa, sem que eu tenha neste momento a pretensão de respondê-las: o que faz com que as pessoas retratadas no Programa queiram mostrar em esfera pública as dores e conflitos que enfrentam no seu cotidiano íntimo e privado? O que faz com que queiram expor seus próprios filhos nessas situações caóticas? Será que o fato de o Programa exibir cenas de extremo caos contribui para o nosso anestesiamento, como disseram algumas das mães entrevistadas ao se sentirem “confortadas” frente aos dilemas familiares alheios exibidos em um show?

Também como resposta à uma das minhas perguntas iniciais, identifiquei que tanto o uso específico das técnicas como o discurso do Programa de modo geral foram ressignificados pelas entrevistadas e então adaptados a seus cotidianos conforme seus contextos socioculturais e suas questões pessoais no cotidiano com as crianças. Portanto, a maioria das entrevistadas assistiam ao Programa com o propósito de transpor em seus cotidianos as técnicas ensinadas. Nesse sentido, o Programa tornou-se para elas uma referência para aprender a educar seus filhos, confirmando os estudos de Fischer (2002a) de que as mídias ensinam modos de ser e estar na cultura contemporânea e, no caso do Programa *SuperNanny*, ensinando algo que, ao meu ver, refere-se também à formação humana em sentido amplo.

Aspectos negativos também foram levantados pelas mães entrevistadas com relação ao Programa *SuperNanny*. Dentre eles, esteve a ausência de diversidade dos modelos familiares apresentados. Apesar de não ter sido objetivo desta pesquisa analisar as novas tendências desse tipo de programa, questiono-me quanto a qual será a nova configuração do Programa *SuperNanny*, já que, frente aos novos arranjos familiares, o modelo familiar apresentado nele parece ter “prazo de validade”. Também o fato de o Programa *SuperNanny* representar uma espécie de heroína, que resolve os desafios familiares de maneira quase mágica ou sobrenatural, significou algumas delas um aspecto ficcional do Programa. Foi justamente esse aspecto ficcional, fruto de

uma edição baseada nas fórmulas narrativas convencionais de televisão que, para outras entrevistadas, deu ao Programa um caráter de entretenimento.

Dilemas complexos que até agora estavam resguardados no âmbito da intimidade familiar são transformados em espetáculo e resolvidos como que num passe de mágica pela especialista, contribuindo para que os pais se sintam ainda mais desautorizados na educação de seus filhos. O desejo de encontrar soluções para as dúvidas e angústias na educação das crianças é incorporado à lógica mercantil que sustenta o Programa e todo o complexo de produtos à venda que ele promove. Entendo que esses dilemas são legítimos e graves, e que assim a demanda por esse tipo de programas existe de modo muito concreto, porém o assunto precisaria ser abordado pela sociedade de outras formas que não um espetáculo sensacionalista que desautoriza as famílias e expõe a intimidade das crianças, como faz o Programa *SuperNanny*.

Desta forma, entendo essa pesquisa como um olhar inicial para a temática e, sendo assim, estou ciente de que muitas outras questões ligadas a ela poderão ser aprofundadas, tanto no campo da Educação como também por outras áreas de conhecimento.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. *In: Famílias e educação: Quatro olhares*. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

AQUINO, Julio Groppa; SAYÃO, Rosely. **Família: Modos de Usar**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

ARENDDT, Hannah. As esferas pública e privada. *In: ____*. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2000, p. 31-88.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Vida para o consumo: a transformação de pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BIEGING, Patricia. **Da busca de popularidade às práticas de bullying: crianças e produção de sentidos a partir de artefatos midiáticos**. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo, Loyola, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. Editora Iluminuras Ltda., 2008.

CARVALHO, Tamara Júlia de. **O estudo do Programa SuperNanny a partir da Pedagogia de Freinet**. (Dissertação de Mestrado). Araraquara: Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, 2009.

CORSARO, William. A. **Reprodução interpretativa e cultura de pares em crianças**. Tradução de Ana Carvalho. Indiana University, Bloomington: 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

COSTA, Marisa Vorraber (org). **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** – comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRIORE, Mary (org). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

DIONISIO, Ana C. **O Imaginário Infantil e as Mídias**: representações culturais em websites de entretenimento para crianças. Relatório de pesquisa PIBIC/CNPq – UFSC, 2004.

ELLSWORTH, Elizabeth. In: Silva, Tomás Tadeu da. **Nunca fomos humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90. In: MACHADO, J.; LEMOS, A.; SÁ, S. (orgs.) **Mídia**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

JACKS, Nilda Aparecida; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção**. Hacker, 2005.

FANTIN, Monica. **Mídia-Educação**: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FARIA, Ana Carolina de Oliveira. **Super Nanny e a moralidade infantil**: reflexões à luz da teoria piagetiana. 2008. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/rab_completo_234.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

_____. Foucault e a análise do discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa** (CEDES), vol. 114, n. 197-223, 2001a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

_____. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em Educação. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 20, p. 83-94, 2002,.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1517-97022002000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. Diante do real midiático: contribuições de Zizek, Arendt e Sontag aos estudos de recepção. In: CAPPARELLI, Sérgio; SODRÉ, Muniz; SQUIRRA, Sebastião (Orgs.). **A comunicação revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v.35, p. 290-299, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

_____. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno; Ohlweiler. Maria Inês. Autoridade, Infância e “Crise na Educação”. 2011. Artigo apresentado na 34ª Reunião Nacional da ANPED. Disponível em <http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT13/GT13-827%20int.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramalhete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GARZEL, Claudia. **Jornalismo para crianças: um estudo sobre práticas culturais e consumo de mídia junto a crianças de 10 e 11 anos em Florianópolis**. (Monografia). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Graduação em Jornalismo, 2005.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

GIRARDELLO, Gilka. **Televisão e Imaginação Infantil: Histórias da Costa da Lagoa**. (Doutorado em Comunicação). São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, 1998.

GIRARDELLO, Gilka; OROFINO, Isabel. **A Pesquisa de Recepção com Crianças**. Anais do XI Encontro da COMPÓS – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2002.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Rio de Janeiro: DPeA, 1998.

_____. (Prefácio) *In*: MORLEY, David. **Family Television: Cultural power and domestic leisure**. London, Comedia, 1986.

HODGE, Bob; TRIPP, David. **Children and Television: a semiotic approach**. Stanford University Press, Polity Press, California, 1986. Resenha de: GIRARDELLO, G. Dez teses sobre as crianças e a TV.

JACKS, Nilda. **A recepção na querência: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica**. (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina: **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução: Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KEARNEY, Richard. Narrativa. Tradução: Gilka Girardello. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 409-438, 2012.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. 2 ed. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade**. Brasília, DF, 2007. p. 13-23.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. **Revista Brasileira de Educação**, n. 29, p. 139-151, maio/ago, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a11.pdf>. Último acesso em: 2 abr. 2013.

_____. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. *In*: **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.2, p. 226-241, Jul/Dez 2009. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/marcello.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2013.

MEURER, Flávio Roberto. **Televisão e Racionalização do Cuidado Infantil: O Programa *SuperNanny* como incerteza sobre a infância** [online]. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17395>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

_____. **TV e cuidado infantil: *SuperNanny* e a esquematização da ordem familiar**, 2008. Disponível em: <<http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Flavio%20Meurer.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

MONTEIRO, Luiza Pereira. **A autoridade conselheira e o discurso contemporâneo sobre a crise da/na família** [online]. (Tese de Doutorado em Educação) São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008. Tese de Doutorado em Educação. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18062008-172817/>> Acesso em: 14 nov. 2012.

MORLEY, David. **Family Television: Cultural power and domestic leisure**. London, Comedia, 1986.

O FUXICO. Disponível em: <<http://ofuxico.terra.com.br/noticias-sobre-famosos/internautas-elegem-SuperNanny-o-melhor-reality-show-de-2006/2006/11/13-52998.html>>. Acesso em: 10 out. 2011. Publicado originalmente em 13 de novembro de 2006.

OROZCO, Guillermo. **Televisión y Audiencias: un enfoque cualitativo**. Proyecto Didáctico Quirón, n° 45. Universidad Iberoamericana. Madrid: Ediciones de La Torre, 1996.

PANIAGO, M. L. F. S. ; COSTA, A.C. **Práticas Discursivas de Subjetivação no Programa *Supernanny***. In: XXIV CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO SUDOESTE GOIANO, 2008, Jataí - GO. Anais do XXIV Congresso de Educação do Sudoeste Goiano. Jataí - GO: UFG, 2008.

PERROTTI, Edmir. A cultura das ruas. In: PACHECO, Elza Dias. **Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil**. São Paulo: Loyola, 1991.

POLI, CRIS. **Filhos autônomos, filhos felizes**. 20 ed. São Paulo: Editora Gente, 2006.

- _____. **Pais separados, filhos preparados**. Editora Gente, 2007.
- _____. **Pais e professores: educando com valores**. Editora Gente, 2008.
- _____. **Viva a infância**. 3. ed. São Paulo: Editora Gente, 2009.
- _____. **Pais responsáveis educam juntos**. 2. ed. São Paulo: Editora Gente, 2011.
- _____. **Educando em sala de aula com Cris Poli**. São Paulo, Editora Gente, 2011.

SARMENTO, Manuel. J. As culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In SARMENTO, M. J e CERISARA, A. B. (orgs.). **Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA Editores, 2004.

SBT. SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO. *SuperNanny*. Disponível em: <www.sbt.com.br/SuperNanny>. Acesso em: 10 out. 2011.

SEITER, Ellen. **Television and new media audiences**. Oxford University Press, New York, 1999.

SIBILIA, Paula. **O Show do eu**. A intimidade como espetáculo. 2008. Disponível em: http://www.oshowdoeu.com.br/downloads/trecho_oshowdoeu.pdf. Acesso em: 2 abr. 2013.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: Costa, Marisa Vorraber (org). *In: Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUTO-MAIOR, Sara. **Consumo de mídia e práticas culturais no cotidiano das crianças sob a ótica de seus pais: Estudo de caso em uma creche da rede pública de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado. EPS/ Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em: <<http://teses.eps.ufsc.br/Resumo.asp?6363>>. Acesso em: 5 mar. 2011.

SPOCK, Benjamin. **Meu filho Meu tesouro**. Como criar seus filhos com bom senso e carinho. Tradução: Valerie Rumjanek. 23 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VINHA, Telma Pileggi; BASSETO, Cintia Regina de Camargo; VICENTIN, Marcia Regina; FERRARI, Maria Teresa Baptistella. *SuperNanny e S.O.S Babá*: Um olhar construtivista sobre os procedimentos empregados. 2009. Disponível em:

<<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Scheme/Vol02Num03/Art03.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Tradução de Ana Maria Machado. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ANEXOS

1 Entrevista e workshop com Cris Poli

Durante o período de fundamentação teórica para a pesquisa, vi no mural do CED/UFSC⁸⁹ o cartaz de divulgação do workshop da apresentadora do Programa *SuperNanny*, Cris Poli, na Igreja Sara Nossa Terra, em Florianópolis. Logo entrei em contato com a pessoa que estava promovendo o workshop e também com o filho e empresário de Cris, Esteban Poli para marcar uma entrevista com a apresentadora.

Essa entrevista foi realizada no dia três de setembro de 2011, na Igreja Sara Nossa Terra, em Florianópolis, onde a apresentadora Cris Poli ministrou um workshop sobre educação e disciplina com crianças e adolescentes e, em seguida, concedeu a entrevista transcrita adiante. Mesmo tendo sido foco dessa pesquisa a recepção do Programa *SuperNanny*, assistir a palestra da apresentadora e tê-la entrevistado proporcionou diferentes elementos que contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa. Dentre eles, esteve ver a apresentadora como uma “celebridade” que foi legitimada enquanto especialista não somente sobre educação de crianças, mas também como uma espécie de “líder religiosa”.



Cris Poli falou durante duas horas aproximadamente. Começou a palestra anunciando que o que seria falado ali dizia respeito à gestão da família e mencionou que os filhos são um coroamento para o casal. Sua apresentação foi feita através do PowerPoint, e falou sobre a educação de crianças e adolescentes, enfatizando os conceitos de

⁸⁹Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

autoridade, limite e disciplina, buscando definir esses conceitos através do dicionário e da Bíblia. Cris Poli mencionou que existe muita gente pedindo “socorro” e que o Programa *SuperNanny* ajudou muitas pessoas que o assistem em casa.

O salão da igreja estava lotado e, entre pais e mães, estavam presentes também alguns professores, como a Bárbara, professora de uma escola de São José que veio conversar comigo interessada em saber o que eu estava pesquisando. Como eu estava com a câmera no tripé, o filho e empresário da apresentadora, Esteban Poli, me apresentou para a platéia explicando que eu era estudante e estava pesquisando o Programa *SuperNanny* e, por isso, poderia fazer aquela gravação, mas pediu que as outras pessoas não o fizessem por causa do contrato da apresentadora com o SBT.

Após a exposição, foram feitas muitas perguntas para a apresentadora, todas elas relacionavam-se ao cotidiano na educação de crianças, como, por exemplo, como desmamar o filho, como evitar conflitos entre irmãos, como colocar limites, entre outros. Conforme conversamos na entrevista após seu workshop, a apresentadora citou que as perguntas dos pais/mães e dos (as) professores (as) são de ordem prática e buscam por soluções. Como a mesma disse: “eles querem saber como fazer”. Além da sua forte relação com a religião evangélica, que permeou toda a sua fala, me chamou a atenção a proximidade que criou com o público através de sua linguagem simples e didática, onde trouxe muitos de exemplos do seu cotidiano com seus filhos e netos e também dos pais que participaram do Programa.

Em uma primeira reflexão sobre a sua palestra, a apresentadora criou a conexão com o público que lá estava assistindo por alguns motivos: por ser alguém que compartilha da mesma religião da maioria⁹⁰, por aparentar ser uma pessoa experiente em educação de crianças, por ter em seu discurso técnicas objetivas que soaram como “alívio para a resolução dos problemas” e pela mistura entre a especialista e a avó experiente. A impressão que tive é que as pessoas se sentiram confortáveis com cada exemplo de desafios na educação de crianças que Cris Poli trouxe em sua palestra, como se criasse uma impressão de que as dificuldades não são exclusivas de cada família, e

⁹⁰Escrevo “maioria” porque o workshop foi divulgado em diferentes lugares, como no Centro de Ciências da Educação/UFSC e meios de divulgação eletrônica, como o *Facebook*, e também porque a professora que conheci nesse dia não tem nenhuma relação com a religião.

sim de muitas outras que tem dúvidas semelhantes. Assim que o *workshop* acabou, demos início à entrevista. Me apresentei para Cris Poli como pedagoga, estudante do Curso de Pós-Graduação em Educação e disse que estava ali porque fazia uma pesquisa sobre como pais/mães recebiam o Programa *SuperNanny*. Todas as perguntas que fiz foram bem recebidas pela apresentadora, que me deu o seu email caso eu tivesse mais perguntas. Conversei com Cris Poli logo após a sua palestra, em uma sala dentro da Igreja. Fui nessa sala recebida pelo bispo da igreja, que queria saber de onde eu era e o que eu estava pesquisando e me fez o convite para participar do encontro de jovens da igreja. Em seguida, sentamos nas cadeiras da sala e demos início à entrevista.

Pesquisadora: Você acha que o Programa serve como formação para os telespectadores que estão assistindo?

Cris Poli: Serve, serve, serve porque eu tenho esse retorno das pessoas que assistem ao programa e que têm aplicado aquilo que eu tenho ensinado e que tem dado certo. Então eu tenho esse retorno.

Pesquisadora: Você acha que eles aplicam refletindo sobre o que estão fazendo ou serve como uma técnica para resolver a questão imediatamente?

Cris Poli: Eu acho que passa por uma reflexão, sim. Eu acho que eles se sentem identificados com a situação, o problema ou a idade da criança ou a situação que a criança está fazendo, a atitude que a criança está tendo e eles acabam se vendo no erro dos pais. Então eles acabam aplicando a solução, digamos, o método que eu dou, que eu oriento para mudar primeiramente o comportamento deles para mudar o comportamento da criança. Creio que sirva como reflexão. Inclusive eu acho que os livros também têm servido pra isso, porque são livros bem concretos, bem didáticos, são simples, como pra ter meio livro de cabeceira, para você consultar quando tá com algum problema com os filhos. E os livros reforçam o que eu falo no Programa e nas palestras também.

Pesquisadora: E os princípios cristãos, como aparecem no Programa?

Cris Poli: Aí você vê que na verdade os princípios cristãos não são “denominacionais”, que não são da igreja tal qual, são princípios cristãos que tem a ver com a composição da família, com a interação entre os membros da família, com toda a parte social de você aproximar

os membros da família, de você interagir entre uns e outros, enfim, de dedicação, então não são ruins pelo fato de serem cristãos, entendeu, pelo contrário.

Pesquisadora: E quais são esses valores?

Cris Poli: O que eu passei hoje são os principais. Tem outros que estão associados a isso. Então, eu tenho visto, por exemplo, [que] a autoridade precisa ser incorporada nos pais, ser interiorizada nos pais, a autoridade, a voz de comando, o tempo de qualidade, a responsabilidade na educação dos filhos, o respeito, sabe, o fato de elogiar, incentivar, não ameaçar. E eu tenho procurado dar assim, não somente dar o aconselhável, fazer o oposto com o que eu tenho visto. Então o pai precisa ter autoridade, eu tenho visto pais autoritários. Porque às vezes você fala de autoridade e eles podem confundir com autoritário. Você fala de responsabilidade e eles podem confundir com culpa. Eu tenho tentado nas palestras fazer isso bem didático para que a pessoa possa identificar: não, eu não tou usando de autoridade, eu estou sendo autoritário. Eu estou me sentindo culpado, não estou assumindo a minha responsabilidade. Não é para colocar peso nem culpa em ninguém, é para fazer a pessoa refletir sobre o que tá acontecendo, entendeu? E como a gente estava conversando aí, nem sempre tudo está errado. Às vezes tem gente que viu aqui e falou: nossa, que bom! Você falou certas coisas que são as coisas que eu falo. Então que legal, entendeu? Eu estou fazendo coisas que estão certas.

Pesquisadora: Você considera que o Programa está com o seu jeito?

Cris Poli: Se você viu o Programa do começo, ele mudou muito. No começo ele estava bem estereotipado, a minha maneira de vestir, principalmente o *look* mesmo. E à medida que foi passando o tempo, a gente foi dando a nossa cara, a minha cara, sabe, o jeito latino de ser, porque o Programa originalmente é anglo-saxônico, né? Então ele foi tomando. E hoje o programa do Brasil é dado como referencial para os outros programas, para os outros países. É bem bacana isso aí. Eu tenho uma equipe que trabalha muito conscientemente. Todo mundo gosta muito do programa. Então é feito com muito amor, muita dedicação. Então ele dá como resultado essa qualidade do Programa. Na produção, nos detalhes, nos cuidados, sabe? E hoje o programa é referencial nos outros países, mas ele tem a nossa cara.

Pesquisadora: O Programa está algum tempo fora do ar. Qual a razão para isso?

Cris Poli: Ele está fora do ar, porque, na verdade ele ficou cinco anos no ar, os diretores lá do SBT estavam querendo dar um tempo para o público também, assim, para não ficar estressados, assim, que perdem o interesse e tudo. Então esse ano ficou fora do ar, também inclusive o programa saiu da *Channel4* e foi pra *Warner*, dos Estados Unidos, então eles estão fazendo as negociações, porque a cada temporada eles compram da emissora. São treze temporadas. E então eles estão nessas negociações. Um pouco para dar esse espaço. E as pessoas estão começando a ficar com saudades, já estão perguntando: e aí, quando volta o programa. Então eu acho que pro ano que vem ele volta. Agora, final do ano não é época de voltar com o programa, agora estão terminando todas as temporadas. E depois a gente leva bastante tempo para gravar cada programa. São duas semanas com a família, mais duas ou três semanas para finalizar toda a edição e tudo. Então nós temos que ter uns oito, seis ou oito programas prontos antes de começar a temporada, porque senão a gente não dá conta.

Pesquisadora: E esse que você vai fazer com a escola não tem relação com o Programa?

Cris Poli: Ah, não, esse é outra coisa, do Instituto, é meu, não tem nada a ver com a televisão, não tem nada a ver com a televisão. Isso é um treinamento.... Porque na verdade, o que eu entendo, e a gente entendeu, junto com o Esteban⁹¹ tudo, é que eu sinto que eu preciso meio que treinar outras pessoas para que continuem com a mesma visão de educação, entendeu? Esse treinamento pode interessar para estudantes que estejam na Pedagogia, na Psicologia, pessoas que estejam na área da Pedagogia, da Psicologia, tudo isso daí, e que se interessem em aplicar essa metodologia para espalhar, sabe, para treinar outras pessoas, porque eu não sou eterna, e na televisão eu também não sei até quando vai esse programa. Então eu acho que agente precisa treinar outras pessoas para que ao seu tempo possam ir treinando outras pessoas e que façam um leque.

Pesquisadora: Você considera que criou uma pedagogia própria ou ela se fundamenta em alguma teoria, como Piaget, Vygotski?

⁹¹

Esteban Poli é filho e empresário da apresentadora.

Cris Poli: Não, porque na verdade é meio que uma mistura. Não é uma linha só, não é uma linha de trabalho. Porque as pessoas tentam qualificar, enquadrar. São questões para problemas práticos, então para esses problemas o que se pode fazer? Então eu tenho regrinhas, tem quadrinhos para aplicar em sala de aula isso aí, e tem quatro vídeos sobre problemas que os próprios professores solicitaram. Então é uma coisa bem prática, não é teoria que eles precisam. Eles precisam da coisa prática. Como fazer? O que eu faço? Você viu as perguntas aí. São práticas. Então por isso que eu acho que o Instituto vai poder dar esse treinamento para as pessoas, concreto, com orientações e respondendo perguntas concretas. Na verdade a minha visão é assim, de que cada workshop, cada treinamento que a gente, que eu faça, dar uma parte teórica, que é minha, de fala, com esses problemas, e responder perguntas, concretamente. Então fazer esse bate bola com os profissionais pra responder as perguntas concretas que eles, problemas que eles querem resolver também.

Pesquisadora: *Quais são as questões que mais aparecem nas famílias que você encontra?*

Cris Poli: Falta de limites, total, isso aí, eles não sabem como colocar limites, falta de autoridade, a disciplina tá junto com os limites, a disciplina tá junto com a rotina, com as regras, tudo meio que um bolo só, né? É meio esse diagrama, por um lado o amor, dessa entrega, e do outro o limite. Eu acho que o grande desafio da educação é o equilíbrio entre esses dois pilares, de você poder equilibrar o amor com os limites. Dentro dos limites entra tudo isso, que é disciplina, autoridade, e o amor, o elogio, o incentivo, demonstração, afeto. Poder equilibrar. Na hora que você equilibra essas duas coisas, você consegue educar de uma maneira tranquila. Inclusive tem uma palestra que eu faço sobre a importância da disciplina e do afeto na educação de criança, que parece que uma coisa é incompatível com a outra, que são opostas, sabe, que se você disciplina você não ama, mas o equilíbrio entre uma coisa e outra, as duas coisas são importantes para educação, tanto família como a escola, claro que a manifestação é diferente, mas é importante tanto numa como na outra.

Pesquisadora: *Você segue os mesmos princípios que na educação familiar?*

Cris Poli: Claro, exatamente, só que com uma linguagem de escola. E eu tenho ido bastante em escola, tido bate-papo com professores,

apresentando as dificuldades deles. Os conceitos são os mesmos, mas com linguagem de escola. Tanto é que o Instituto tem algo para escola e algo para família, linguagem para a escola e linguagem para a família. O mesmo conceito de educação.

1.1 Tabelas exibidas no site do Programa⁹² com instruções para serem impressas e colocadas na parede sobre o “Cantinho da Disciplina”. Estão divididas em coisas que as crianças podem e não podem fazer, alterando desenhos para meninos e meninas.

 MENINOS

			
Sim	Arrumar Brinquedos	Comer	Comer
			
Dormir	Obedecer os Pais	Obedecer os Pais	Tomar Banho
			Tomar Banho

⁹²Disponível em: <http://www.sbt.com.br/SuperNanny/cantinhodadisciplina/>.

Último acesso em: Julho de 2013.

 MENINAS

Sim

Arrumar
BrinquedosArrumar
Brinquedos

Comer



Comer



Dormir



Obedecer os Pais



Obedecer os Pais



Tomar Banho



Não



Não Arremessar
Objetos



Não Bater / Não
Brigar



Não Bater / Não
Brigar



Não Chorar



Não Chorar



Não Cuspir



Não Falar Palavrão



Não Provocar /
Não Mostrar a
Língua



Não Xingar

 MENINAS



Não



Não Bater / Não
Brigar



Não Bater/Não
Brigar



Não Chorar



Não provocar os
meninos



Não Xingar

A apresentadora Cris Poli tem seu próprio site⁹³, que exibe links sobre a apresentadora, palestras, livros, produtos e o Instituto Cris Poli para o Ensino, que tem como objetivo implantar seu método nas escolas. Para melhor ilustração, seguem imagens do site.

Cris Poli

Cris Poli é Argentina radicada no Brasil, tem 66 anos e dedicou 40 deles à educação infantil.

Atuou como professora de algumas das mais respeitadas escolas de Buenos Aires até se mudar para São Paulo e aplicar seus conhecimentos em colégios da capital paulista. Formou-se em Educação pelo Instituto Nacional Superior del Profesorado en Lenguas Vivas Juan Ramón Fernandez, de Buenos Aires, na Argentina.

No Brasil, fez Licenciatura em Letras Inglês-Português na USP.

Em 2006 foi convidada pelo SBT para ser a apresentadora do programa Super Nanny. O sucesso da atração rendeu frutos para a educadora Cris Poli. Depois de colocar a criançada na linha, ela virou best-seller ao lançar dois livros sobre educação infantil.

"Filhos autônomos, filhos felizes", o primeiro lançamento de 2006, vendeu mais de 20 mil cópias em poucas semanas nas livrarias. A segunda publicação, "Pais separados, filhos preparados", de 2007, também é sucesso de vendas e a terceira publicação "Pais e Professores Educando com Valores", lançada em 2008 seguiu o mesmo sucesso, em 2009 lançou "Viva a Infância" que já segue o mesmo sucesso dos livros anteriores. Em 2011 lançou seu primeiro livro voltado para professores da Educação Infantil: "Educando em sala de aula com Cris Poli" que através da venda porta-a-porta tem conseguido atingir os educadores de todo Brasil.

O programa Supermanny está em sua oitava temporada no SBT. Mais experiente – afinal o reality show já atingiu a marca surpreendente de 105 famílias em sua trajetória –, Cris Poli continua visitando a casa das pessoas que se inscrevem no site do SBT para tê-la em seu lar. Hoje existem mais de 30 mil famílias cadastradas para receber a visita da educadora mais famosa do Brasil. Durante a visita, ela começa observando o cotidiano da família, para só depois de analisar o que está acontecendo chamar os pais e conversar de maneira séria e construtiva. Cris Poli dá dicas, conselhos e mostra atitudes que podem restaurar a harmonia da casa.

Desde a estréia, em abril de 2006, a atração foi indicada a vários prêmios. Depois de ser eleito o melhor reality show de 2006, em pesquisa realizada pelo site O Fuxico, o programa foi indicado na categoria melhor programa de TV no Prêmio Extra de TV no mesmo ano a Cris foi agraciada com o 5o. Prêmio Criança Brasil, em 2007 recebeu o Prêmio Personalidade pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e em 2008 recebeu um prêmio na 21a Edição do Dia Internacional da Mulher.

A edição brasileira de Super Nanny é admirada em todos os outros países para os quais a Channel4, detentora do formato, vendeu os direitos. Atualmente em 20 países, a montagem brasileira de Super Nanny no SBT é referência nos demais países.



⁹³ Disponível em: <http://www.crispoli.com.br/crispoli>. Último acesso em: Julho de 2013.

- Ensino nas escolas
- Ensino nas famílias

MÓDULOS

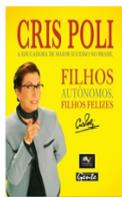
- Educação Infantil - 0 a 5 anos
- Ensino Fundamental 1 - 6 a 10 anos
- Ensino Fundamental 2 - 11 a 14 anos
- Ensino Médio - 15 a 18 anos

CONTEÚDO GERAL

- Autoridade - Comando - Liderança
 - Responsabilidade (dos educadores) - Parceria - Cumplicidade
 - Organização - Rotina - Tarefas
 - Limites - Regras - Disciplina
 - Respeito - Qualidade - Indivíduo
 - Autonomia - Crescimento - Responsabilidade (dos educandos)
 - Incentivo - Elogio - Reconhecimento
 - Amor - Carinho - Afeto
-

Os livros a seguir foram publicados pela apresentadora entre 2006 e 2011.

Livros

**Filhos Autônomos, Filhos Felizes**

Seu filho anseia por uma vida de plenitude. Todos os dias ele envia mensagens sobre o que precisa para ter uma educação eficaz. Você percebe essas mensagens? Crianças malcomportadas, sem uma educação baseada no amor e na disciplina, podem se transformar em jovens infelizes e rebeldes. Em "Filhos autônomos, filhos felizes" Cris Poli ensina que a felicidade de seu filho depende do quanto ele for autônomo, e isso só acontecerá quando você lhe der regras e limites. Ela usa sua experiência de vida pautada na Igreja Evangélica e sua atuação na Escola do Futuro para ajudar os pais a educarem melhor suas crianças. Seu filho sabe muito bem o que precisa em sua educação. E ele conta com você!

**Pais Separados, Filhos Preparados**

O fato de alguns casamentos não durarem para sempre não é mais motivo para espanto. Contudo, será que é possível poupar os filhos dos desgastes de uma separação? Cris Poli vem novamente auxiliar você na educação de seu pequeno. E, desta vez, aborda as questões que afligem pais e mães divorciados que se preocupam com o bem-estar de suas crianças. Este livro dará a você os conhecimentos necessários para lidar com as dificuldades típicas vivenciadas por filhos de pais separados. Pais separados, filhos preparados é um convite a um valioso aprendizado: é possível haver respeito entre o casal, mesmo com o término do casamento, a fim de priorizar os filhos, tornando-os adultos saudáveis e felizes!

**Pais e Professores Educando com Valores**

Embora não seja nova a necessidade de os adultos cuidarem de modo mais adequado da formação de suas crianças, muitas pessoas desconhecem formas eficientes de fazer isso. Neste livro, Cris Poli aborda esse assunto amparada em sua experiência para ajudá-lo a perceber a importância da atuação conjunta, da família e da escola, na formação do ser humano. Em "Pais e professores educando com valores" você vai descobrir que o melhor caminho para formar corretamente a personalidade de seus filhos é a parceria com a escola. O papel deste livro é chamar as famílias e os educadores em geral para essa conscientização. Se você é pai, mãe, professor ou tem alguma influência, pequena que seja, na formação da personalidade de uma criança, é hora de tomar consciência de sua responsabilidade. Vamos juntos buscar soluções para a formação de adultos saudáveis, felizes e capazes de dar continuidade às tarefas que hoje estão em nossas mãos.

**Viva a Infância**

Mais do que simplesmente criar filhos, educar nossas crianças é, acima de tudo, uma missão. O propósito dessa missão é ajudá-las a viver de modo pleno para que desenvolvam uma personalidade sábia e se tornem adolescentes e, depois, adultos autônomos e de bem com a vida. A proposta deste livro é a conscientização da importância de uma infância bem vivida, de modo a encontrar uma forma de proporcionar às crianças uma vida saudável, essencial para a formação de pessoas realizadas. O livro fala, em especial, sobre como você pode ajudar seus filhos a serem de fato crianças. É também um alerta para que você — por descuido, desconhecimento ou omissão — não roube a infância deles. Como em seus outros livros, mais uma vez Cris Poli convida os leitores a encontrar caminhos para conseguir os melhores resultados de forma que seus filhos tenham uma infância alegre e construtiva, como todas as crianças merecem ter.



Educando em Sala de Aula com Cris Poli

Ser professor de Educação Infantil é uma atividade nobre, gratificante e recompensadora. Porém, todos sabem que ela não é isenta de dificuldades. Ensinar e educar crianças na faixa de 3 a 5 anos é uma missão séria, e os obstáculos vão desde as limitações de recursos das próprias escolas, sejam elas públicas ou particulares, passando por problemas familiares, sociais e até por questões da própria criança, como disciplina e reconhecimento de limites, regras e valores. Ainda assim, é possível educar nossas crianças com qualidade e responsabilidade. A educadora Cris Poli, conhecida por seu trabalho com crianças e famílias em um programa de televisão, mostra nesta coleção como lidar com os aspectos envolvidos na atual realidade das crianças de Educação Infantil. Dirigida a professores e educadores em geral, destina-se a ajudar esses profissionais com discussões, soluções, respostas e sugestões, propondo ações, auxiliando na avaliação de resultados e incentivando a melhora do trabalho em sala de aula.



Pais Responsáveis Educam Juntos

Ter um filho muda para sempre a vida da futura mamãe e do futuro papai. Chegando no momento planejado, ou não, um filho é sempre um grande presente, mas que precisa ser orientado com a seriedade necessária. Partindo da premissa de que a responsabilidade de educar os filhos é dos pais, Cris Poli apresenta conselhos preciosos para que, trabalhando em equipe, pai e mãe se saiam bem nessa tarefa. Com exemplos próprios e de famílias que conheceu ao longo de sua carreira como educadora, a autora mostra de forma extremamente prática a melhor maneira de os pais agirem em diversas situações, desde a amamentação até a como impor limites e discipliná-los em amor. Você conhecerá as fases da criança, as mudanças em suas atitudes e comportamentos e aprenderá a como controlar e usar as emoções a seu favor. Com papéis bem definidos, cooperação e diálogo, com certeza pai e mãe serão bem-sucedidos na aventura de educar os filhos.

O Instituto Cris Poli para o Ensino.

Instituto Cris Poli para o Ensino

Promove:

- Palestras sobre educação de filhos, transmissão de valores, mudanças de comportamento, nutrição infantil, fonoaudiologia, problemas de aprendizado entre outros.
- Cursos de treinamento e capacitação na área comportamental e workshops para professores e escolas com duração de 1 ou 2 dias.
- Seminários sobre comportamento em sala de aula para estudantes de magistério, pedagogia e psicologia.
- Palestras e conferências para pais.

PALESTRAS PARA PAIS E EDUCADORES

CURSO/TREINAMENTO EM ESCOLAS - Workshop de 02 dias

PROPOSTA DE ATIVIDADES

"Ensina a criança no caminho em que deve andar e ainda quando for velho não se desviará dele." Prov. 22:6

VISÃO

Necessidade de uma mudança de base na educação, que produza impacto na sociedade, uma verdadeira revolução educacional

MISSÃO

Transmitir aos educadores (professores e pais) princípios e valores, fundamentados na Bíblia, que irão formar o caráter dos futuros líderes.



Questionário sobre o consumo de mídias e suas práticas culturais no cotidiano

1. Nome:

2. Idade:

Onde nasceu:

3. Com quem mora?

4. Local de nascimento:

5. Onde mora (bairro): casa () apartamento ()

6. Número de quartos:

7. Em que lugar da casa assiste televisão?

8. Com quem costuma assistir televisão?

9. Equipamentos de mídia que possui:

Telefone ()

Celular ()

Televisão () TV de canal aberto () TV por assinatura ()

Vídeo ()

DVD ()

Rádio ()

Aparelho de CD ()

Computador ()

12. Alguém na família usa computador?

13. Você já usou computador?

Em que ocasiões?

Com que frequência?

14. Você já entrou na internet?
Com que frequência?

O que fez?

15. Do que você gosta mais?

Ouvir rádio () Ver TV () Ler revista () Ler livro () Ver
filme () Usar internet ()

16. Se usa internet, quais sites costuma acessar?

17. Você deixa a televisão ligada enquanto você está fazendo outras
coisas que não seja assistir a televisão? E o rádio, o som, o computador?

18. Quando almoça ou janta a TV está ligada?

19. Seu programa de TV favorito:
E dos outros moradores da casa?

20. Por quê?

21. Outros programas que vê:
E das outros moradores da casa?

22. Programas de que menos gosta:
E os outros moradores da casa?

23. Por quê?

24. Programas favoritos dos adultos da família:

25. Programas favoritos das crianças da família:

26. Até que série (ou ano) os adultos da família estudaram?

27. Em que série estão as crianças da família?

28. Em que escola estudam?

29. Qual o seu momento de lazer do dia? O que faz nele?

30. E dos outros moradores da casa?

30. Você costuma ler livros? Que tipo de livros?
31. Alguém na família costuma ler livros? Quem? Que tipo de livros?
32. Alguém na família lê jornais? Quem?
33. Qual o jornal?
34. O que acha que essas pessoas lêem no jornal?
35. Você já foi alguma vez ao cinema?
E a criança?
36. Mais ou menos quantas vezes?
E a criança?
37. Qual o filme de que mais gostou?
38. Por quê?
39. Você já viu alguma peça de teatro?
E a criança?
40. Onde?
41. O que você mais gosta de fazer nas horas de lazer / final de semana?
42. Se você pudesse inventar um programa para assistir, como seria este programa?
43. E se pudesse inventar um programa para a criança, como seria?

Questionário para as entrevistas com os pais/mãe sobre a recepção do Programa Supernanny

- Você costuma assistir o Programa? Por quê? Com que frequência? Na companhia de alguém?

- O que você achou do (s) episódio (s) a que assistiu? Alguma coisa o/a agradou? Alguma coisa o/a desagradou?

- Você já conversou com alguém, como familiares, colegas e amigos sobre alguma coisa que viu no Programa? Lembra de algum exemplo?

- O Programa já o fez questionar alguma coisa na relação com seus filhos e familiares?

- Você já encontrou no Programa alguma resposta para eventuais problemas?

- Em caso afirmativo, você já “usou” alguma das coisas que aprendeu com o Programa na educação de seu (s) filho (s)? O que percebeu depois? E as crianças e os adultos em seu convívio, o que acharam?

- Lembra de alguma decisão que tivesse que tomar na sua família que tinha a ver com o que você viu no Programa Supernanny?

- Quais são os maiores desafios que você encontra para educar seu (s) filho (s)?

- Acha que o Programa te ajuda/ ajudou a resolver algum desses desafios? Ou acha que atrapalhou, ou não acrescentou nada? Por quê?

- Em sua opinião, quais as razões para o surgimento e a grande audiência do Programa *Supernanny*?

- Considera que ele é uma contribuição à educação das crianças nos dias atuais? Por quê?

- O que você entende por educação de crianças?

- Sua opinião mudou em alguma coisa depois que você assistiu ao Programa?

- Como você compararia o modo como foi educada por seus familiares e o modo como educa seus filhos?

- E como você compararia os modos como foi educada e como educa os seus filhos com as propostas da Supernanny? O que é parecido e o que é diferente?

- Com quem você conta para ajudar na educação de seus filhos?

- Em quais espaços/com quem você costuma falar sobre educação de crianças e sobre a educação de seu filho?

- Como você compreende o papel da escola e do (a) professor (a) de seu filho (a) diante do que conversamos?

- Como avalia o Programa Supernanny enquanto uma forma de ensinar pais e mães a educarem seus filhos?

- Você se lembra de alguma outra coisa que considera interessante e que tenha como contribuído com você na educação de seus filhos (as)?

- Gostaria que existisse alguma coisa/projeto com esse objetivo? Como seria?

- Quais são os valores que você considera fundamentais na educação do seu filho?

- Você os encontra ou não no Programa *Supernanny*? Como?

- Se você tivesse que explicar para alguém para o quê se educa uma criança, o que você diria?

- E se você tivesse que dizer como as pessoas de modo geral estão educando as crianças hoje em dia, o que você diria? E as pessoas que você vê a sua volta no cotidiano, como educam as crianças?

- E como você vê a ação das crianças em relação aos adultos? De modo geral? E no cotidiano?

- Se você tivesse que explicar para esse alguém o que é o Programa Supernanny como funciona e para que ele surgiu, como você explicaria?

- Sabe se os seus pais buscavam apoio em alguma referência para educar seus filhos? Acha que na época em que seus pais te educaram eles assistiriam ao Programa Supernanny? Por quê?

- Você acharia interessante receber a Supernanny na sua família? Como você acha que seria?

